



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

MYRIAN CONCEIÇÃO CRUSOÉ ROCHA SALES

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA ANÁLISE DAS VOZES
AXIOLÓGICAS NAS REDAÇÕES DO ENEM 2015

Salvador

2022

MYRIAN CONCEIÇÃO CRUSOÉ ROCHA SALES

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA ANÁLISE DAS VOZES
AXIOLÓGICAS NAS REDAÇÕES DO ENEM 2015**

Tese apresentada para Defesa ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lícia Maria Bahia Heine

Salvador

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sales, Myrian Conceição Crusoé Rocha
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA ANÁLISE DAS VOZES
AXIOLÓGICAS NAS REDAÇÕES DO ENEM 2015 / Myrian Conceição
Crusoé Rocha Sales. -- Salvador, 2022.
106 f.

Orientadora: Lícia Maria Bahia Heine.
Tese (Doutorado - DOUTORADO EM LÍNGUA E
CULTURA/PPGLINC) -- Universidade Federal da Bahia,
Universidade Federal da Bahia, PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA (PPGLINC), 2022.

1. Fase Bakhtiniana. 2. Linguística Textual. 3.
Redações do Enem. 4. Relação exotópica. 5. Vozes
axiológicas. I. Heine, Lícia Maria Bahia. II. Título.

MYRIAN CONCEIÇÃO CRUSOÉ ROCHA SALES

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA ANÁLISE DAS VOZES AXIOLÓGICAS NAS REDAÇÕES DO ENEM 2015

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura,
Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 04 de julho de 2022

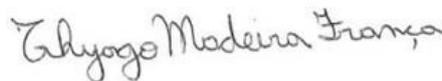
Prof^a. Dr^a. Lícia Bahia Heine – Orientadora



Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia.

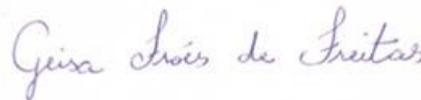
Prof. Dr. Thyago Madeira França, UEG



Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia

Universidade Estadual de Goiás

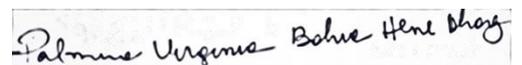
Prof^a Dr^a. Geisa Fróes de Freitas, IFBA



Doutora em Língua e Cultura pelo PPGLinc-UFBA

Instituto Federal da Bahia do campus Salvador

Prof^a. Dr^a. Palmira Virginia Bahia Heine Alvarez, UFBA



Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof^a Dr^a. Iraneide Santos Costa, UFBA



Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

A todo momento estamos aprendendo com o outro, pois a interrelação nos permite tal transformação. Participar da realização de uma pesquisa de estudo foi uma experiência única porque compreendi o dizer do outro e respondi axiologicamente a esse dizer, trazendo reflexões para que outros também participem. Tudo isso me faz pensar que todo ser vive e convive, formando uma rede de relações dialógicas.

Conhecemos o outro não por si só, mas por ideias que foram construídas coletivamente e interiormente, assim, vamos vivendo a vida vivida. Somos seres heteroglóssicos e estamos sempre refletindo e refratando a realidade.

Pensando assim, agradeço esse momento ímpar na minha vida acadêmica a muitas pessoas com as quais dialoguei e dialogo até hoje nas minhas reflexões.

Por acreditar que não somos sós neste Universo, inicio meus agradecimentos a Deus por estar presente na minha vida, fazendo do ato de viver um momento esplendoroso.

Agradeço a minha família pela presença das vozes com as quais aprendi muito e consigo estabelecer conexão com outros centros axiológicos. Não poderia deixar de destacar três mulheres que acreditaram em mim, minha mãe Gaída, minha irmã primogênita Jeísa Crusoé e a caçula Iêda Crusoé Rebello que me deram a mão, encorajando-me a dar os primeiros passos na pós-graduação. Iêda, a caçulinha, sempre nos incentiva a seguir em frente e nunca desistir. Nesse círculo de apoio fui me constituindo. Muito obrigada, mulheres da vida!

Agradeço também os diálogos, o companheirismo e o estímulo de Ricardo ou, carinhosamente conhecido por Cacau. Em momentos de insegurança e desânimo, ele estava sempre ao meu lado incentivando e ajudando com as pesquisas. Gratidão!

Aos meus amados filhos Ícaro e Vini. Com eles vivo a essência do amor, a alegria em vê-los evoluindo nos estudos, fazendo-me refletir sobre o quão importante é a educação. O diálogo neste espaço familiar foi fundamental para entendermos que somos seres heteroglóssico e nos constituímos na relação com o outro. Só tenho a agradecer pela oportunidade de tê-los em minha vida.

Feito os primeiros agradecimentos, reconhecendo em mim as minhas origens, passo agora a agradecer as relações exotópicas que tive na academia, mais especificamente na Universidade Federal da Bahia, a qual tenho orgulho de ser “aluna da pós”. Nela, pude interagir com outras vozes, muitas delas concordei, outras discordei, despertando em mim novos olhares, lá aprendi que o discurso pode ser metamorfoseado, conforme sua historicidade e relação social ideológica. Assim, inicio os agradecimentos nesse campo social ao qual participei e participo.

Agradeço a minha querida orientadora, pró Lícia, assim chamada carinhosamente por nós, alunos(as) da pós, da graduação e membros do NUPED (grupo de pesquisa, coordenado por ela, que me fortaleceu para chagar até aqui). Profa. Lícia é aquela pessoa que interage com o outro nos seus “liames” com o pensamento bakhtiniano, deixando em nós as

“nuances” que as pesquisas nos apresentam para assim, refletirmos e refratamos a realidade.

Agradeço à Profa. Palmira Heine, não só pelo olhar sociólogo, analista de discurso, mas também pela serenidade e sabedoria com que participou da minha qualificação.

À Profa. Iraneide Costa pela análise acurada na minha tese, levantando observações pertinentes na minha qualificação para melhoria da minha pesquisa.

Agradeço também ao Prof. Luiz Rosalvo Costa pela leitura inicial da minha tese e pelas observações coerentes e sugestões para progressão da minha pesquisa.

Meu muito obrigada ao nupedianos, aos colegas de trabalho (EMITec, ICEP, UNEAD) e aos funcionários da PPGLinc (UFBA).

Contranarciso

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

(LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.)

SALES, Myrian Conceição Crusoé Rocha. Violência contra a mulher: uma análise bakhtiniana das vozes axiológicas nas redações do Enem 2015. 106 f. il. 2021 Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa intitulada “Violência contra a mulher: uma análise das vozes axiológicas nas redações do Enem 2015” tem por objetivo analisar como o sujeito responsivo se posiciona e dialoga com outras vozes. Essa investida pauta-se nos estudos da fase bakhtiniana da Linguística Textual (LT), que se apoia em alguns dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, ampliando, desse modo, a pesquisa inerente à fase bakhtiniana, a qual concebe o texto como evento dialógico, semiótico, falado ou escrito. O corpus desse trabalho são nove amostras das redações produzidas pelos candidatos de Salvador (Bahia) no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). No processo das análises, foram consideradas a camada histórico-ideológica, as vozes axiológicas e a posição do sujeito discursivo assumida diante da seguinte proposta temática de redação: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. As análises mostraram um embate de vozes sobre o tema da violência contra a mulher, posicionando-se contra o machismo presente na sociedade. Alguns posicionamentos revelaram que a ascensão feminina ainda não é aceita por muitas pessoas, ocasionando a continuidade da violência contra a mulher na sociedade em pleno século XXI.

Palavras-chave: Fase Bakhtiniana. Linguística Textual. Redações do Enem. Relação exotópica. Vozes axiológicas.

ABSTRACT

This research entitled “Violence against women: an analysis of axiological voices in the newsrooms of the Enem 2015” aims to analyze how the responsive subject positions himself and dialogues with other voices. This approach is based on studies of the Bakhtinian phase of Textual Linguistics (TL), which is based on some theoretical assumptions of the Bakhtin Circle, thus expanding the research inherent to the Bakhtinian phase, which conceives the text as a dialogic event, semiotic, spoken or written. The corpus of this work is nine samples of essays produced by candidates from Salvador (Bahia) in the National High School Exam (Enem). In the process of analysis, the historical-ideological layer, the axiological voices and the position of the discursive subject assumed in front of the following thematic proposal of writing were considered: “The persistence of violence against women in Brazilian society”. The analyzes showed a clash of voices on the issue of violence against women, positioning themselves against the machismo present in society. Some positions revealed that the rise of women still bothers many people, causing the continuity of violence against women in society in the 21st century.

Key words: Bakhtinian phase. Textual Linguistics. Enem essays. Exotopic relationship. Axiological voices.

RESUMEN

Esta investigación titulada “Violencia contra la mujer: un análisis de las voces axiológicas en las redacciones del Enem 2015” tiene como objetivo analizar cómo el sujeto receptivo se posiciona y dialoga con otras voces. Este enfoque se basa en estudios de la fase bajtiniana de la Lingüística Textual (TL), que se apoya en algunos de los presupuestos teóricos del Círculo de Bajtín, ampliando así la investigación inherente a la fase bajtiniana, que concibe el texto como un acontecimiento dialógico, semiótica, hablada o escrita. El corpus de este trabajo son nueve muestras de ensayos producidos por candidatos de Salvador (Bahia) en el Examen Nacional de Enseñanza Media (Enem). En el proceso de análisis, se consideró el estrato histórico-ideológico, las voces axiológicas y la posición del sujeto discursivo asumido frente a la siguiente propuesta temática de escritura: “La persistencia de la violencia contra la mujer en la sociedad brasileña”. Los análisis mostraron un choque de voces sobre el tema de la violencia contra las mujeres, posicionándose frente al machismo presente en la sociedad. Algunas posturas revelaron que el ascenso de la mujer aún molesta a muchas personas, provocando la continuidad de la violencia contra la mujer en la sociedad del siglo XXI.

Palabras clave: Fase Bajtiniana. Lingüística Textual. Ensayos enem. Relación exotópica. Voces axiológicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO	17
2 SOBRE A AUTORIA DA OBRA MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM (MFL)	19
3 REFLEXÕES SOBRE A IDEOLOGIA E O CÍRCULO DE BAKHTIN	32
3.1 POR QUE ADOTAR A EXPRESSÃO CÍRCULO DE BAKHTIN?	33
3.2 O CONTEXTO ETIMOLÓGICO DA PALAVRA IDEOLOGIA EM ANTOINE DESTUTT DE TRACY	36
3.3 REFLEXÕES SOBRE IDEOLOGIA EM MARX E ENGELS	38
3.4 POSIÇÕES IDEOLÓGICAS NO CÍRCULO: VOLOSHINOV, MEDVIÉDEV E BAKHTIN	44
3.4.1 Reflexões sobre a ideologia em Volochínov (Círculo de Bakhtin) presente na obra Marxismo e Filosofia da Linguagem	44
3.4.2 A ideologia em Medviédev	50
3.4.3 A ideologia em Bakhtin	52
4 SUJEITO RESPONSIVO	57
5 A RELAÇÃO EXOTÓPICA E A AÇÃO DE AUTORAR	61
6 PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS DA NOVA FASE DA LINGUÍSTICA TEXTUAL: FASE BAKHTINIANA	66
7 METODOLOGIA	72
7.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS	76
8 ANÁLISE DE DADOS	79
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Desde 2009, a autora desta tese vem pesquisando, junto com o Núcleo de Pesquisa do Discurso (NUPED/UFBA), as ideias do Círculo de Bakhtin, acompanhando a proposta de uma nova fase da Linguística Textual, intitulada de bakhtiniana, apresentada pela coordenadora do grupo, Profa. Dr^a Lícia Heine. Vários artigos foram publicados com temáticas diversas como: anáfora semiotizada, fase bakhtiniana da LT, sujeito bakhtiniano, enunciado metamorfoseado, entre outros voltados às ideias do Círculo bakhtiniano. Em 2016, a doutoranda defendeu sua dissertação intitulada *Construção de sentidos em livros didáticos: uma abordagem dialógico-textual*, revelando a ausência de atividades de construção de sentidos que consideram os aspectos sócio-histórico-ideológico constitutivos do texto. Esta fragilidade está relacionada à própria conjectura política educacional que envolve a produção desses materiais didáticos. Assim, o déficit do ensino de aprendizagem dos alunos pode estar relacionado a um feixe de elementos, dentre os quais, mencionam-se a formação dos professores e a produção dos livros didáticos que não oportunizam o cidadão a refletir sobre as vozes sociais presentes nos textos, deixando essa parte para o professor(a) que, muitas vezes, não possuem tempo para pesquisa e planejamento. Dando continuidade à pesquisa de base bakhtiniana, pensou-se em analisar as redações do Enem de 2015 que trazem a temática sobre a violência contra a mulher, levando às seguintes inquiuições: como os estudantes e/ou concluintes soteropolitanos do ensino médio se posicionam diante dessa temática? Que vozes sociais se revelam nesse embate? Nasceu, então, uma pesquisa que observa o alguns dos aspectos do dialogismo na produção escrita oriunda do Enem em pauta.

Esta tese de doutorado, intitulada *Violência contra a mulher: uma análise bakhtiniana das vozes axiológicas nas redações do Enem 2015*, inscreve-se no quadro teórico da Linguística Textual (LT) e nos estudos do Círculo bakhtiniano, sobretudo, no que se refere à concepção de texto como evento dialógico, reconhecendo o sujeito responsivo que interage com o outro, isto é, com um “outro centro axiológico” (FARACO, 2010, p. 155) numa relação de exotopia. Nas palavras de Heine (2017, p. 352), o “sujeito dialógico tem como pedra angular a intersubjetividade; por outras palavras, é impossível pensar ‘o ser’ fora das relações com “o outro” – célula incisiva do processo de dialogização” (HEINE, 2017, p. 352).

Fundamentada no conceito de Bakhtin (2009, 2010, 2011) sobre o sujeito responsivo, essa tese compreende que há uma relação exotópica entre os sujeitos

discursivos que ocorre não apenas na expressividade oral, na interação face a face, mas também no ato da leitura e escrita, ou seja, ao produzir um texto, o sujeito autor assume uma posição socioaxiológica advinda das interações vividas com outros sujeitos discursivos. Ao se posicionar, o sujeito responde axiologicamente interagindo com o texto, deixando marcas linguistas-discursivas que remetem às vozes dialogadas nas relações sociais. Nesses discursos, estão presentes as vozes axiológicas que foram refratadas no processo dialógico e que são passivas de análise. Pensando desse modo, surgem algumas questões: como os sujeitos responsivos, participantes do Enem e concluintes do ensino médio em Salvador (Bahia), se posicionam diante da temática sobre a violência contra as mulheres? Quais valores axiológicos dialogam com essa temática? Para responder a essas e outras perguntas, a pesquisa em tela buscou analisar as vozes axiológicas presentes em algumas redações do Enem em pauta.

A escolha desse corpus, redação do Enem 2015, surge pela importância em trazer reflexões sobre como os sujeitos responsivos se posicionam diante do tema: a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira. Um tema caro e urgente em nosso tempo em que o patriarcado e o machismo estrutural ainda são uma constância social e vistos, muitas vezes, com naturalidade. As vozes presentes nas redações serão analisadas a partir da base teórica da fase bakhtiniana da Linguística Textual.

A tese em tela encontrou poucas pesquisas que mostram essa análise textual na LT. Por exemplo, Nathália Rodrighero Salinas Polachin, na sua dissertação, analisa as vozes nas redações do Enem, revelando as réplicas ativas nas múltiplas vozes presentes nas redações, mas não traz uma análise dessas vozes sociais. Diferentemente dessa dissertação, esta pesquisa de doutorado se insere em um dos trabalhos que discute as redações, considerando-as, efetivamente, textos munidos de ideologia, fenômeno pouco trabalhado na tradição da LT, mas, indubitavelmente, traço inescapável a todo e qualquer texto gerado no seio social. Pesquisa que representa um avanço substantivo nos estudos tradicionais da LT, mas sendo contemplado nas pesquisas textuais de cunho bakhtiniano. Esse investimento, que considera o sujeito responsivo na relação exotópica, representa um ganho fulcral na aprendizagem de leitura e produção textual nas escolas, pois se discute e analisa as vozes e as posições axiológicas dos sujeitos sociais, fazendo com que o leitor ou escritor perceba a estética da criação verbal.

A teoria da relação exotópica está inscrita na obra de Bakhtin (2011), *Estética da Criação Verbal*, na qual o autor apresenta discussões filosóficas sobre a relação autor-

pessoa, autor-criador e personagem. Nesta relação, o sujeito se constitui na interação com o outro em momentos concretos fundamentais de construção e reciprocidade. Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim, e eu-para-o-outro. Assim sendo, a palavra enunciada se apresenta impregnada pelo olhar de fora, ou seja, pelas vozes do outro construído no processo dialógico no qual o eu e o outro possuem um universo de valores que se encontram e se divergem, sendo no plano da alteridade que cada um orienta seus atos. A perspectiva dialógica se faz ativa nesse processo, nas palavras de Bakhtin:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2011, p. 294-295)

Pensando dessa forma, o texto nunca será um produto pronto e acabado, pois os sentidos são construídos no processo interativo, haverá sempre sujeitos discursivos que interagem axiologicamente com as posições sociais valorativas, podendo ocorrer uma interação de contraposição entre centros de valores. Esses estudos do Círculo permitem o surgimento de uma nova fase da LT que analisa o texto em seus aspectos sócio-históricos e ideológicos, concebendo-o como evento dialógico, semiótico, falado ou escrito, constitutivo de vozes axiológicas. Essa nova proposição vem sendo pesquisada por Heine desde 2008.

A LT vem passando por significativas mudanças em relação à concepção de texto e sujeito. As suas fases mostram essa mutação, como: análises *transfrásticas*, a qual tinha um olhar voltado para a frase e não ao todo do texto; depois a fase *gramáticas textuais*, que via o texto como “unidade teórica formalmente construída” (BENTES, 2012); a terceira fase, nomeada *teorias de texto*, analisava o texto como processo, tendo como alicerce filosófico a pragmática; a fase *sociocognitivainteracional* (KOCH, 2009), que apresenta o processo cognitivo no processo textual, definindo o texto como o “[...] próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009, p. 33). Apesar de afirmar que os sujeitos dialogicamente se constituem na interação com o texto, essa pesquisa sentiu falta da base teórica sobre dialogicidade e de uma análise discursiva dos textos; a fase bakhtiniana (HEINE, 2008, 2011, 2012, 2014, 2015, 2018, 2018a, 2020), que vem propondo uma análise textual com base nas ideias do Círculo de Bakhtin. Para tanto,

apresenta o conceito de texto como “evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social” (HEINE, 2018).

Após esse panorama sobre os estudos da LT, essa pesquisa ressalta que o trabalho pedagógico com compreensão e produção textual não deve parar nas primeiras fases da LT, mas acompanhar sua evolução nos estudos do texto com seus aspectos sócio-histórico e ideológico.

No final da década de 80, os estudos da LT sobre o texto começam a assumir uma posição mais interacionista, sociocognitiva, contextual e não apenas cotextual, ou seja, preso na materialidade linguística. Essa concepção traz um avanço significativo para a LT, já que tenta ultrapassar a materialidade linguística que se fazia tão presente nos estudos do texto. Koch (2011) ressalta, nessa fase, que o texto é como construto histórico e social, como lugar de interação entre sujeitos sociais que dialogicamente se constituem e são constituídos. No entanto, apesar de reconhecer o texto constituído dos aspectos socio-históricos, essa fase sociocognitivainteracional deixa lacunas quanto as suas análises, pois nelas a ênfase maior recai nos aspectos de textualidade, não pondo em foco os signos não verbais. Nessas análises, não estão presentes a axiologia, a interatividade, as forças socialmente vivas dos enunciados. Assim, surge uma nova proposta que pode preencher essa lacuna, são as ideias do círculo de Bakhtin defendida por Heine desde 2008. Portanto, o texto, nessa pesquisa, não será visto como um produto pronto, acabado em si mesmo, mas um contínuo processo que se pauta numa concepção bakhtiniana, considerando o sujeito ativo, envolto pelas relações axiológicas.

Na proposta de Heine (2018a), considera-se o texto

como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.). Assim compreendido, o texto pode constituir-se da linguagem verbal, ou da linguagem verbo-visual, ou ainda da linguagem não verbal, bem como de aspectos histórico-ideológicos, caracterizados pelo processamento de sentidos inferenciais. (HEINE, 2018a, p. 18-19).

A definição de texto defendida pela autora considera o aspecto histórico-ideológico não dicotômico do texto, até porque, nas palavras do próprio Bakhtin, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 268). Dito desta

forma, os fenômenos linguísticos (fonético, léxico, gramatical) só entram no sistema da língua após ter experimentado e elaborado diversos gêneros e estilos, portanto os aspectos sócio-históricos, ideológicos e o linguístico-formal dão unicidade ao texto.

Esse conceito amplia a visão no trabalho pedagógico concernente à compreensão e produção textual por ultrapassar a materialidade linguística presente no texto. A construção de sentido está alicerçada nas diferentes estratégias extralinguísticas, olhando o texto como evento dialógico, abarcando, por conseguinte, os signos semióticos que incluem o texto falado, escrito e os demais signos não verbais, presentes no cotidiano social humano, considerados, sobretudo, a partir de aspecto social e histórico.

Pensando nisso, a presente pesquisa tem como base os seguintes conceitos do Círculo: ideologia, sujeito responsivo, relação exotópica e autoria para analisar as representações dialógicas nas escritas dos candidatos do Enem em 2015. Para isso, foram selecionadas produções textuais de candidatos oriundos de escolas públicas do município de Salvador, Bahia, para constituírem o *corpus* desta pesquisa. As análises têm como base a LT e os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, mas também apresentam contribuições de pesquisas desenvolvidas sobre o assunto que podem auxiliar no ensino de produção e compreensão textual.

Quanto ao sujeito, Bakhtin (2011) afirma que ele deve assumir uma atitude “responsiva ativa” (BAKHTIN, 2011, p. 271), ou seja, ainda que não se pronuncie oralmente, ele atuará responsivamente no que tange ao processo discursivo. Por conseguinte, no processo de leitura, o sujeito leitor assume uma atitude responsiva com as ideias do autor. Partindo desse princípio, esta pesquisa entende que os participantes do Enem 2015, ao construírem seu texto, cujo tema é “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, assumem a posição responsiva explícita, ao dialogarem com os textos “motivadores”, isto é, os textos impressos na prova da redação e com outros textos que circulam socialmente para, então, posicionarem-se diante do tema.

Dentro dessa perspectiva, o diálogo com os textos faz o aluno refletir sobre as possibilidades do dizível e do não dizível, procurando se posicionar, trazendo à tona os aspectos históricos, sociais e ideológicos num processo de construção daquele momento, pois todo sujeito, na concepção bakhtiniana, é um ser social, atravessado pela condição histórica e ideológica.

Corroborando com esse pensamento, Sobral (2013), Tezza (2005) Zoppi-Fontana (2005) Faraco (2013) nos mostram um sujeito responsivo que interage com o outro, estabelecendo a arquitetura bakhtiniana no processo exotópico “eu-para-mim, eu-para-o-outro, eu-em-mim” (BAKHTIN, 2010, p. 114). No momento da produção textual, esse sujeito responsivo assume uma posição e, ao fazer isso, inicia-se o processo de criação textual. Apoiando-se no dialogismo bakhtiniano, o agir do sujeito é caracterizado pelo ato responsável, havendo assim uma dimensão valorativa desse sujeito sobre seu próprio ato (estético). A concepção bakhtiniana de estético “[...] resulta de um processo que busca representar o mundo do ponto de vista da ação exotópica do autor, que está fundada no social e no histórico, nas relações sociais de que participa o autor” (SOBRAL, 2013, p. 108). Portanto, os sujeitos possuem dimensões valorativas e sempre respondem axiologicamente nas interações.

Diante dessa concepção, percebe-se, na produção textual dos participantes do Enem, uma relação exotópica em que há um diálogo entre os textos motivadores e o sujeito responsivo o qual se posiciona frente ao assunto proposto, deixando explícito os valores axiológicos construídos.

Segundo Bakhtin, “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2011, p. 271). As respostas carregadas de valores sociais ideológicos são elementos presentes nos textos e fundamentais para uma compreensão dialógica. Assim, o leitor se torna sujeito responsivo que pode se tornar escritor dialogando com os textos lidos. Essa compreensão textual dialógica perpassa tanto pela discussão do processo de criação textual, que envolve o autor-criador e o autor-pessoa, quanto pela dimensão exotópica entre o sujeito (que pode ser leitor ou ouvinte que se torna falante ou escritor) e o outro (autor).

Com base nessa concepção, a pesquisa em tela investigará posições valorativas dos sujeitos responsivos em produções textuais do Enem 2015, mais especificamente de participantes soteropolitanos. Esse estudo tem como fundamentação teórica a LT na sua fase bakhtiniana.

O sujeito responsivo no texto posiciona-se como autor, respondendo axiologicamente aos enunciados, deixando marcas linguísticas-discursivas para análises, envolvendo os aspectos socio-históricos e ideológicos. Como há pouco estudo direcionado à aprendizagem com esse olhar, em especial, nas produções textuais dos

alunos da educação básica, é primordial estender esses estudos sobre texto e sujeito para as escolas, apresentando avanços e contribuições.

Nas produções textuais dos estudantes do ensino médio, é possível observar elementos constitutivos do texto defendidos por Heine (2014, 2018), como a “camada histórico-social e ideológica”, imbricada na “camada linguístico-formal”. Essas camadas superpostas alicerçam a construção de sentidos, postulando um sujeito social que interage com o outro responsivamente. Dessa maneira, o sujeito (candidato do Enem) responde axiologicamente ao se deparar com um tópico (tema da redação) a ser discutido. Nessa forma enunciativa, os sujeitos sociais produzem enunciados ideologicamente construídos. Assim sendo, a interação não ocorre apenas face a face, mas também na escrita dialógica com outros enunciados.

1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO

Feitas as considerações iniciais, esta tese possui, na sua estrutura composicional, dez seções, contando com a Introdução, que apresenta a pesquisa. Na seção 2, intitulada **SOBRE A AUTORIA DA OBRA MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM (MFL)**, serão apresentadas reflexões sobre a recepção da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, as traduções e percursos que esta obra apresentou para os leitores brasileiros.

Na seção 3, **REFLEXÕES SOBRE A IDEOLOGIA E O CÍRCULO DE BAKHTIN**, será explicado o porquê adotar a expressão círculo de Bakhtin, uma vez que há pesquisas questionando essa terminologia, no entanto esta tese segue pesquisadores que reconhecem as contribuições desse filósofo russo no Círculo, como os avanços sobre a linguagem nas suas dimensões interacionais, defendendo o sujeito axiológico que interage com o outro. Também nessa seção, apresentará o contexto etimológico da palavra ideologia em Antoine Destutt de Tracy; as reflexões sobre ideologia em Marx e Engels e os aspectos ideológicos na obra *MFL*, chegando às reflexões sobre a ideologia em Bakhtin.

As seções 4 e 5 são interligadas, visto que o sujeito responsivo interage numa relação exotópica com o outro, mas, para uma organização didática, optou-se em apresentá-las separadamente. A 4, **SUJEITO RESPONSIVO**, discorre sobre uma das

ideias basilares para análise dialógica do discurso, o sujeito que, na interação com o outro (centro axiológico), assume uma ativa posição responsiva, concordando ou discordando (total ou parcial), porque toda compreensão gera uma resposta. Há, portanto, vozes axiológicas ou fios ideológicos que se embatem ou se completam, formando outros discursos. A 5, **RELAÇÃO EXOTÓPICA E A AÇÃO DE AUTORAR**, mostra como se processa a relação entre os sujeitos responsivos, com base na arqueologia bakhtiniana (eu-para-mim, eu-para-o-outro, eu-em-mim” (BAKHTIN, 2010, p. 114). Será discutido também o conceito de autoria para Bakhtin, a diferença entre autor-pessoa e autor-criador no trabalho com a escrita. Para Bakhtin, o autor-criador, ao enunciar, assume uma posição social, usa sua “máscara” numa atitude refratada e refratante. Para uma melhor discussão sobre essas conexões, esta tese toma as pesquisas de Faraco (2013, 2020).

A seção 6, **PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS DA NOVA FASE DA LINGUÍSTICA TEXTUAL: FASE BAKHTINIANA**, será destinada a dialogar sobre os avanços da Linguística Textual, colocando em cena o dialogismo e os aspectos ideológicos nas análises textuais, destacando as novas pesquisas apresentadas na fase bakhtiniana entre outros artigos publicados.

Na seção 7, **METODOLOGIA**, serão apresentados os objetivos, a delimitação da pesquisa e os critérios de análises das produções, assim como a justificativa pela escolha do tema e corpus. Em seguida, na seção 7.1, **APRESENTAÇÃO DO CORPUS**, será mostrada a prova de redação do Enem de 2015 com os textos motivadores que norteiam a suposta discussão pelos participantes. Por sua vez, na seção 8, **ANÁLISE DE DADOS**, serão analisadas as produções textuais dos participantes do Enem à luz da Linguística Textual e no quadro teórico do Círculo de Bakhtin no que se refere a: ideologia, sujeito responsivo, relação exotópica e autoria.

A seção 9, **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, será destinada às reflexões sobre o desenvolvimento da pesquisa nas análises textuais, apontando, assim, para uma nova perspectiva de ler enunciados carregados de vozes sociais que se embatem. Essa proposta pode contribuir para o ensino de língua, em especial, a compreensão e produção textual.

É importante trazer à baila as principais discussões sobre a autoria nas obras atribuídas a Bakhtin. Uma polêmica que repercutiu após a declaração do prof. Ivanov na década de 1970. Assim, a próxima seção apresenta o seguinte tópico: Sobre a autoria da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL).

2 SOBRE A AUTORIA DA OBRA MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM (MFL)

Afirmar ou negar a autoria de Bakhtin nas obras publicadas perpassa não somente pelas pesquisas exaustivas dos fatos, mas também pelos enunciados proferidos pelas pessoas envolvidas nesse debate. Seguindo esse pensamento, esta tese faz um levantamento das principais ideias e argumentos apresentados, de um lado, grupos que defendem a autoria de Bakhtin; do outro, aqueles que contestam essa autoria. Ao comparar as posições daqueles que defendem com os que refutam, a tese em tela traz reflexões analíticas dos enunciados presentes nas publicações em relação à autoria desse filósofo russo nos chamados *textos disputados*. Para isso, toma como base teórica o próprio Bakhtin ao afirmar que para entender o texto como enunciado é preciso compreender que há dois elementos que se constituem, são eles: “a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto. A divergência entre eles muita coisa pode surgir.” (BAKHTIN, 2011, p. 308). Assim sendo, essa pesquisa dialogará com os enunciados daqueles que negam e daqueles que afirmam a autoria bakhtiniana, assumindo a posição de sujeitos responsivos que somos.

Antes de iniciar com as reflexões sobre os enunciados proferidos pelos pesquisadores, esse trabalho traz o fio que deu início ao entrelaçamento dos dizeres, das redescobertas em torno da escrita de Bakhtin.

Na década de 1920, são publicadas originalmente com as seguintes assinaturas autorais: *Freudismo* (atribuída a Voloshínov com edição original em russo em 1927); *O método formal nos estudos literários* (assinada por Medivedev, edição original em russo 1928) e *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem MFL* (assinada na versão original em russo por Volóshinov em 1929). Contudo, quase cinco décadas depois, Vjačeslav Ivanov (1973 apud BRONCKART; BOTA, 2012) afirma ser Bakhtin também o autor dessas três obras, dando início a um emaranhado de (des)confianças na autoria e trajetória acadêmica de Bakhtin e seus companheiros. Após essa declaração de Ivanov, surge um “núcleo da questão propriamente dito e que hoje é geralmente apresentado sob a expressão “*problemática dos textos disputados*”. (BRONCKART; BOTA, 2012, p. 14-15). Assim

sendo, esta pesquisa adotará a expressão “textos disputados” referentes a essas três obras em questão. Desde sua primeira publicação, a obra MFL ficou esquecida no cenário, retornando na década de 1970 com as traduções. Segue uma pequena cronologia dessas traduções:

Em 1973, nos EUA, a obra é traduzida em inglês sob a responsabilidade de Roman Jakobson, que a publica, seguindo o original, colocando apenas o nome de Volóshinov.

Em 1977, na tradução francesa, a referida obra aparece com o nome de Bakhtin e, entre parênteses, o de Volóshinov. O que aconteceu para que essa decisão ocorresse? Não se trata de um erro de publicação ou edição, mas de compartilhar as declarações de pesquisadores, das intencionalidades presentes em cada enunciado, em especial da de Vjačeslav Ivanov em 1973.

No Brasil, a 1ª edição (1979) da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, traduzida por Michel Lahud e Yara F. Vieira, é apresentada com os nomes de Bakhtin e Volóshinov, sendo esse último entre parênteses.

O enigma sobre a autoria dos textos disputados ainda não foi resolvido, mas esse debate dividiu opiniões. Para Faraco (2009), há três direções: a primeira considera a autoria dos originais, ou seja, são de Bakhtin as obras que foram publicadas originalmente com o nome do autor ou encontradas em seus arquivos; a segunda atribui a autoria de Bakhtin a todos os “textos disputados”, sendo ele o único responsável pelas escritas e a terceira direção apresenta, como diz o próprio Faraco, uma “solução de compromisso”, ou seja, os textos disputados incluem Bakhtin, ficando as obras com duas autorias, a saber: Freudismo e MFL são de Bakhtin/Voloshinov; já O Método Formal nos Estudos Literários, de Bakhtin e Medvedev.

Esta pesquisa adota a terceira direção por acreditar em uma escrita coparticipativa com a intervenção também de Bakhtin. Assim, sintetiza a discussão, apresentando dois cenários discursivos fundantes acerca da autoria de Bakhtin: de um lado, os pró-bakhtinianos, como V. Ivanov (1973), Clark e Holquist (1984)¹ entre outros, que declaram que os *textos disputados*, assinados por Voloshínov e Medvedev, pertencem também aos escritos bakhtinianos. Do outro lado, os céticos de Bakhtin, pesquisadores

¹ CLARK E. & HOLQUIST M. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

como Morson e Emerson (1990)², Bronckart e Bota (2012), entre outros, que contestam radicalmente essa onipaternidade bakhtiniana. Todos, tanto os prós como os céticos, argumentam em defesa de sua tese com base em fatos e relatos orais e escritos da época, além de análise dos textos documentais.

Adentrando nesse terreno fértil sobre a autoria dos “textos disputados”, encontram-se lacunas e incertezas em torno da vida e obra de Bakhtin, destarte, esta pesquisa não pretende findar a discussão, mas trazer alguns pontos relevantes com base nas leituras feitas em Sériot (2015); Bronckart e Bota (2012); Castro (2010); Zenkine (2014), pois estes pesquisadores fazem uma análise, partindo das declarações apresentadas por Ivanov e posterior investigação das afirmações que vão surgindo sobre a autoria dos *textos disputados*.

Uma dessas obras disputadas é MFL publicada originalmente em 1929, apresenta reflexões sobre ideologia, língua, fala, enunciação entre outros conceitos até então cristalizados no estruturalismo, sendo referência para os estudos da filosofia e da linguagem. No entanto, esse escrito só ganha o seu *status* 44 anos após sua publicação, dando início aos mitos e mistérios em torno de sua autoria. Sériot apresenta um resumo dessa narrativa Fénix³ de MFL.

Publicado pela primeira vez em Leningrado em 1929, republicado no ano seguinte, obteve uma recepção discreta e, em seguida, devido às mudanças de orientação da ideologia oficial, foi submetido a um ataque sistemático para, finalmente, cair bem depressa num longo esquecimento, do qual será exumado nos Estados Unidos em 1973 por Roman Jakobson, que o faz publicar numa tradução para o inglês. Essa tradução aparece sob o nome de Valentin Volosinov, o autor que assinou a obra publicada na URSS em 1929 e 1930. Quatro anos depois, no entanto, uma tradução francesa se publica em Paris pelas Éditions de Minuit, a pedido de Jérôme Lindon (diretor da editora) e de Pierre Bourdieu (diretor da coleção “Le sens commun” da mesma editora), desta vez sob o nome de Mikhail Bakhtin e, entre parênteses, o de V. Volosinov. (SÉRIOT, 2015, p. 21)

Sobre essa inclusão do nome de Bakhtin na obra MFL, vale ressaltar que teve início com a revelação feita em dois textos difundidos em 1973. O primeiro texto resultou de uma conferência feita por V. Ivanov, em 1970, mas só veio à publicação em forma de artigo em 1973, na série de semiótica de Tartu, *Travaux sur les systèmes de signes*, e

² MORSON G. S. & EMERSON C. *Mikhail Bakhtin. Creation of Prosaics*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

³ 1. (Mitologia) Designação da ave fantástica que, segundo o mito, ela vivia durante um tempo, depois morria queimada e renascia das próprias cinzas.

traduzida em 1975 na coleção *Siviet in Literature*. O segundo texto é uma biografia de Bakhtin, redigida em 1973 por Kojinov e Konkine. Os autores confirmam que Bakhtin está exatamente na origem dos *textos disputados*. (BRONCKART; BOTA, 2012, p. 15-16)

Ivanov afirma que Bakhtin escreveu também as obras com a participação dos seus “alunos” e apresenta como prova “testemunhas”, ou seja, há uma relação de proximidade com o autor. Contudo, essa declaração não constitui, para alguns pesquisadores, prova científica, pois trata-se de afirmações subjetivas, de enunciados orais e não escritos. Por isso, alguns contestadores da autoria de Bakhtin, como Sériot, Bronckaart e Bota, acreditam em uma cumplicidade entre os estudiosos e amigos para destacar Bakhtin.

De um lado, os pró-bakhtinianos acreditam e declaram a participação de Bakhtin nos textos disputados, mostrando uma relação de proximidade entre os membros do Círculo; do outro, os contra a onipaternidade dele nas obras disputadas apresentam descrença em relação a essa autoria, pois não há provas suficientes para mostrar a assinatura de Bakhtin nos textos. Essa discussão sobre a autoria apresenta uma pergunta crucial: por que Bakhtin não colocou seu nome e preferiu deixar apenas o nome dos companheiros?

Para os biógrafos americanos Clark e Holquist (1984), Bakhtin não podia publicar obras com seu nome, tendo, como saída, publicar sua obra com o nome de outros, como consta na citação a seguir:

No caso de Bakhtin, a constatação feita em 1924 de que ele não podia publicar sob seu próprio nome levou-o a começar a publicar sob os nomes de outros em 1925 [...]. Nessa mesma época, contudo, Bakhtin muda de posição intelectual e adota uma abordagem mais sociológica. Essa mudança se produz em parte porque ele queria que seus escritos fossem publicados, mas também porque seus interesses intelectuais e suas leituras o levavam nessa direção, fato que também se dava com muitos outros nessa época (CLARK; HOLQUIST, 1984b p. 117 apud BRONCKART; BOTA, 2012, p. 35)

Os autores ainda afirmam que Bakhtin, nessa época, muda de posição intelectual, inclinando-se para uma abordagem mais sociológica. Essa afirmação também é asseverada em Castro (2010, p. 188), ao apontar dois momentos nos escritos de Bakhtin, um mais jovem e outro mais maduro. O divisor de águas desses momentos é marcado pelo olhar renovado das ideias marxianas. As obras jovens são: *Para uma filosofia do ato* (1919/1921), *Autor e herói na atividade estética* (1920-1923), *O problema do conteúdo*,

do material e da forma (1924). A partir da segunda metade da década de 20 do século passado, Bakhtin renova sua escrita, definindo-se, por alguns, o momento mais maduro nos escritos, provavelmente, em contato com os colegas sobre as ideias de Marx e Engles, as escritas de Bakhtin apresentam um olhar mais sociológico.

Sobre o mistério de não publicar as obras com o nome de Bakhtin, há mais uma explicação, que concorda com a de Ivanov, apresentada na tradução francesa de 1977 de *Marxismo e filosofia da linguagem*, na qual Yaguello adiciona alguns esclarecimentos complementares para a essa questão crucial.

Então, por que esse jogo de testa-de-ferro? Segundo o professor V.V. Ivanov, aluno e amigo de Bakhtin, haveria duas espécies de motivos: em primeiro lugar, Bakhtin teria recusado as modificações impostas pelo editor; de caráter intransigente, ele teria preferido não publicar do que mudar uma vírgula; Volochínov e Medvedev ter-se-iam, então, proposto a endossar as modificações. A outra ordem de motivos seria mais pessoal e ligada ao caráter de Bakhtin, a seu gosto pela máscara e pelo desdobramento e também, parece, à sua profunda modéstia científica. Ele teria professado que um pensamento verdadeiramente inovador não tem necessidade, para assegurar sua duração, de ser assinado por seu autor. [...] De qualquer forma, em 1929, no mesmo ano em que Volochínov assinava *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin publicou, finalmente, um primeiro livro com seu próprio nome *Problemi tvórtchestva Dostoievskovo* (Problemas das obras criativas de Dostoiévski). (YAGUELLO, 2009, p. 12)

Nessa explicação, os dois motivos apresentados pela não inclusão do nome Bakhtin nos textos disputados são de caráter pessoal: o primeiro motivo é ser intransigente em não aceitar modificações do editor e o outro pela modéstia do autor e primazia à ciência, pois para Bakhtin “um pensamento verdadeiramente inovador não tem necessidade, para ter a garantia de que vai durar, de ser assinado por seu autor”.

Entretanto, nos trabalhos de Bronckart e Bota (2012), há interpretações diferentes sobre essa mesma tese de Ivanov para justificar a operação de autoria em que Bakhtin não coloca seu nome nas primeiras edições.

A primeira [...]: Bakhtin tinha “um caráter intransigente” e preferia não publicar a mudar uma só vírgula em seu texto inicial. A segunda decorre de dois outros traços de caráter do mestre, a saber, sua atração pelo disfarce e pelo carnaval, bem como sua “profunda modéstia” pessoal. Contudo, devemos notar que essas duas interpretações são tendencialmente contraditórias: a primeira implica logicamente que Bakhtin queria, na verdade, publicar sua grande obra em sua autenticidade original e só se decidiu a “dá-la a seu amigo” forçado pelas exigências da censura, enquanto a segunda implica, sobretudo, que ele estaria decidido desde o início a publicá-la sob o nome de outro; por sinal, Bakhtin tinha um caráter simultaneamente intransigente,

modesto e carnavalesco, traços de compatibilidade geralmente improvável, mas que nele aparentemente coexistem sem o menor problema. (BRONCKART; BOTA, 2012, p. 66)

Na visão dos pesquisadores Bronckart e Bota, os motivos apresentados por Ivanov, para justificar a ausência do nome de Bakhtin em MFL, na época das primeiras edições, podem ser contestáveis, pois são “tendenciosamente contraditórias”. Para eles, as justificativas apresentadas são incoerentes, pois apresentariam dois caracteres divergentes de Bakhtin, um que queria publicar a obra em seu nome e outro que não fazia questão de seu nome na obra. Analisando com mais acuro, não há incoerência nessas atitudes de Bakhtin, pois a primeira mostra que ele ficou indignado com a censura de alguns trechos do editor e preferiu não colocar seu nome, cedendo para seu amigo publicar. O outro é que ele não fazia questão do seu nome nas obras, pois o importante é a publicação de um pensamento. Conclui-se que essas interpretações, por ultrapassarem as declarações feitas em conferências sobre seu legado teórico do enunciado contínuo, chega à instância pessoal do autor.

As palavras ditas e o comportamento de Bakhtin vão para o campo da subjetividade, da interpretação pessoal e são colocadas em *xequê* na busca de uma verdade, mas que verdade? Aquela presente no dito, nas declarações? Ou no suposto comportamento incoerente de Bakhtin? Percebe-se que as suposições feitas pelos pesquisadores são embasadas na observação e em uma perspectiva mais subjetiva.

Nas pesquisas feitas por Bronckart e Bota (2012), percebe-se um discurso antibakhtiniano sobre a autoria dos *textos disputados*, pois as declarações feitas não deixam de ser também enunciados concretos que apresentam posições ideológicas determinadas. Há expressões valorativas que comprovam um discurso panfletário, como nos excertos abaixo:

Os elementos reunidos no capítulo anterior evidenciam as múltiplas mentiras de Bakhtin a respeito das condições de sua pretensa participação na redação dos *textos disputados* e também revelaram que seus promotores não tinham como ignorar esses fatos e que, conseqüentemente, sua iniciativa de construção e glorificação da obra bakhtiniana “extensa” resultava amplamente daquilo que convém qualificar de fraude. (Bronckart e Bota, 2012, p. 239)

Os pesquisadores rotulam o filósofo russo de “mentiroso” ao “pretender” ou alegar sua participação na escrita dos *textos disputados*. Um mentiroso é aquele que diz inverdades. Para discutir essa delação, é preciso enveredar pelo campo jurídico com réus e vítimas. No campo da Linguística de Texto, o discurso dito compõe-se de sujeitos reais, de carne e osso, sujeitos axiologicamente constitutivos na interação com o outro que

reproduzem discursos com sua historicidade, singularidade e vozes. Portanto, não cabe sentença judicial com julgamentos de culpado ou inocente, é inapropriado analisar o texto buscando um único sentido, pois estaria esvaziando a historicidade presente nos discursos. O que se deve analisar não são verdades ou mentiras, mas os embates discursivos presentes nos textos, a sua historicidade que é inerente ao sentido.

Mas adiante, Bronckart e Bota continuam a “desmascarar” a autoria de Bakhtin, desta vez, provocando os pesquisadores que aprovam a tese da onipaternidade bakhtiniana a aceitarem seu discurso.

A rápida propagação dessa fábula a partir do fim dos anos 1970 é facilmente explicável: visto que tantos autores respeitados, verdadeiras autoridades nesse campo, como Jakobson, Todorov, Wehrle, ou Yaguello, aprovavam a tese da onipaternidade bakhtiniana, não parecia haver motivo para duvidar dela: nós mesmos, como muitos outros, aderimos a essa tese durante anos. Mas o que não tem explicação é a manutenção dessa crença por parte dos teóricos da literatura envolvidos na “obra bakhtiniana”, que necessariamente (?) deveriam se aplicar a uma leitura atenta do conjunto do *corpus* e a uma comparação dos escritos assinados por uns e outros. De minha parte, fizemos esse trabalho em meados dos anos 1980, e nossa veneração se dissipou muito rapidamente, então, como entender essa espécie de cegueira voluntária que atingiria a maioria dos especialistas no decorrer dessa mesma década? (BRONCKART; BOTA, 2012, p. 239- 240)

Os autores reafirmam a presença de duas correntes que divergem sobre a autoria de Bakhtin nos textos disputados. No entanto, indignam-se com a “manutenção” da crença daqueles que defendem a autoria de Bakhtin por não se aterem a uma leitura mais apurada e comparativa entre os escritos dos amigos e de Bakhtin. Finaliza chamando de “cegueira voluntária” desses autores “respeitados” por não acompanharem a posição contra a onipaternidade de Bakhtin nas obras.

Para os pesquisadores Bronckart. Bota e Sériot, da corrente que se posiciona contra a onipaternidade de Bakhtin nos textos disputados, há uma cumplicidade dos amigos e seguidores de Bakhtin em aceitar sua autoria, havendo uma frágil comprovação científica, ficando muitas vezes no campo da subjetividade e suposições.

Durante as publicações de MFL com o nome de Bakhtin e Voloshinov, na URSS e em Paris, ninguém contestou essas autorias. Somente na segunda metade dos anos 1980, começa-se a publicar em território russo trabalhos que questionavam a autoria das obras atribuída unicamente a Bakhtin em especial, “Marxismo e filosofia da linguagem” e “Freudismo”. Nas pesquisas de Morson e Emerson (1990 apud CASTRO, 2010, p. 178),

os argumentos sobre a não autoria de Bakhtin nos textos disputados pairam nas esferas acadêmicas e políticas, incluindo as econômicas e editoriais. Sobre as incoerências dos trabalhos de Clark e Holquist a respeito da onipaternidade bakhtiniana. Morson e Emerson afirmam:

Em discussões desse tipo, é de rigor uma boa dose de ceticismo. A política e a política acadêmica impregnam essas questões, tanto quanto a economia editorial e a “economia” da reputação acadêmica no mercado profissional. No caso de Bakhtin, as políticas soviéticas e americanas desempenharam um papel determinante.

[...] a economia do esforço também desempenhou seu papel: ao reunir em uma exposição coerente as ideias dos três teóricos, os críticos frequentemente acham conveniente tratá-los como produto de um só autor e tirar vantagem de asserções tendentes a liberar seus textos de qualificações embaraçosas. E, certamente os editores podem claramente vender mais livros com o nome de Bakhtin na capa. (MORSON; EMERSON: 102-103 apud BRONCKART; BOTA, 2012, p. 186 - 187).

O que Morson e Emerson declaram é possível de ter ocorrido, mas também passível de contestação. Na contramão do pensamento deles, há os depoimentos do próprio Bakhtin que, quando questionado, apresenta respostas, mesmo “evasivas” e com “reticências” sobre a autoria nas obras, como afirmam alguns pesquisadores.

Nas pesquisas de Sériot, só há duas respostas autógrafas sobre o assunto. Uma carta de Bakhtin, de 10 de janeiro de 1961, endereça ao crítico literário Vadim Kozinov, publicada na revista *Moskva* em 1992:

[...] Antes de tudo, respondo a sua última pergunta. Conheço muito bem os livros *O método formal e Marxismo e filosofia da linguagem*. V. N. Volóshinov e P. N. Medvedev são meus falecidos amigos; durante o período de preparação dessas obras, nós trabalhávamos em estreito contato. Eu diria até mais: na base desses livros e de meu trabalho sobre Dostoiévski se encontra uma concepção comum da linguagem e da obra literária.⁴

Nesse sentido, V. Vinogradov tem perfeitamente razão. Devo ressaltar que o fato de ter uma concepção comum e de ter estado em contatos de trabalho não diminui o grau de autonomia e de originalidade de cada um desses livros. No que diz respeito aos outros trabalhos de P. N. Medvedev e de V. N. Volóshinov, eles se situam num outro plano, não refletem essa concepção comum, e não tive parte alguma em sua criação.

⁴ Esse trecho apresenta a seguinte nota de rodapé: “Pouco antes de morrer, M. Bakhtin indicou que esses livros, publicados entre 1928 e 1930, tinham sido escritos quase inteiramente por ele, com exceção de alguns ‘acréscimos ideológicos’, mas que não quisera publicá-los em seu nome (particularmente por causa desses ‘acréscimos’). [Nota de V. Kozinov].

Continuo sempre fiel àquela concepção da linguagem e da fala, que está exposta nesses livros de maneira incompleta e às vezes insuficientemente probante, ainda que, obviamente, em trinta anos ela tenha sofrido uma evolução indubitável. Fiquei feliz por saber que ela ainda tem partidários. No tocante à concepção mesma, permita-me responder-lhe mais tarde, quando estiver menos sobrecarregado e me sentir melhor. [...]. (Kozinov, 1992:176) (apud SÉRIOT, 2015, p. 48 - 49).

A outra resposta autógrafa foi em uma entrevista cedida ao especialista em história da literatura V. Duvakin, publicada na revista *Celovek* em uma série de entrevista com Bakhtin no início dos anos 1970. Sobre Volóshinov, diz Bakhtin:

[...] eu tinha um amigo próximo, Volóshinov ... É o autor do livro *Marxismo e Filosofia da linguagem*, um livro que, poderíamos dizer, me é atribuído. Sim, é isso, Valentin Nikolaevic Volóshinov. Seu pai era amigo de Vjaceslav Ivanov, eles se tratavam com intimidade, parece-me. Ele me apresentou o pai durante um sarau literário, em Leningrado. (Duvakin, 1993: 146, retomado em Bakhtin, 2002:88 apud SÉRIOT, 2015, p. 49)

Nota-se que, em 1961, na carta endereça a Vadim Kozinov, Bakhtin se inclui na produção textual das obras *O método formal e MFL*, colocando como argumento o pensamento em comum entre as obras citadas e Dostoievski “na base desses livros e de meu trabalho sobre Dostoievski se encontra uma concepção comum da linguagem e da obra literária”, comprovando a sua relação de pensamento entre as obras. Inclusive nega a sua participação nas outras obras. Essa negação reforça a afirmação anterior (a sua participação nas duas obras), pois deixa transparecer, para seu público, a credibilidade das suas declarações. Já em 1970, Bakhtin aparece mais reticente. Confirma a amizade com Volóshinov e a autoria do livro *MFL* e acrescenta: “um livro que, poderíamos dizer, me é atribuído. Sim, é isso”, depois segue falando de Volóshinov. O que fez Bakhtin ser evasivo nesta afirmação? Não se sabe.

Existe também um conteúdo, apresentado nas pesquisas de Sériot, em segunda mão, de uma conversa de Bakhtin datada de junho de 1970 e relatada em 1993 por Bocarov:

Veja bem, eu achava que podia fazer isso pelos meus amigos e, a mim, isso não custava nada, pensava que ainda teria tempo de escrever meus próprios livros, sem essas adições desagradáveis (e aí ele faz uma careta ao olhar para o título). É que eu não sabia como as coisas iam se passar em seguida. E depois, que importância pode ter tudo isso, o autor, o nome? Tudo o que se fez nesse meio século neste solo ingrato, sob este céu sem liberdade, tudo isso, de um modo ou de outro, é verídico. (Bocarov, 1993: 71 apud SÉRIOT, 2015, p. 50)

M. Bakhtin só falava com reticências sobre esse tema, mas quando insistíamos, reconhecia que os três livros (*O freudismo, O método formal nos estudos literários e Marxismo e filosofia da linguagem*), assim como o artigo de 1926, “A palavra na vida e a palavras na poesia”, tinham sido escritos por ele, e mesmo “do início ao fim”, mas escritos para seus amigos, a quem cedera os direitos autorais. (21 de nov. de 1974). (Bocarov, 1993: 73 apud SÉRIOT, 2015, p. 50).

Nota-se, mais uma vez, a afirmação de Bakhtin sobre sua influência nos escritos da obra *MFL* e, ao mesmo tempo, sua insatisfação pelo título, pois havia divergências ideológicas em relação ao marxismo, fato esse que esta tese irá discutir em outra seção.

O interessante nessas descobertas de Sériot, ao tentar desvendar o mistério sobre a autoria de Bakhtin nos *textos disputados*, são duas ponderações entrelaçadas ao contexto. Uma delas relaciona-se ao campo jurídico o qual, como afirma Sériot, cabe à acusação apresentar as provas e não à defesa, ou seja, os que não acreditam na paternidade de Bakhtin (acusando-o de mentiroso) que provém, então, a autoria de Volóshinov. Porém, segundo o próprio pesquisador, infelizmente, a investigação encontra empecilhos históricos e políticos, pois, devido à guerra e perseguições, muitas provas foram incineradas ou simplesmente desapareceram.

Não existe nenhuma correspondência entre Bakhtin, Volóshinov e Medvedev a esse respeito. Os arquivos pessoais de Medvedev lhe foram confiscados quando de sua prisão em 1938, os de Volóshinov foram destruídos durante a II Guerra no bombardeio do edifício em que ele vivera em Leningrado. S. Bocarov (Bocarov, 1973: 73) afirma que V. Vinogradov, já nos anos 1960, difundia o rumor e o considerava como um “segredo de Polichinelo” (*ibid.*). Mas não se tem nenhum vestígio escrito disso. O “segredo” teria sido inventado em 1973? Não se encontra nenhuma menção dele entre 1961, ano da “redescoberta” de Bakhtin por um grupo de jovens pesquisadores de Instituto Gorki em Moscou, e 1973, data do “furo” de Ivanov. Todas as alusões ao fato de que o “segredo” era conhecido na época são posteriores a 1973. (SÉRIOT, 2015, p. 50-51).

Os mesmos pesquisadores, aqui citados, que desconfiam da integridade de Bakhtin não apresentam nenhuma suspeita sobre o comportamento de Volóshinov, no entanto, nas pesquisas de Sériot, há escritos de “memórias” de Olga Frejdenberg em que menciona Volóshinov em uma atitude estranha. Esse manuscrito se encontra desde o final dos anos 1970 em Oxford, nos arquivos da família Pasternak. A passagem relatada abaixo foi escrita perto do final de 1940 e publicado por Nina Perlina (1995: 332). Segue o trecho:

[...] Era Volóshinov, um jovem elegante, esteta, autor de um livro de linguística que fora escrito para ele por Bloxin. Esse Volóshinov me

propôs cinicamente que eu trabalhasse para ele e em seu lugar e, em troca, faria minha promoção por intermédio de Jakovlev e Desnickij. Eu recusei, e nossas relações se tornaram glaciais. (SÉRIOT, 2015, p. 51).

Ao que parece, Volóshinov não se mostra tão correto nas atitudes ao propor que alguém trabalhasse no seu lugar e em troca pediria uma promoção para a pessoa que aceitasse tal façanha. Não é finalidade desta pesquisa infamar ou julgar alguém, precipitadamente, pelo seu comportamento, mas discutir os fatos sem cometer o erro de uma história única. Por isso, apresentam-se as várias versões e discurso em torno da autoria de Bakhtin.

Chega-se às conclusões enunciativas absolutas para que o outro responda, pois, como diria Bakhtin, o enunciado se conclui, substancialmente, para que o outro se inicie e assim se apresente em diálogo contínuo.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 128).

Dialogando com mais um escrito de Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, o enunciado possui limite substancial para a continuidade dialógica, pois ele está sempre em movimento. Esses limites são “definidos pela *alternância do sujeito no discurso*” e mais,

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão. (BAKHTIN, 2011, p. 275)

Há uma conclusão absoluta nos enunciados de cada pesquisa feita, havendo, antes do seu início, “os enunciados de outros”, e depois, abre-se espaço para os “enunciados responsivos de outros” e, assim, prossegue essa *real unidade* da comunicação discursiva.

Nota-se que o enigma sobre a pena de Bakhtin não se concluiu, ou melhor, concluiu-se parcialmente com provas apenas do nome indicado e impresso na primeira publicação, a obra na sua língua original russa, mas ainda não se tem provas contundentes de uma escrita coletiva, em coautoria, pois todos participavam de um mesmo Círculo de estudos e trocavam seus escritos, suas produções.

Após essas observações, essa pesquisa evita os extremos de um lado ou de outro, aproveitando-se das riquezas investigativas de cada pesquisador em prol de um conhecimento mais profundo sobre as obras disputadas. Assim, essa tese defende o legado deixado pelo conjunto das obras do Círculo de Bakhtin, dando origem a mais uma fase na LT, ampliando os horizontes sobre o texto e o sujeito responsivo, proporcionando uma análise discursiva das vozes axiológicas presentes nos enunciados.

Outro pesquisador que traz uma análise das pesquisas de Bronckart e Bota é Serge Zenkine (2014). Para ele,

na argumentação elaborada por J.-P. Bronckart e C. Bota, é preciso apontar o emprego frequente de interpretações abusivas, deduções tendenciosas e desvios lógicos. Bakhtin confessou a Duvakin: “A maneira pela qual eu poderia ter escrito [o livro sobre Dostoiévski] poderia ter sido bem diferente de como foi”; os dois críticos comentam que, “Em hipótese forte, isso pode significar que Bakhtin não escreveu esse livro” e que eles preferem essa à “hipótese fraca”, que, porém, está evidentemente de acordo com o resto da conversa, segundo a qual “ele o escreveu, mas não como pretendia” (ZENKINE, 2014, p. 189).

Mais uma vez, a pesquisa se depara com hipóteses interpretativas dos enunciados proferidos. Bakhtin faz uma declaração que escreveu o livro, referindo-se à obra sobre Dostoiévski, mas que não era o que pretendia, poderia ter mudado algo. No entanto, as interpretações de Bronckart e Bota foram outras que perpassam pela questão ideológica e fios de intencionalidade do discurso. Mais adiante, Zenkine observa as subjetividades interpretativas dos pesquisadores ao analisar as marcas linguísticas registradas na carta de Boris Pasternak a Pavel Medvedev.

Em 1928, Boris Pasternak escreveu a Pavel Medvedev, depois de ler o seu *O método formal nos estudos literários*, que ele não sabia que este último era “um filósofo de tal grandeza”; cita-se talvez esta apreciação para mostrar o *status* excepcional dessa obra (supostamente pertencente, na verdade, a Bakhtin) entre os outros escritos de seu signatário. Não, contestam J.-P. Bronckart e C. Bota, isso não passa de um elogio banal — “eu não pensava que você fosse tão brilhante” (p.67); na verdade, seria possível responder *sim*, pois o poeta não fala em graus de inteligência, mas, com mais precisão e tato, em uma diferença entre a natureza de dois discursos, a crítica literária das obras anteriores de Medvedev e a filosofia de que se ocupava Bakhtin. A Sergej Bočarov, Bakhtin disse que escreveu os livros “disputados” “do princípio ao fim” (p.211); e, a Vadim Kožinov, disse que Pavel Medvedev introduziu, quando muito, “alguns acréscimos [...] não muito felizes” (p.213). Com seu olhar inquisidor, J.-P. Bronckart e C. Bota detectam uma “aberta contradição” (p.213) entre essas duas declarações: sem dúvida, um indício das mentiras de Bakhtin, que os “cúmplices manifestos dessas mentiras” (p.233), não tendo combinado entre si, não souberam dissimular... Mas, pela lógica, por que o fato de

ter redigido um texto do começo ao fim impede que, ao fazer isso, ele tenha se inspirado em ideias dos outros ou tenha *posteriormente* deixado a outros o cuidado de revisar, até mesmo de completar com interpolações? (ZENKINE, 2014, p. 189)

Dando continuidade ao seu artigo, Serge Zenkine se posiciona responsivamente aos enunciados dos pesquisadores Bronckart e Bota, trazendo outros dizeres ao concordar que os textos disputados são também de autoria de Bakhtin.

Então Bakhtin mentiu? Acontecia realmente de ele fornecer informações falsas sobre a sua biografia (sua origem social, seus estudos); mas, no mérito da questão dos “textos disputados”, ele nunca se contradiz nem contradiz diretamente os fatos de que dispomos. J.-P. Bronckart e C. Bota não souberam provar o contrário: o que varia em seus comentários são os motivos, as explicações dos atos, na maioria das vezes conciliáveis entre si; mas em nenhum momento ele diz categoricamente que *não* escreveu os textos problemáticos nem que os escreveu *sozinho*, sem participação alguma de outros. Sua posição é sempre nuançada entre os dois: ora ele admite ser o autor principal dos textos, não obstante alguns retoques feitos pelos seus amigos, ora ele se restringe a afirmar “uma concepção comum da linguagem e da obra verbal” (p.208) que esses textos partilham com seus próprios escritos da época e uns com os outros. Este último fato parece incontestável e é indiretamente reconhecido por J.-P. Bronckart e C. Bota: “... a abordagem de Medvedev é absolutamente idêntica àquela desenvolvida por Volóshinov” (p.412). Só porque nesse caso trata-se das relações de Medvedev e Vološinov entre si, e não com Bakhtin, eles não acreditam que houve plágio ou substituição de autor... (ZENKINE, Serge, 2014, p. 189-190)

Sobre a pesquisa de J.-P. Bronckart e C. Bota, Zenkine ressalta a importância de uma análise contextualizada histórica e socialmente para então compreender melhor os fatos e os dizeres. Segue o trecho em que mostra a crítica aos pesquisadores.

Eles confrontam, como investigadores de polícia, os comentários frequentemente evasivos de Bakhtin no tema dos —textos disputados], sem dar a menor atenção às mudanças do clima político, aos interlocutores, à situação concreta, à idade e ao estado de saúde que podia incitá-lo ora à extroversão, ora à circunspeção (que esse velho minusnik, vítima de perseguições políticas, deve ter aprendido bem a cultivar e demonstrava em muitos comentários, não apenas no que diz respeito aos —textos disputados]). (ZENKINE, 2014, p. 187)

Para concluir, Zenkine se mostra um leitor e estudioso de Bakhtin, reconhecendo as dificuldades interpretativas, porém reconhece o valor das obras publicadas e, por isso, merece um cuidado e uma seriedade nas pesquisas. Segue o trecho:

A obra de Mikhail Bakhtin é difícil. Nela se encontram obscuridades, empréstimos não declarados, contradições aparentes e reais, textos mais ou menos acabados e mais ou menos bem-sucedidos. Faltam-nos elementos factuais para desvendar as contribuições que ele próprio e

seus amigos e colegas deram, nos anos 1920, aos textos resultantes de suas trocas e de seu arcabouço comum de ideias. Certos bakhtinistas, é preciso dizer, agravaram essa dificuldade objetiva com seu zelo excessivo, tendendo a erigir um culto a Bakhtin. Para remediar a situação, é preciso uma crítica competente e paciente, que não busque soluções mirabolantes, que não reduza as complexidades de um pensamento teórico a plágios e usurpações de direitos autorais e que não trate por mentirosos, enganadores e delirantes os que discordam do que ela apontar. A heterogeneidade do corpus bakhtiniano é um bom problema — é pena que caia em mãos erradas. (ZENKINE, Serge, 2014, p. 194)

Após as discussões feitas até aqui, esta tese acredita haver no Círculo leituras, debates e escritas coparticipativas, colaborativas em pensamentos comuns, fato este declarado pelo próprio Bakhtin nas suas entrevistas já apresentadas. No entanto, é possível haver também ideias divergentes, ocorrendo, dentro do próprio Círculo, as relações dialógicas sociais, fazendo o sujeito se posicionar.

Sheila Grillo (2016), após realizar sua pesquisa na Rússia, com visitas a bibliotecas, entrevistas com outros pesquisadores e pessoas ligadas a Bakhtin, percebe que prevalece, entre os tradutores eslavistas e estudiosos da obra (O método formal e Marxismo e filosofia da linguagem), uma posição de que houve, no período do Círculo, uma “estreita colaboração intelectual entre Bakhtin/Medviédev/Volóchinov, evidenciado em noções e termos comuns aos teóricos” (GRILLO, 2016).

Esta pesquisa acompanha a posição de que houve uma escrita de colaboração entre os três mentores, concordando também com as palavras de Beth Brait (2016):

Até o momento, sem estudos suficientes para resolver com fundamentos científicos o enigma das assinaturas disputadas, resta reconhecer que as obras em seu conjunto, e não os autores empíricos, é que impulsionam essa nova maneira já histórica, mas não esgotada, de enfrentar a linguagem e suas produtivas consequências para as ciências humanas. (BRAIT, 2016)

Portanto, após entender um pouco o processo de recepção das obras do Círculo, esta tese segue com as reflexões trazidas nas obras sobre a filosofia da linguagem, mais especificamente nas ideias linguísticas do Círculo.

3 REFLEXÕES SOBRE A IDEOLOGIA E O CÍRCULO DE BAKHTIN

Antes de discutir sobre a ideologia no Círculo de Bakhtin, ponto crucial para esta pesquisa que se apoia na nova proposta da Linguística Textual (LT) denominada de fase

bakhtiniana, esta tese vê a necessidade de esclarecer o porquê de usar a expressão “Círculo de Bakhtin”, que, muitas vezes, é contestada por alguns pesquisadores acadêmicos.

Primeiro, faz *mister* entender como surgiu a expressão Círculo de Bakhtin – o próprio Bakhtin em vida faz um comentário sobre essa nomenclatura – e, depois, analisar algumas posições de pesquisadores em torno dessa polêmica. Em seguida, esta tese busca compreender o contexto em que surge o termo ideologia, criado por Antoine de Tracy, na época do Iluminismo, e depois prossegue para as reflexões sobre a concepção de ideologia em Karl Marx e Friedrich Engels. Feitas essas considerações, inicia-se o estudo de ideologia no Círculo de Bakhtin.

3.1 POR QUE ADOTAR A EXPRESSÃO CÍRCULO DE BAKHTIN?

O Círculo de pesquisadores surge na Rússia no século XX e era composto por Mikhail Bakhtin (1895-1975); Valentin N. Volóchinov (1895-1936); Pável N. Medviédev (1891-1938); Matvei I. Kagan (1889-1937); Lev V. Pumpianskii (1891-1940); Ivan I. Sollertínski (1902-1944); M. Iúdina (1899-1970); K. Váguinov (1899-1934); B. Zubákin (1894-1937). Esse Círculo ganha a terminologia de Bakhtin com a publicação feita em 1967 pelo psicolinguista A. A. Leont’ev (SÉRIOT, 2015, p. 29). No entanto, anos depois dessa nomenclatura, alguns acadêmicos não concordaram com essa expressão.

Nas pesquisas de Bronckart e Bota (2012), é revelado que o uso da expressão foi evocado por A. A. Lieontiev em uma das passagens na obra *Psycholinguistique* (1967/1972:95-97). Nessa obra, o autor afirma a existência de uma “Escola de Bakhtin” ou de um “Círculo de Bakhtin”, segundo Bronckart e Bota, dando partida à “campanha” de “celebração e difusão” da obra bakhtiniana. (BRONCKART; BOTA, 2012, p. 17). Enquanto Bronckart e Bota reconhecem o nascimento da expressão como intenção de “campanha” para difusão das obras de Bakhtin, Sériot (2015 p. 28) segue o mesmo raciocínio, porém, mais incisivo, negando a expressão “Círculo de Bakhtin”, ao intitular uma subseção, na sua obra de 2015, com “O ‘Círculo de Bakhtin’ nunca existiu”, justificando que faz parte de uma investida para afamar e difundir os “textos disputados” como sendo também de Bakhtin. Segundo o autor, “a expressão ‘Círculo de Bakhtin’ é uma invenção “tardia e apócrifa”, jamais foi empregada por quem quer que seja na época do tal “Círculo” (SÉRIOT, 2015, p. 28). Para esse pesquisador, essa investida coloca

Bakhtin como líder dos estudos, como uma pessoa carismática que chefiava um grupo de estudiosos, como afirma no excerto:

Em 1967 é que foi mencionado pela primeira vez o ‘Círculo de Bakhtin’ (baxtinskij kruzok/ kruzok Baxtina/ krug Baxtina) pelo psicolinguista A. A. Leont’ev (1967: 86-88). Leont’ev ainda, dois anos mais tarde, cita MFL para indicar as posições do ‘Círculo’ (Leont’ev, 1969: 79; ver Clark e Holquist, 1984:146). Em 1971, G. Superfin menciona a existência de uma ‘escola de Bakhtin’, na qual faz entrar, ao lado dos nomes de Volóshinov e Medvedev, o de L. Pumpjanskij. É precisamente nessa época que se instaura uma *doxa* cuja força de convicção é tanto mais forte por não repousar sobre nada mais além de um boato que corre. (SÉRIOT, 2015, p. 29)

A pesquisa de Sériot apresenta uma investigação detalhada a respeito da origem da expressão “Círculo de Bakhtin” usada por alguns seguidores de Bakhtin desde 1967. Apesar de Sériot negar a expressão, nessa mesma pesquisa, há uma entrevista de 1970 entre V. Duvakin (especialista em literatura) e Bakhtin, o qual mostra-se ciente do uso da expressão sem fazer nenhuma ressalva:

Duvakin: - O senhor não era muito célebre na época.

Bakhtin: - Não, eu só era conhecido em círculos extremamente restritos. Havia ao meu redor um círculo, que agora é chamado de ‘Círculo de Bakhtin’. Incluem nele principalmente Pumpjanskij, Medvedev Pavel Nikolaevic, Volóshinov. A propósito, é preciso dizer que todos estavam em Nevel’, menos, é verdade, Medvedev. [...] Todos os três estavam em Vitebsk, e foi lá, de fato, que se lançaram os fundamentos desse círculo que em seguida se formou em Leningrado. Lá eu fazia conferência da natureza totalmente privada, em minha casa ... dei um curso de filosofia, primeiro sobre Kant (era apaixonado por Kant) e depois abordamos temas gerais. (Baxtin, 2002:161), (apud SÉRIOT, 2015, p. 29 -30).

Nesse trecho, fica evidente que o próprio Bakhtin se refere ao Círculo, que, em um dado momento histórico, nomearam-no de Círculo de Bakhtin. Essa alvitrada, de se nomear um grupo ou círculo com o nome de um dos componentes de destaque, é comum por estudiosos no assunto; trata-se de uma maneira didática e consensual dos pesquisadores da área em reconhecer o trabalho do proeminente. No entanto, alguns pesquisadores contestam o reconhecimento dado a Bakhtin, para Sériot, “se de fato, houve um ‘Círculo’, não é de forma alguma necessária chamá-lo ‘de Bakhtin’” (SÉRIOT, 2015, p. 30). Essa afirmação demonstra posição contrária ao reconhecimento da autoria de Bakhtin em boa parte das obras, pois não reconhece o legado deixado pelo filósofo russo no Círculo como digno de intitular um grupo de pesquisadores de “Bakhtin”.

Divergências ideológicas à parte, é consenso, por muitos estudiosos no assunto, que houve um Círculo de pesquisadores cuja finalidade era se encontrar para discutir e compartilhar conhecimentos. Nesse sentido, Bakhtin pode ter se sobressaído, pois, além das várias publicações, apresentando ideias basilares ao grupo, como a língua associada ao social, a linguagem em uso, a interação, o enunciado, os gêneros do discurso, o sujeito responsivo, dentre outras. Vale ressaltar que essas ideias não estão estanques, pois apresentam relações constitutivas entre linguagem, sujeitos, sociedade e culturas, tão importantes para análises textuais.

Para reforçar a importância de Bakhtin no Círculo, as pesquisas de Sheila Grillo mostram o reconhecimento desse legado também por outros pesquisadores: “De forma reiterada, Chátskikh enfatiza a liderança intelectual de Bakhtin com base em notícias de jornais e revistas e nas memórias publicadas de Pumpiánski.” (GRILLO, 2016).

É fato comprovado que o Círculo existiu, no entanto, por haver contestação em relação a sua nomeação, mas sem se apresentar outra nomenclatura consensual para tal, torna-se mais assertivo usar Círculo de Bakhtin. Nas palavras de Rosalvo Costa (2018),

a expressão *Círculo de Bakhtin* é, ela própria, um campo de disputas e, diante de tudo quanto tem sido produzido no âmbito da referida controvérsia, a atitude mais prudente é assumir, como Brandist (2012), que “na ausência de uma expressão melhor”, pode-se usar a expressão *Círculo de Bakhtin* com a ressalva de que com ela se designa “apenas um ponto no qual diferentes pensadores se intersectavam e não é de modo algum certo que, para qualquer dos participantes, esse fosse o mais importante dos agrupamentos a que pertenciam” (BRANDIST, 2012, p. 8 apud COSTA, Luiz Rosalvo, 2018, p. 8).

Desse modo, esta tese, segue o pensamento de Brandist (2012) e Costa (2018), empregando, dessarte, a expressão Círculo de Bakhtin conseqüentemente, justifica-se também a nomenclatura adotada como a fase bakhtiniana da Linguística Textual. Segundo Heine (2014), essa fase surge com a necessidade de ampliar os estudos do texto, trazendo para a arena das análises os aspectos linguísticos-discursivos, logo são fulcrais as contribuições de Bakhtin e o Círculo que trazem inicialmente temas como: dialogismo, ideologia, gênero do discurso e o sujeito responsivo e a valorização dos signos não verbais.

Feitas as considerações necessárias sobre a expressão Círculo de Bakhtin, prossegue-se com o estudo, apresentando reflexões em relação à ideologia no Círculo.

Para isso, apresentam-se a seguir os seguintes temas: O contexto etimológico da palavra ideologia em Antoine Destutt de Tracy; Reflexões sobre ideologia em Karl Marx e Engels; Posições ideológicas no círculo: Voloshinov, Medviédev e Bakhtin.

3.2 O CONTEXTO ETIMOLÓGICO DA PALAVRA IDEOLOGIA EM ANTOINE DESTUTT DE TRACY

A palavra *ideologia* possui uma carga semântica plural, conforme o emprego e a área da ciência em que ela é empregada. Nesta tese, a proposta maior é pesquisar o conceito de ideologia no Círculo de Bakhtin, por isso, faz-se necessário, iniciar a discussão com algumas reflexões sobre ideologia em Karl Marx e Engels, pois alguns membros do Círculo também se apoiam nos estudos desses pensadores. Mas antes, traz à baila reflexões sobre a origem do vocábulo ideologia.

O primeiro conceito de ideologia existente na história ocidental foi definido por Antoine Destutt de Tracy, um filósofo francês que tinha por objetivo estudar a *idéologie*, vista como a "ciência das ideias" na década de 1790. Cria-se, então, o neologismo *idéologie* em francês, composto por duas palavras estrangeira *idée* (do grego antigo), que tem o significado literal de “aparência”, mas pode ser traduzido como “protótipo ideal” e *logos* (também do grego), que significa estudo⁵. Influenciado por John Locke e Condillac, filósofos empiristas, Tracy afirma que o conhecimento humano estava diretamente ligado à elaboração de sensações, seria uma espécie de atividade do sistema nervoso, isto é, como um fenômeno natural oriundo da relação entre o corpo humano e o meio ambiente. Assim, resumiria o domínio do comportamento consciente, responsável pela formação de todas as ideias em: “querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória)” (CHAUÍ, 2004, p. 10).

Dessa forma, a ideologia para Tracy e seu grupo de ideólogo era uma “atividade filosófico-científica que estuda a formação das idéias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o meio ambiente, tomando como ponto de partida as sensações.” (CHAUÍ, 2004, p. 11).

⁵ Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-ideologia/>. Acesso em 17 jul. 2020

Tracy, mesmo sendo um adepto e apoiador de muitas reformas ligadas à Revolução Francesa, foi preso durante o Terror Jacobino por ser de descendência nobre. Neste período da prisão, escreve seu projeto de ciência voltado a descobrir a origem das ideias, suas combinações e consequências. Para o historiador John B. Thompson, havia também um componente político.

Para Tracy e para alguns de seus companheiros prisioneiros, parecia que Robespierre estava procurando destruir o Iluminismo. Para esses intelectuais, a anarquia bárbara do Terror poderia ser combatida por uma combinação de filosofia e educação, baseadas na análise sistemática das ideias: essa seria a maneira como o legado do Iluminismo poderia ser concretizado no interior de uma situação revolucionária. (THOMPSON, 2011, p. 44-45)

Desse modo, um dos objetivos do estudo da ideologia pensada por Tracy seria a possibilidade de se compreender a natureza humana para, assim, reestruturar a ordem social e política de acordo com as necessidades e as aspirações dos seres humanos.

Ao sair da prisão em 1795, Tracy e seus companheiros ganham voz e vez. Um ano após obter sua liberdade, ele assume, no Instituto Nacional, a sessão do curso de Moral e Ciências Políticas. Nesse cargo, ele tem a oportunidade de divulgar e colocar em prática a “ciência das ideias”. Para esse filósofo, não podemos conhecer as coisas por si mesmas, mas apenas as ideias formadas pelas sensações que temos dela. Assim, se analisássemos, de uma forma sistemática, as ideias e as sensações, poderíamos ganhar uma base segura para o conhecimento científico. Desta forma, a “ciência das ideias” seria a base da educação, da moralidade, da gramática, da lógica e, finalmente, "a maior de todas as artes, isto é, a arte de regular a sociedade de tal modo que o ser humano encontraria ali o maior auxílio possível e, ao mesmo tempo, o menor desprazer de sua existência” (HOBBSAWN; RANGER, 1983 apud THOMPSON, 2011, p. 45)

Entretanto, esse pensamento é rechaçado pelas autoridades. Apesar de Napoleão Bonaparte, Consul em 1799 e imperador da França de 1804 a 1814, no início, apoiar os *ideólogos*, assim chamados na época, a academia é fechada a partir de 1803 pelo próprio Napoleão por entender que ameaçava a doutrina religiosa e a autoridade secular. Nas palavras de Chauí,

Os ideólogos foram partidários de Napoleão e apoiaram o golpe de 18 Brumário, pois o julgava um liberal continuador dos ideais da Revolução Francesa. Enquanto Cônsul, Napoleão nomeou vários dos

ideólogos como senadores ou tribunos. Todavia, logo se decepcionaram com Bonaparte, vendo nele o restaurador do Antigo Regime. Opõe-se às leis referentes à segurança do Estado e são por isso excluídos do Tribunado e sua Academia é fechada. Os decretos napoleônicos para a fundação da nova Universidade Francesa dão plenos poderes aos inimigos dos ideólogos, que passam, então, para o partido da oposição. (CHAUÍ, 2004, p. 10).

Napoleão começa uma guerra contra os ideólogos, pois achava que eles tinham uma aproximação muito forte com os republicanos e isso era visto como uma ameaça a suas ambições autocráticas. Começa a ridicularizar esses pensadores e a culpá-los pela derrota na Rússia. Dizia que a ideologia era uma “doutrina especulativa abstrata” que conspirava contra o novo governo. A partir desse depoimento, surge outro sentido para a palavra ideologia. Nas palavras de Thompson,

Se, para de Tracy, a ligação era direta e explícita (ideologia era uma ciência superior, que iria facilitar o progresso nos afazeres humanos), para Napoleão ela era implícita e oposicional (ideologia era a pretensa filosofia que tinha incitado a rebelião ao tentar determinar os princípios políticos e pedagógicos na base apenas do raciocínio abstrato). (THOMPSON, 2011, p. 48-49)

Assim, o termo ideologia vai adquirindo novos adeptos e novas concepções, a exemplo de Marx e Engels, que, em 1845-1846, ressignificam o termo *ideologia* partindo desses pensamentos expostos por Tracy e Napoleão. Essa ponderação será feita na próxima seção.

3.3 REFLEXÕES SOBRE IDEOLOGIA EM KARL MARX E ENGELS

Como analisado anteriormente, a expressão *ideologia*, um neologismo criado por Tracy, tinha propósito inicial investigar o conhecimento humano. Em seus estudos, Tracy acreditava que o pensamento humano, ou seja, as ideias tinham uma estrita relação com as sensações, estavam ligadas à atividade do sistema nervoso. Portanto, a ideia era vista como um fenômeno natural, porém procedente da relação entre o corpo humano e o meio ambiente.

Esse estudo de Tracy, juntamente com o uso negativo da palavra ideologia apresentado por Napoleão, ganha uma nova ressignificação por Marx e Engels no início do século XIX. Eles usam o termo ideologia em sentido negativo para fazer uma crítica à

“ideologia alemã” presente na época. Acreditavam haver uma manipulação das ideias que levava à alienação dos trabalhadores, ou seja, a ideia era ocultada, causando uma espécie de cegueira, uma consciência que impede de enxergar algumas determinações impostas na sociedade.

Na análise de Thompson (2011), esse conceito negativo de crítica ao adversário tem uma relação com o período iluminista no qual Napoleão criticava os “ideólogos” adeptos à teoria de Tracy, assim como Marx e Engels criticavam os jovens hegelianos, usando o sentido negativo da expressão ideologia. Na análise de Thompson,

Durante seu exílio em Paris, entre 1844-1845, Marx tinha lido e destacado parte do trabalho de Destutt de Tracy. Foi imediatamente após esse período que Marx e Engels escreveram A ideologia alemã, um texto longo em que eles criticam a visão dos "jovens hegelianos", tais como Feuerbach, Bauer e Stirner. Ao caracterizar as visões desses pensadores como “a ideologia alemã”, Marx e Engels estavam seguindo o uso que Napoleão fizera do termo "ideologia", e estavam fazendo uma comparação entre trabalho dos ideólogos com o dos jovens hegelianos: o trabalho dos jovens hegelianos era um equivalente, nas condições sociais e políticas relativamente atrasadas da Alemanha do início do século XIX, das doutrinas de de Tracy e de seus companheiros. (THOMPSON, 2011, p. 50)

Parafrazeando as palavras de José Paulo Netto (2016), Marx e Engels, ao criticarem a ideologia alemã, estavam mostrando que a ideologia aliena o ser humano de si mesmo, ou seja, as ideias estão tão intocáveis e cristalizadas que cegam o ser humano, impossibilitando de perceber outras formas e outras realidades, dessa maneira, alienando a classe operária. Portanto, a ideologia é uma forma de consciência que oculta e impede que algumas determinações sejam vistas. Dito isso, há, na concepção de ideologia de Marx e Engels, três palavras-chave: ocultamento, alienação e a naturalização, que fazem parte do processo ideológico alemão, como, por exemplo, o capital visto como uma coisa inevitável, natural, mas é justamente essa naturalização das coisas que Marx e Engels vão criticar. Com isso, não quer dizer que eles seguem a linha napoleônica da palavra “ideologia”, mas se apropria dela para trazer seu conceito. Para Thompson (2011),

A contribuição específica de Marx consiste no fato de que ele assumiu o sentido negativo, oposicional, implícito e presente no uso do termo como feito por Napoleão, mas transformou o conceito, incorporando-o a um marco referencial teórico e a um programa político que eram profundamente dependentes do espírito do Iluminismo. (THOMPSON, 2011, p. 49)

Marx e Engels faziam críticas à teoria filosófica de Hegel e propõem a materialidade e não a ideia como origem do processo histórico que constitui o mundo. Enquanto Hegel elege a lógica dialética, constituída por três elementos: tese, antítese e síntese, como único método apropriado para o estudo de uma realidade, Marx reinventa a teoria e coloca três fatores para uma compreensão materialista da realidade: desenvolvimento da ciência, a dialética hegeliana e o aguçamento dos problemas econômico-sociais. (DUTRA, 2013). Desse modo, transformando o idealismo de Hegel no materialismo.

Segundo Marx e Engels, para os jovens hegelianos, os produtos da consciência, isto é, as representações, os conceitos e ideias eram “verdadeiros grilhões da humanidade”. Por isso,

Torna-se assim evidente que os jovens hegelianos devem lutar unicamente contra essas ilusões da consciência. Como, em sua imaginação, as relações dos homens, todos os seus atos e gestos, suas cadeias e seus limites são produtos da sua consciência, coerentes consigo próprios, os jovens hegelianos propõem aos homens este postulado moral: trocar a sua consciência atual pela consciência humana, crítica ou egoísta e, assim fazendo, abolir seus limites. Exigir assim a transformação da consciência equivale a interpretar de modo diferente o que existe, isto é, reconhecê-lo por meio de uma outra interpretação. (MARX; ENGLES, 1998, p. 9)

A crítica feita por Marx e Engels aos ideólogos da escola jovens-hegelianos traz à tona algumas reflexões. Uma delas é a não-neutralidade de ideia, pois, quando os jovens hegelianos propõem a trocar da consciência atual pela “consciência humana, crítica ou egoísta”, leva-nos a pensar que estamos sempre envolvidos por ideias e realidades propositadas e nunca neutras. Em outro excerto, Marx e Engels afirmam que os jovens-hegelianos, apesar de se declararem combatentes da fraseologia⁶, eram conservadores: “Os mais jovens dentre eles acharam a expressão exata para qualificar sua atividade, ao afirmarem que lutam unicamente contra uma ‘fraseologia’. Esquecem, no entanto, que eles próprios opõem a essa fraseologia nada mais que outra fraseologia” (MARX; ENGLES, 1998, p. 9). Ao fazerem essa crítica, Marx e Engels colocam em questão a contradição dos estudos dos jovens-hegelianos que não percebiam sua ingenuidade nas suas análises, conseqüentemente essa crítica amplia uma visão sobre o discurso e a

⁶ “fraseologia – Esse termo designa o conjunto das expressões cristalizadas, simples ou compostas, característica de uma língua ou de um tipo de discurso.” Atualmente, o estudo da fraseologia se volta para a perspectivas culturais, interacionais e argumentativas. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008)

ideologia, pois estamos sempre pertencendo a um campo de pensamentos já existente e o sujeito é sempre atravessado por vozes, ou seja, os jovens-hegelianos tinham a ilusão ao pensar que estavam inovando, indo de encontro à fraseologia, no entanto, ainda estavam presos aos mesmos discursos.

A outra reflexão está na afirmação de que esses jovens, ao combaterem a fraseologia com outra fraseologia, “não lutam de maneira alguma contra o mundo que existe realmente ao combaterem unicamente a fraseologia desse mundo.” (MARX; ENGELS, 1998, p. 9). Para esses críticos, “os hegelianos não percebiam que as ideias eram fruto das condições sócio-históricas e, conseqüentemente, das condições materiais de existência (ALVAREZ, 2021). Para Netto (2016), o ideólogo imagina que essa elaboração é a razão inteiramente livre, no entanto ela modula a vida social, é o que Marx e Engels chamam de falsa consciência. Assim sendo, admite-se que o homem não é um ser isolado, abstrato, ideal. Esse mesmo pensamento comunga com o do Círculo, que considera os aspectos sócio-histórico e ideológico no discurso. Marx, portanto, traz a materialidade para os estudos da ideologia.

Os estudos filosóficos de Marx e Engels partem de premissas reais, de indivíduos reais com suas condições materiais de existência, suas ações. Para eles, o homem se vê diferente dos outros animais, quando começa a *produzir* seus meios de existência, no entanto há um modo de vida determinado, pois o indivíduo já encontra um determinado modo de atividade para ele. Essa atividade material e o comércio material humano estão ligados diretamente à produção das ideias, das representações e da consciência. Assim, parafraseando Marx e Engels, o pensamento, as representações emanam do comportamento material do indivíduo, ou seja, as ideias são provenientes das condições materiais de existência, inclusive, esse mesmo processo ocorre com a produção intelectual, como se apresentam na linguagem das leis, da moral, da religião etc. Conseqüentemente,

São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E, se, em toda a ideologia, os homens e suas relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmara escura, esse fenômeno decorre de seu processo de vida histórico, exatamente como a inversão dos objetos na retina

decorre de seu processo de vida diretamente físico” (MARX; ENGLES, 1998, p. 18 - 19)

A relação do homem real com seu meio de *produção* se apresenta diferente da teoria de Tracy, pois mostra que o homem não é um ser isolado em seus pensamentos, há uma ponte entre ele e o meio ambiente. Diferente do que professa Tracy em que o ambiente (o externo) estimula as sensações, essa ponte está diretamente ligada à produção, ao modo, ao comportamento do homem com o trabalho. Assim, esse pensamento também diverge das ideias da filosofia alemã. Marx e Engels expressam essa divergência da seguinte maneira:

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. E mesmo as fantasmagorias existentes no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material, que podemos constatar empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e todo o restante da ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, perdem logo toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; ao contrário, são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhe é própria, seu pensamento e também os produtos do seu pensamento. (MARX; ENGLES, 1998, p. 19)

Nesse excerto, percebe-se a divergência entre as duas correntes filosóficas presentes na Alemanha no modo de perceber e analisar as relações entre o homem e seus pensamentos. Enquanto a filosofia daquela época partia da ideia para chegar à realidade, Marx e Engels partem do homem real “de carne e osso” em suas atividades reais para se chegar às repercussões ideológicas desse processo vital. Finaliza afirmando que os homens transformam seu pensamento por meio da produção material e suas relações materiais juntamente com a realidade que lhe é própria.

Há um reconhecimento da materialidade, da relação concreta do homem com sua atividade real para se chegar à ideologia. Partindo desse ponto, o pensamento está atrelado ao meio e à relação de poder, emergindo assim a ideologia. No próximo excerto, Marx e Engels explicam essa relação com a ideologia.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as idéias de sua dominação. (MARX; ENGLÉS, 1998, p. 48)

Portanto, os pensamentos dominantes são aqueles da classe dominante. Há uma ocultação ou silenciamento de produções intelectuais que não sejam dessa classe dominante que também dispõem dos meios de produção material. Entendendo esse bloco constituído, a ideologia se define como as ideias, os valores, as crenças sob a dominação dos interesses de uma determinada classe, a dominante, mas com uma falsa consciência que esconde os reais motivos que impedem a outra classe de enxergar esse processo dominante, fazendo com que a classe dominada reproduza as ideias da classe dominante. Por isso, eles afirmam que a ideologia está atrelada ao ocultamento, à alienação, pois a ideia dominante nega e aliena a ideia daqueles que não detêm a produção material e intelectual.

Em relação aos indivíduos e ao processo ideológico, Marx e Engels dizem o seguinte:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também uma consciência, e conseqüentemente pensam; na medida em que dominam como classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é evidente que esses indivíduos dominam em todos os sentidos e que têm uma posição dominante, entre outras coisas também como seres pensantes, como produtores de idéias, que regulamentam a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época; suas idéias são portanto as idéias dominantes de sua época. (MARX; ENGLÉS, 1998, p. 48 - 49)

Desse modo, os pensamentos dominantes por uma determinada classe são criados por indivíduos conscientes da sua posição de dominante que regulamentam a produção e distribuição dos pensamentos de uma época.

Alguns pontos desse pensamento divergem e outros se encontram nas obras do Círculo de Bakhtin. A seguir, serão discutidas as ideias sobre ideologia presentes nas obras dos três membros: Voloshinov, Medviédev e Bakhtin

3.4 POSIÇÕES IDEOLÓGICAS NO CÍRCULO: VOLOSHINOV, MEDVIÉDEV E BAKHTIN

A fase bakhtiniana da Linguística Textual toma como princípio as ideias de Bakhtin e do Círculo, em especial, sobre os aspectos ideológicos que são apresentadas por Voloshinov, Medviédev e Bakhtin.

Para discutir as questões ideológicas por esses três pensadores do Círculo, essa tese se apoiará nas seguintes obras: *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, Bakhtin (Volochínov), na tradução de Yara Vieira e Michel Lahud (2009); *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, Volochínov (Círculo de Bakhtin), na tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (2017); *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Medviédev, tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (2016); *Estética da criação verbal*, Bakhtin, tradução de Paulo Bezerra, (2011), além de artigos e textos de pesquisadores na área.

3.4.1 Reflexões sobre a ideologia em Volochínov (Círculo de Bakhtin) presente na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*

Após as discussões e reflexões expostas sobre a autoria da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)* na seção 2, esta pesquisa adota, para seu suporte teórico, a tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (2009) na qual constam os autores: Bakhtin e (Volochínov). Também fará referência à tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (2017), que adotaram a autoria da seguinte forma: Volochínov (Círculo de Bakhtin). Assim sendo, a pesquisa fará referência aos dois autores.

Antes das reflexões sobre ideologia, faz-se necessário retomar alguns pontos importantes sobre a recepção da obra *MFL*. A primeira tradução foi do francês para o português, colocando como autor Bakhtin e o nome de Volochínov entre parênteses. Essa edição de 1979 foi feita pelos tradutores já citados e contou com a participação de Roman Jakobson, Marina Yaguello. A tradução mais atual foi feita por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (2017), que apresentam como autor Volochínov e acrescentam entre parênteses a expressão (Círculo de Bakhtin). As tradutoras fizeram um trabalho diretamente do russo, além das pesquisas feitas em bibliotecas da Rússia, buscando as

edições originais. Após as pesquisas, elas esclarecem que a autoria desses originais consta de Valentin Nikoláievitch Volóchinov, tanto na primeira edição de 1929 como na segunda de 1930. Sobre essa pesquisa, Beth Brait (no prefácio desta mesma edição de 2017) declara que “a autoria de MFL, colocada dessa forma, parece fazer jus à realidade daquele momento.” Ela se refere à mudança da autoria em que as tradutoras optam por Voloshínov, mas acrescentam o Círculo de Bakhtin que fica entre parênteses, isso porque o texto foi produzido no momento de existência e atividade do grupo, portanto a obra provém do Círculo.

Feitas as considerações necessárias sobre a autoria, iniciam-se as reflexões presentes na obra e em seu contexto social e histórico. Nos estudos de Rosalvo Costa (2018), “MFL se constrói em diálogo com o contexto teórico e filosófico do momento, em cujo âmbito circulam diversas tradições intelectuais, entre as quais (em razão do processo de transformação por que passa a Rússia) o marxismo tem papel de relevo” (COSTA, 2018, p. 9). Esse ponto de vista é comprovado logo no primeiro capítulo da obra onde, ao contextualizar o momento teórico, estabelece uma relação entre os problemas da filosofia da linguagem e o marxismo.

Na obra MFL, as bases da criação ideológica marxista estão estreitamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem, pois o signo e a ideologia estão estritamente imbricados. A citação a seguir revela esse liame.

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. (Voloshinov, 2017, p. 91)

Então, todo corpo físico, instrumento de produção ou um produto de consumo se constituem parte da realidade (social ou natural) e passam a ser vistos como produto ideológico pela sua movimentação, vez que o produto ideológico não é inerte ou previsível como os demais, pois ele reflete e refrata uma realidade fora da existente, uma realidade exterior a ela própria. Portanto, “Onde não há signo também não há ideologia” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 91). Dessa forma, o produto de consumo e o instrumento de produção, na expectativa do marxismo, podem ser entendidos, compreendidos como incontestáveis e previsíveis, enquanto o produto ideológico, mesmo se constituindo da realidade, difere dos outros corpos físicos, pois retrata e refrata essa realidade. Desse

modo, percebe-se que a linha marxista e a linha do Círculo de Bakhtin se cruzam e se distanciam em alguns momentos.

A influência marxista no Círculo está interligada às obras publicadas pelos seus membros e, conseqüentemente, a questões autorais dos textos disputados. Isso faz com que pesquisadores apresentem diferentes pontos de vista. Na pesquisa de Costa (2017), os partidários da tese da onipaternidade bakhtiniana, na busca pela unicidade dos dois momentos dos escritos de Bakhtin, optam por desmarxizar os textos de Volochínov e Medviédev a exemplo dos trabalhos de Bocharov e Clark & Holquist, que afirmam ser fachadas as terminologias relacionadas ao marxismo por conta de uma estratégia “esopiana”; por outro lado, Hitchcock tenta aproximar os textos iniciais de Bakhtin às ideias de economia e política de Marx (COSTA, 2017, p. 99-100). Nos estudos de Zenkine (2014), a busca por um veredito final em relação aos textos disputados deixa de lado um estudo mais profundo do marxismo nas obras. Veja a citação.

(...) Na verdade, quer seja sincero ou imposto por fatores externos (problema que divide há muito tempo os exegetas, uns interpretando esses textos “à esquerda” outros “à direita”), esse marxismo acaba se revelando *rudimentar*, como recentemente mostrou, por exemplo, Patrick Sériot em relação à filosofia da linguagem de Vološinov. É um marxismo sem dialética, sem luta de classes nem revolução, sem ideias de práxis, de trabalho nem de ideologia (este último termo, frequente em Vološinov, tem aí um sentido que tem pouco a ver com *A ideologia alemã*); um marxismo que se reduz ao princípio sumário do “monismo materialista” (p. 352) e a um “*interacionismo social*” (p. 388), privilegiando as solidariedades, e não os conflitos sociais entre os indivíduos comunicantes. J.-P. Bronckart e C. Bota, que conhecem o artigo de P. Sériot, não tentam refutar sequer uma de suas críticas. Ora, reorientar as ciências da linguagem e da literatura na direção de um estudo da interação humana e colocar esse aspecto interacionista da linguagem acima de seu aspecto cognitivo — um gesto teórico importante que podemos, com justiça, creditar aos autores dos “textos disputados” — não implica, no entanto, uma —deliberada fundamentação no marxismo (p. 51) — pelo contrário, está longe disso. (ZENKINE, 2014, p. 193)

Nessa citação, o autor mostra as posições contrárias de estudiosos em relação à influência do marxismo no Círculo, no entanto ele não descarta a possibilidade de uma fundamentação marxista no Círculo.

Outro ponto que chama a atenção é a contribuição do Círculo de Bakhtin no aspecto da interação, ou seja, o “aspecto interacionista da linguagem acima de seu aspecto cognitivo”; isso mostra que a preocupação do grupo estava também nas relações sociais humanas, na preocupação do sujeito social que se constitui na interação com outrem, o

conflito não seria de classes, mas de ideias materializadas nas vozes ideológicas, nos signos ideológicos. Mais uma vez, percebe-se que esse estudo vem se materializando na fase bakhtiniana da Linguística Textual, que concebe o texto como evento dialógico, semiótico, oral ou escrito, compondo-se de aspectos gramaticais da língua, sociais, históricos e ideológicos. (HEINE, 2018)

Por outro lado, há quem defenda haver duas acepções diferentes para o termo ideologia em Volochínov, como Lähteenmäki (2012, p. 95).

Em sua teoria acerca do signo linguístico, Voloshinov usa o termo “ideologia” com duas acepções distintas. Primeiramente, “ideologia” pode se referir a uma visão de mundo social específica, isto é, à ideologia de uma classe social em particular. Em segundo lugar, Voloshinov usa o termo de uma forma mais ampla e de sentido mais idiossincrático para designar diferentes esferas da atividade humana, as quais envolvem o uso dos signos. (LÄHTEENMÄKI, 2012, p. 95 apud LENZ, Cristiane, 2014, p. 21)

Essa análise mostra que o estudo da ideologia no Círculo, especificamente, nas ideias de Volochínov, perpassa pelo conceito marxista, pois, para esse filósofo, a ideologia está presente no social, na relação das classes sociais. O Círculo amplia esse conceito, mostrando que não há enunciado neutro, pois ele reflete e refrata uma realidade proferida por um indivíduo que, ao se posicionar, demonstra os valores constitutivos no meio social. Portanto, a ideologia não é dissociável do social e do indivíduo, há uma interligação entre o ser e o social que se constitui pela ideologia. Na linguagem, não há ideologia sem signo e “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33). Com base nesse pensamento, desenvolve-se a obra MFL.

Na obra MFL (2009), a ideologia é o signo que comporta um significado fora de si mesmo. Pensando dessa forma, o corpo físico, o instrumento de produção ou produto de consumo, ao valer-se por si próprios, não significam nada, não têm valor ideológico, pois não refletem nem refratam uma outra realidade a não ser aquela ordinária a qual existe. Mas esse objeto (corpo físico) pode se converter em signo, passando a agregar outros significados que ultrapassam sua própria peculiaridade, ou seja, quando ele apresenta uma outra realidade, refletida e refratada da qual faz parte. Um exemplo citado na obra se refere ao pão e ao vinho que são produtos de consumo, mas, no sacramento cristão da comunhão, passam a ser signo ideológico. Por outro lado, se o signo ideológico pode refratar a realidade e atribuir-lhe sentidos a partir de um ponto de vista específico, consequentemente, estará sujeito a critérios de avaliações como verdadeiro, falso, bom,

ruim, correto etc. Nesse sentido, a interação dialógica é vital na construção de sentido e na réplica do sujeito responsivo.

Há um caráter material da ideologia que se revela em diferentes linguagens, como afirma o excerto.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, P. 33)

A ideologia se materializa no signo, seja palavra, som, cor, movimento do corpo, um objeto físico ou outra manifestação da linguagem. Tomando como base essa teoria, a fase bakhtiniana da LT assevera que são nessas manifestações linguístico-semióticas que a ideologia se concretiza, portanto o texto, como evento dialógico, semiótico, falado ou escrito (HEINE, 2018), é constituído de fenômenos histórico-ideológicos cuja interação – condição fundamental para sua existência – é efetivada no diálogo com o sujeito que o lê, ouve, vê ou sente, passando a interagir como sujeito responsivo o qual responde axiologicamente com ele. Mais uma vez, essa teoria se apresenta comum no Círculo, uma vez que o sujeito responsivo de Bakhtin está bem representado na obra MFL na qual “a compreensão é uma resposta a um signo por meio de outros signos” (2009, p. 34). Essa cadeia de compreensão ideológica, aspecto idiossincrático do sujeito social, torna-se única e contínua, deslocando de signo em signo para um novo signo. Segue o excerto:

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 34)

A consciência individual é inerente à realidade histórico-social, portanto vai de encontro à consciência freudiana que acredita ser uma instância circunscrita ao psiquismo individual. Para Volochínov, não existe consciência individual isolada, ela é uma

construção proveniente da interação social entre os indivíduos socialmente organizados, logo “a consciência individual é um fato socioideológico”⁷.

O lugar da ideologia não se encontra nas “raízes supra ou infra-humanas”, mas “entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação”⁸. Assim sendo, “Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem”⁹. Isso é, pegando o próprio exemplo na obra, se colocassem dois *homines sapiens* quaisquer face a face, não seria possível os signos se constituírem, não haveria ideologia, pois é necessário que esses indivíduos estejam organizados socialmente, formem grupos para que os signos se constituam a partir do meio social e ideológico. Portanto, para Bakhtin, a ideologia está na interação, no dialogismo e a palavra é a expressão viva da ideologia.

Sendo a palavra o fenômeno ideológico por excelência, sua realidade é absorvida por sua função de signo. Assim,

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 42)

A palavra, portanto, é o traço significativo que dá início à transformação social. Ela faz parte da interação verbal e se constrói nessa ação na medida em que os sentidos são negociados entre os interlocutores, a palavra passa a ser a ponte entre o locutor e o interlocutor e a ideologia transita sobre ela, dando sentido e significado por isso, o que pronunciamos ou escutamos não são apenas palavras, “mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 98). De fato, se a palavra em si só não apresenta

⁷ MFL, 2009, p. 35

⁸ Idem, p. 35

⁹ Idem, p. 35

nenhum valor ideológico, ela ganha vida na interação social, nas representatividades dos seus interlocutores e por isso contém duas faces – quem fala e para quem se fala.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 98-99)

Percebe-se que a palavra-enunciado está na centralidade da interação socioideológica. Ao inserir a concepção de enunciado, Bakhtin e Volochínov (2009) mostram a representatividade dos embates ideológicos feitos por indivíduos organizados socialmente. O enunciado reflete as lutas sociais e econômicas de uma realidade, mas também refratada, ou seja, o enunciado não reproduz uma realidade puramente refletida como de um espelho, ele projeta uma realidade atravessada pelas avaliações.

Sumarizando esse tópico, a concepção de ideologia presente na obra MFL está presente no processo da refração por meio da palavra que carrega uma multidão de fios ideológicos. O sujeito, ao se posicionar, refratando a realidade, o faz dentro de um contexto social, real, envolto por vozes ideológicas, pois não há discurso neutro. Portanto, a ideologia é autônoma e instável, pois os sujeitos são agentes produtores de ideologias.

3.4.2 A ideologia em Medviédev

Medviédev é o primeiro do grupo a publicar um trabalho voltado à temática da ideologia. Embora os estudos estejam voltados ao campo da literatura, o autor discorre a temática estabelecendo forte ligação com as ideias marxistas, como declara na citação:

Os fundamentos dessa ciência das ideologias foram profundas e solidamente alicerçados no marxismo, que formulou uma definição geral das superestruturas ideológicas, de suas funções na unidade da vida social, de suas relações com a base econômica e, em parte, também da relação interna entre elas. No entanto, até hoje, o estudo detalhado das particularidades específicas, da peculiaridade qualitativa de cada campo da criação ideológica – ciência, arte, moral, religião –, encontra-se ainda em estado embrionário. (MEDVIEDEV, 2016, n.p.)

Esse autor reconhece a importância dos estudos marxistas no campo da ideologia, mas, ao mesmo tempo, critica a falta de investida para ampliação nas pesquisas das esperas ideológicas: arte, religião, ciência etc. Esta ausência perdura até o momento, principalmente, quando se trata do ensino de Língua Portuguesa da Educação Básica, cujo foco se volta para as análises linguísticas e gêneros textuais, porém esse último se restringe apenas a sua estrutura formal ou, as características, envolvendo o suporte, o propósito e o conteúdo temático, deixando de lado as questões ideológicas presentes nos enunciados. Observada essa lacuna, surgem alguns estudos direcionados à análise textual com vista aos aspectos sócio-histórico e ideológicos, como é o caso da Linguística Textual (LT) com a nova fase bakhtiniana (HEINE, 2014), revelando as possíveis construções de sentidos com base nas ideias do Círculo de Bakhtin.

Os estudos sobre ideologia devem colocar o indivíduo no centro, pois sem ele não há ideologia. Sua criação é feita pelo homem, pois a compreensão e a criação ideológica só acontecem no processo da comunicação social.

Até nossos dias a ciência interessava-se somente pelos processos individuais, fisiológicos e, sobretudo, psicológicos da criação e da compreensão dos valores ideológicos, negligenciando o fato de que o homem individual e isolado não cria ideologia, que a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo da comunicação social. Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes, e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. (MEDVIEDEV, 2016, n.p.)

A ideologia não é algo que se situa no interior ao contrário, é na relação com o externo que a ideologia se manifesta, como afirma o próprio autor na seguinte citação:

Nós, de bom grado, imaginamos a criação ideológica como um processo interior de entendimento, de compreensão, de penetração e não nos damos conta de que, na realidade, ela está completamente manifesta exteriormente – para os olhos, para os ouvidos, para as mãos –, que ela não se situa dentro de nós, mas entre nós. (MEDVIEDEV, 2016, n.p.)

Desse modo, percebe-se que a ideologia não nasce no indivíduo, ou seja, não tem sua origem no interior, mas é criada na interação com o outro, com o externo. Esse mesmo pensamento está presente em Voloshínov e Bakhtin quando expressam a importância da interação na construção dos sentidos e na complementariedade do ser no outro. Veja o que diz Medviédev:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIEDEV, 2016, n.p.)

Essas reflexões se farão presentes também nas obras de autoria bakhtinianas.

3.4.3 A ideologia em Bakhtin

Ao analisar as publicações de Bakhtin, estudiosos demarcam o pensamento desse filósofo em dois momentos: antes de 1929 e a partir dessa data, como apresenta Castro (2010, p. 188). Destacam-se alguns conceitos da segunda fase que apresentam reflexões sobre ideologia, aliando-se às ideias de Volochínov e Medvedev. São eles: dialogismo, sujeito responsivo, gêneros e enunciados. Essa seção selecionará alguns pontos relevantes para compreensão da ideologia presentes nesses conceitos. No entanto, esta pesquisa não tem a pretensão de dar por cabo essa investida, até porque a pesquisa é movimento e, a cada época, conforme o contexto sócio-histórico, pode nascer uma nova ótica sobre o assunto. Desse modo, a referida tese apresentou reflexões sobre a questão ideológica no Círculo de Bakhtin com a finalidade de propor um ensino e aprendizagem que analise e compreenda o texto, não somente os seus aspectos linguísticos, mas o socioideológico que permeia todo o enunciado, pressupostos advindos da fase bakhtiniana da LT.

As publicações da segunda fase de Bakhtin, como Problema da obra de Dostoiévski, apresentam uma visão sociologizante, influenciado por Volochínov e Medvedev. Nasce o chamado projeto de Bakhtin cujo objetivo se voltava ao estudo das relações dialógicas presentes na palavra-discurso (materializada no enunciado concreto ou na esfera artística-literária). Como o método tradicional não dava conta dessa análise, Bakhtin via a necessidade de um enfoque metalinguístico para o estudo dessas relações dialógicas, buscando distanciar-se da linguística formalista.

As esferas ideológicas perpassam pelas relações dialógicas presentes na interação entre os sujeitos cujos enunciados são atravessados pelas avaliações sociais vivas. Na tradução de Costa (2017) do prefácio do livro *Problemas da Obra de Dostoiévski* (1929) mostra o seguinte:

Na base da presente análise encontra-se a convicção de que toda obra literária é internamente, imanentemente sociológica. Nela se cruzam forças sociais vivas, cada elemento de sua forma é atravessado por *avaliações sociais vivas*. Por isso, mesmo uma análise puramente formal deve considerar cada elemento da estrutura artística como *ponto de refração* de forças sociais vivas, como um cristal artificial cujas faces são talhadas e polidas de modo a refratar determinados traços das *avaliações sociais* e refratá-los segundo um ângulo preciso. (M. BACHTIN, 1997 apud COSTA, 2017, p. 141)

O autor apresenta as ideias de refração e de avaliações sociais vivas que comungam com a de seus pares (Volochínov e Medvedev). Mesmo se referindo à análise literária, essas ideias também estão presentes na interação, nos enunciados concretos, coadunando com a ideologia. Todo enunciado concreto se constitui pelas forças sociais vivas que são atravessadas pela avaliação social viva, ou seja, há um movimento vivo que instala a ideologia e, ao mesmo tempo, a modifica conforme as avaliações críticas sociais. Esta concepção se faz presente também na obra MFL, na seguinte explicação:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 123)

Portanto, as forças sociais e as avaliações fazem parte do processo de refração quando o indivíduo se faz pertencente ao histórico e social na sua participação como cidadão que interage e responde axiologicamente. A obra O Freudismo, publicada com o nome de Volochínov, mostra a ideia da relação do homem com a história e o real da seguinte forma:

Não existe o homem fora da sociedade, conseqüentemente, fora das condições socioeconômicas objetivas. Trata-se de uma abstração simplória. O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. (VOLOSHÍNOV; BAKHTIN, [1927], 2007 p. 11 apud COSTA, 2017, p. 97)

Se o homem não existe fora da sociedade e a sociedade, por sua vez se constitui através de diversas ideologias, então, o homem nasce socialmente submerso pela ideologia. Ao pertencer a uma determinada classe, a uma determinada localização cultural, ele se torna real e participante do processo ideológico. Somente com as forças sociais atravessadas pela avaliação inclusas no processo de refração, pode ocorrer o rompimento parcial de uma determinada ideologia, dando lugar a uma outra ideologia que se institucionalizará provisoriamente, pois a ideologia é instável e está sempre em movimento.

Dialogando com o pensamento de Costa (2017),

Tais avaliações, que, como se viu, são a condensação axiológica de preceitos, normas, concepções, opiniões, crenças etc. (remetendo-se, portanto, aos sistemas ideológicos constituídos e à ideologia do cotidiano), penetram o objeto estético, conforme diz Bakhtin, por um mecanismo de *refração*, outra ideia fundamental comum aos três autores. Designando um processo por cuja mediação as avaliações sociais (não de forma direta ou mecânica, mas de modo transfigurado, negociado, conflituoso) presentificam-se no objeto estético, o conceito da *refração* assinala o afastamento do Círculo em relação às posições para as quais os produtos ideológicos ou culturais seriam meros reflexos ou representações mais ou menos fiéis das relações materiais da existência social. O que é ressaltado, assim, é o caráter inerentemente tenso dos objetos estéticos, nos quais se refratam os antagonismos da realidade histórico-social. (COSTA, 2017, p. 142)

Desse modo, as avaliações condensam axiologias de preceitos, normas, crenças, opiniões entre outras que, no processo de refração, penetram no objeto estético.

Nas palavras de Bakhtin, “as concepções ideológicas também são interiormente dialogadas e no diálogo externo sempre se combinam com as réplicas internas do outro, mesmo onde assumem forma acabada, extremamente monológica.” (BAKHTIN, 2011, p. 199). A ideologia, portanto, é instável e se faz presente no dialogismo na relação com o outro, há um movimento constante que define as posições axiológicas, num diálogo inconcluso e esse movimento faz parte da vida. Na citação a seguir, Bakhtin (2011) esclarece:

A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p. 348)

Portanto, ao participar da vida, o sujeito dialoga com os outros e consigo mesmo, num processo inconcluso, isto é, contínuo, havendo nesse processo vozes ideológicas, como define Bakhtin (2011).

Definição de voz. Aqui entram a altura, o diapasão, o timbre, a categoria estética (lírico, dramático, etc.). Aqui entram ainda a ideologia e o destino do homem. O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos mas também com seu destino, com toda a sua individualidade. (BAKHTIN, 2011, p. 348 - 349)

Essa definição aponta um sujeito social com suas marcas de individualidade, diferenciando, assim, do sujeito da Análise do Discurso Pecheutiana. Sobre essa diferença, Heine (2017) esclarece o seguinte:

Para o referido filósofo russo, a ideologia provém das diferentes esferas sociais (a religião, a arte, a moral, a ciência, a ética, a filosofia etc.); por isso, que não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica. Na tradição, a ideologia aponta para o social, excluindo o individual, como é o caso da Análise de Discurso Pecheutiana; mas, para Bakhtin, a ideologia permite que o social, o histórico e o individual se entrelacem mutuamente, ressaltando, contudo, a preponderância dos dois primeiros sobre o terceiro. Tal alicerce teórico permite construir o sujeito dialógico bakhtiniano que é eminentemente social, mas com nuances intencionais no processo discursivo, o que configura a sua face individual. (HEINE, 2017, p. 356)

A análise de Faraco (2021) confirma esse pensamento sobre o sujeito em Bakhtin ao revelar que é social e individual ao mesmo tempo pela concepção de linguagem, isto é, o sujeito é social de ponta a ponta e é individual de ponta a ponta. Bakhtin, ao apresentar uma filosofia da interação, traz uma concepção de linguagem heterogênea e multivocal. Faraco (2021) continua sua análise dizendo que o ser humano não é um autômato, mas não é prisioneiro absoluto das circunstâncias.

E a ideologia em Bakhtin? Ela se faz presente no enunciado concreto, célula do dialogismo bakhtiniano, em que há presenças de vozes carregadas por outras vozes, havendo o encontro, o confronto e a luta na produção de significados e sentidos. Nesse confronto, há um sujeito ideológico que se posiciona com as “minhas palavras” (já de índole criadora) e se recria nessas relações axiológicas, comportando, assim, o social e o singular, revelando suas crenças, preceitos, opiniões, normas etc.

Vale a pena esclarecer que, quando se fala em sujeito ideológico no Círculo de Bakhtin, fala-se também do signo ideológico. Entendendo signo não nos moldes

saussurianos que via a língua em seu sistema abstrato, “fora do processo dialógico” (TEZZA, 2003, p. 194), isso porque Saussure não colocou em evidência os estudos da oralidade, mas sim da langue. O signo no Círculo de Bakhtin é linguagem, é discurso que se torna vivo socialmente ao entrar em contato com o outro, portanto não se pode estabelecer um hiato entre o signo ideológico e o sujeito bakhtiniano, porque o discurso deve ser visto ligado ao sujeito falante. Os discursos sociais são múltiplos e o processo de assimilação desses discursos se dá pelas relações dialógicas, portanto não se trata de absolver todos os múltiplos discursos, “não é só estoque” (FARACO, 2021). Desse modo, o sujeito discursivo, para o Círculo de Bakhtin, “é um ser heteroglóssico dizendo em outras palavras, em cuja consciência, na concepção bakhtiniana habitam múltiplas vozes sociais em contínua dialogização interna e externa, quer dizer, as relações dialógicas ocorrem na própria consciência.” (FARACO, 2021).

O signo ideológico se faz presente nas múltiplas vozes que se encontram no consciente do indivíduo. É comum interpretar essa concepção independente do sujeito, no entanto o signo deve ser visto ligado ao sujeito falante, pois “o signo reflete e refrata o mundo. Reflete e refrata. Se ele apenas refletisse, se ele fosse apenas uma estenografia do mundo, ele teria uma única verdade, mas como ele reflete e refrata, quer dizer, o ser humano é incapaz de apenas refletir” (FARACO, 2021).

Após as discussões sobre algumas ideias do Círculo de Bakhtin, apresenta-se um quadro resumo para destacar as concepções que subsidiaram as análises das redações selecionadas do Enem.

Ideologia	<ul style="list-style-type: none"> - É movimento. Muda conforme os aspectos social, histórico e cultural de uma determinada comunidade na qual o indivíduo está inserido e estabelece conexão e participação. - Apresenta-se, sobretudo, na interação dos sujeitos ou dos centros axiológicos, ou seja, no enunciado concreto, nos signos ideológicos. - A ideologia se materializa na linguagem (escrita, falada, gestual, nas manifestações artísticas).
Sujeito	<ul style="list-style-type: none"> - É responsivo, ou seja, após compreender determinado enunciado, ele responde concordando, discordando, opinando etc. Portanto, ele é social. - No ato responsivo, o sujeito avalia o enunciado, a palavra que desperta nele ressonâncias ideológicas e, ao responder axiologicamente ao enunciado, o faz dentro de um espaço social,

	imbuído pela sua historicidade. Daí seu traço singular. Trata-se de uma singularidade sociologizada.
Interação	- Manifestam-se as forças sociais vivas que são atravessadas pela avaliação social viva, ou seja, há um movimento vivo em que se instala a ideologia e ao mesmo tempo a modifica conforme as avaliações críticas sociais.

Feitas as reflexões sobre ideologia presente no Círculo de Bakhtin, destacando os três membros (Voloshínov, Bakhtin e Medvedev), percebe-se que há um pressuposto comum que permeia entre esses pensadores: “o juízo de que tanto a criação estética quanto a atividade linguística são inerentemente constituídas por relações sociais e, portanto, atravessadas pelos julgamentos, valorações e tensionamentos da realidade histórico-social.” (COSTA, 2017, p. 94)

Esse diálogo sobre ideologia faz pensar em um sujeito social e, ao mesmo tempo, singular, único que responde axiologicamente ao outro. Esse ser para Bakhtin é um sujeito responsivo.

4 SUJEITO RESPONSIVO

Esta seção tem por objetivo apresentar reflexões discursivas em torno do sujeito responsivo defendido por Bakhtin e seu Círculo para, assim, ter uma base mais sólida nas análises das escritas dos participantes do Enem 2015, além de trazer ponderações para a fase bakhtiniana na Linguística Textual (LT).

A linguística tradicional vê o sujeito como ideal, aquele que conhece a língua e possui uma competência gramatical para falar e entender a comunicação. Sendo assim, univocal. Contrário a esse pensamento, o sujeito no Círculo de Bakhtin é um indivíduo que interage com outrem, portanto um sujeito social e interacional, pois, mesmo no silêncio, no monólogo, esse sujeito se constitui na interação dialógica com outras vozes valorativas, logo esse ser social nasce imerso às vozes sociais presentes no seu cotidiano. Isso faz com que essas vozes sociais sejam ressoadas, não todas, mas aquelas com as quais o sujeito se identifica. Isso porque, na interação dialógica, pode haver um deslocamento valorativo em que o sujeito revela sua face individual ao se colocar como

agente consciente e reagente, ou melhor, como responsivo que precisa responder, concordando ou discordando e tomando posições. Portanto, o sujeito, para o Círculo de Bakhtin, é social, pois se constitui pelas vozes ou línguas sociais, havendo também um traço subjetivo no qual o sujeito precisa escolher que “máscara” usar na interação com outrem. Essas máscaras seriam as posições sociais que o sujeito usa. (FARACO, 2020).

No posfácio do livro *Para uma filosofia do ato responsável*, Faraco (2010) mostra que Bakhtin não apresenta todas as respostas para as questões sobre consciência ou como escolhemos tais proposições e não outras, mas deixa um parâmetro fundamental:

viver desde si mesmo não quer dizer viver para si mesmo. O sujeito moral bakhtiniano é, de certa forma, um solitário ético (a ele e só a ele cabe decidir). Mas não está sozinho no mundo: ‘o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro’. Ou seja, o outro (que não é simplesmente outra pessoa, mas uma pessoa diferente, um outro centro axiológico) baliza o meu agir responsável. (FARACO, 2010, p. 155)

Neste ato responsável, o sujeito em Bakhtin recria o discurso apresentando outras possibilidades de sentido. Ao trazer outras vozes em um determinado discurso dito, ele produz enunciados metamorfoseados¹⁰, apresentando traços da singularidade, pois são ditos que emitem outros sentidos, considerando os interlocutores, o espaço e o tempo. Ocorre, portanto, uma metamorfose nos enunciados já ditos, acrescidos de outros valores. Por exemplo, no discurso de que “lugar de mulher é na cozinha,” há vozes sociais ditas em uma determinada época na qual a sociedade reproduzia esses valores consolidados, expressando limites no espaço social feminino, no entanto esse enunciado pode ser metamorfoseado apresentando outros sentidos, transformado através da sua negação. Em outras palavras, o sujeito responsivo, em um processo de refrações ou na contraposição concreta, opõe-se a esse discurso machista, transformando esse dizer em outro dizer, transformando esse enunciado em um outro, único, que provoca sentidos diferentes, conforme a situação, o contexto e seus interlocutores. O sujeito não só nega o discurso “lugar de mulher é na cozinha”, como o transforma em outro, mudando o sentido, apresentando outra voz social como “lugar de mulher é onde ela quiser”. Esse processo denominado por Heine e Sales (2020) de enunciado metamorfoseado ocorre porque todo enunciado é único, ou seja, ele se metamorfoseia, assegurando novos sentidos conforme

¹⁰ Esta expressão foi usada por Sales e Heine (2020) no artigo “Enunciado metamorfoseado: contribuições de Bakhtin e Volochínov para estudo do cartaz de Rosie”. Disponível em: <http://revista.unespar.edu.br/index.php/revistaeducings/article/view/55>. Acesso em 02 dez. 2020.

o contexto, os interlocutores e seus aspectos histórico-ideológicos. Desse modo, o sujeito responsivo se entrelaça no seu tempo e espaço. Nas palavras de Bakhtin, “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento.” (BAKHTIN, 2011, p. 176)

A relação tempo e espaço se faz presente nos escritos de Bakhtin, que, ao tomar a ideia inicial de Einstein sobre cronotopo, desenvolve sua teoria no campo da análise literária. Nessa teoria, o cronotopo, como “tempo” e “espaço”, é apontado “à interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” (BAKHTIN, 2014, p. 211).

Esse processo metamorfoseado ocorre porque o sujeito é dialógico, ou seja, ele é singular, mas não é individual; é social, mas não é alheio aos ditos, aos enunciados, pois responde axiologicamente a outro centro axiológico. Portanto, ele é singular e social ao mesmo tempo. Nas palavras de Heine, Souza e Sales (2018, p. 21), o sujeito dialógico bakhtiniano é diferente do sujeito pragmático, pois “só se constrói na inter-relação com o outro, tendo uma consciência eminentemente social; por isso, não detém apenas o traço individual, nem o de um ser livre, justamente por constituir-se através do outro, sem tomar posição unilateral.”

No primeiro conceito de dialogismo, apresentado por Fiorin (2016), o autor afirma que os conceitos de individual e social não são simples nem estanques. Isso porque a maioria absoluta das opiniões dos indivíduos é social, porém ele não se dirige apenas a um destinatário imediato, mas a um “superdestinatário” que se manifesta também no processo dialógico em que a compreensão responsiva, apresentada como correta, é determinante da produção discursiva. “A identidade desse superdestinatário varia de grupo social para grupo social, de época para outra, de um lugar para outro: ora ele é a igreja, ora o partido, ora a ciência, ora a ‘correção política’.” (FIORIN, 2016, p. 31).

Ainda sobre o sujeito individual, Fiorin (2016) diz que

O sujeito bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. Se assim fosse, negar-se-ia completamente a concepção de heteroglossia e de dialogismo, centrais na obra do filósofo. A utopia bakhtiniana é que se pode resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa

no ‘simpósio universal’ ocorre na ‘interação viva das vozes sociais’. Nesse ‘simpósio universal’, cada ser humano é social e individual. (FIORIN, 2016, p. 32)

Fiorin (2016) nos apresenta que o sujeito não está preso por completo aos discursos sociais. Afinal, ele se constitui na interação com o outro e, portanto, responde a essas vozes concordando ou não, resistindo à força centrípeta e centralizadora. Logo, há, um espaço presente no inacabamento dos enunciados, deixando o sujeito tomar as decisões que lhe convém, criando outros discursos. Assim, cada sujeito é social e singular ao mesmo tempo.

Comungando com esse pensamento, Heine (2015) afirma que

O sujeito dialógico bakhtiniano se esbarra no arcabouço teórico do dialogismo, no qual impera a relação com o outro. Logo, o sujeito dialógico não é autônomo, constituindo-se na inter-relação com o outro, de onde provém uma interlocução regulada por fatores histórico-ideológicos. Assim sendo, distancia-se do objetivismo abstrato, cujo mentor é Saussure, pois o seu indivíduo recorre apenas ao sistema linguístico, para comunicar-se sem ter participação ativa sobre ele. Em Bakhtin, o sujeito é responsivo, ativo, sujeito concreto das práticas sociais, que se constrói eminentemente a partir de vozes diversas. Observa-se, contudo, nas reflexões de Bakhtin, que o socioideológico e o individual não se encontram dicotomizados, pelo fato de se depreender no seu sujeito um querer dizer, parte também constitutiva do enunciado (BAKHTIN, 2003). Por outras palavras, em qualquer enunciado, é possível captar um querer dizer do locutor que determina o todo do enunciado. Portanto, apesar de emergir a partir do outro, o sujeito dialógico detém nuances individuais, trazendo à baila a sua intencionalidade. (HEINE, 2015, p. 102-103)

Dessa forma, o sujeito responsivo dialógico existe na fusão entre o social e o singular, pois ele interage com o outro dialogicamente, posicionando-se exclusivamente de um determinado lugar que mais ninguém ocupa, só ele, pois cada ser é único. Nessa fusão, existe uma relação exotópica (eu-para-mim; o outro-para-mim; eu-para-o-outro) que constitui os sujeitos reais. Sobre o sujeito social e singular, Heine (2017) faz as seguintes considerações:

Diferentemente do sujeito pragmático, o sujeito dialógico bakhtiniano só se constrói na inter-relação com o outro, tendo uma consciência eminentemente social; por isso, não detém o traço individual, nem o de um ser livre, justamente por construir-se através do outro, sem tomar posição unilateral. Contudo, ao apresentar a sua concepção de enunciado, Bakhtin (2003, p. 261) faz menção ao traço individual. Essa posição de Bakhtin pelo ato individual pode conduzir a interpretações distorcidas, a exemplo de se asseverar que ele considera o sujeito individual. Faraco (2009, p. 86-87) esclarece que essa menção refere-se, indubitavelmente, à singularidade do ser humano, ao “afirmar que

cada ser humano ocupa um lugar único e insubstituível, na medida em que cada um responde às suas condições objetivas de modo diferente de qualquer outro” (FARACO, 2009, p. 86). Não se pode deixar de lembrar que o sujeito dialógico tem como pedra angular a intersubjetividade; por outras palavras, é impossível pensar “o ser” fora das relações com “o outro” – célula incisiva do processo de dialogização. Portanto, seria contraproducente interpretar o sujeito dialógico como individual, como um sujeito fonte do sentido, ou como um sujeito assujeitado, “infenso à sua inserção social”. O “eu” desse sujeito só se torna “eu entre outros eus” (SOBRAL, 2007, p. 22), constituído por vários “eus”, várias vozes em que dialogam vários discursos, em consonância com a heterogeneidade da realidade sociolinguística, será constituído a partir de vozes diversas, não detendo, portanto, o traço da individualidade. (HEINE, 2017, p. 352)

Essa visão do sujeito singular em Bakhtin, que é defendida por Heine (2017), é esclarecida por Ponzio (2010), que comungam com esse mesmo pensamento:

A singularidade, a unicidade, a que se refere Bakhtin, de forma alguma tem relação com o indivíduo egoísta, conforme expresso no “único” de Stirner, nem com um indivíduo associal, reduzido a uma entidade puramente biológica, confinado na esfera das necessidades fisiológicas, e no qual o corpo mesmo tenha sido suplantado pela abstração do organismo e a sua unidade tenha sido substituída pela divisão em órgão. (PONZIO, 2010, p. 23)

Não há dúvidas de que o sujeito bakhtiniano é social e singular ao mesmo tempo, pois ele é formado pelas vozes axiológicas às quais lhe são constituídas, mas, ao assumir as posições responsivas, age por ele mesmo, porque só ele ocupa aquele lugar, naquele momento e nas suas condições. Ele responde diferente do outro porque somos insubstituíveis.

Para melhor entendimento dessa relação social e singular, Bakhtin nos fala da relação exotópica com o outro e consigo mesmo, temática presente na arquitetura do ato responsável. Na próxima seção, será discutido esse tópico.

5 A RELAÇÃO EXOTÓPICA E A AÇÃO DE AUTORAR

“[...] na vida não nos interessa o todo do homem mas apenas alguns de seus atos com os quais operamos na prática e que nos interessam de uma forma ou de outra.”

Bakhtin (2011)

A epígrafe foi retirada do livro *Estética da Criação Verbal* em que o autor explica a “relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem” (BAKHTIN, 2011, p. 4). Enquanto, na obra literária, a resposta do autor às manifestações isoladas da personagem se baseia numa resposta única ao todo da personagem, correspondendo assim ao caráter criador, produtivo e de princípio; na vida cotidiana, a resposta não é dada ao todo do homem, porque respondemos axiologicamente a manifestações particulares, a uma parte desse todo, pois não temos acesso a sua totalidade, o homem é mutável e dinâmico, portanto sua totalidade é instável, quiçá, inatingível. Percebe-se assim que, numa relação exotópica da vida real, há um sujeito responsivo que, no processo dialógico com seu interlocutor em que se faz presente um emaranhado de fios ideológicos, responde apenas a parte que lhe interessa desse todo. Enquanto, na ficção, na literatura, o autor responde ao todo da personagem. Sobre esse pensamento, Sales (2016) mostra que a responsividade não acontece apenas no ato da criação literária, mas também no processo de compreensão textual no qual o sujeito responsivo (leitor) responde ao todo da personagem, caso ele a conheça em seu todo. A pesquisadora explica esse procedimento da seguinte maneira:

A exemplo de textos semióticos como as histórias em quadrinhos em que o leitor assíduo conhece o todo da personagem, um bom caso é o da personagem Mafalda, que apresenta características marcantes por ser questionadora e à frente de seu tempo, criticando os valores sociais presos a um modelo arcaico e hermético. Sendo assim, o sujeito responde axiologicamente com base no todo da personagem, suas ações, atitudes, pensamentos, sentimentos, acontecimentos, o que não ocorre na vida real, pois não conhecemos o outro no seu todo, neste caso, respondemos apenas às manifestações desse todo. (SALES, 2016, p. 30)

Assim, o sujeito dialógico responde axiologicamente ao todo da personagem e a uma parte do todo do homem, ou seja, responde-se apenas a uma manifestação isolada desse todo tão complexo do ser humano. Tanto no caso da ficção (autor-criador e autor-pessoa) como na vida cotidiana, essa ação responsiva perpassa pela relação exotópica em que o sujeito responsivo se coloca e se vê em lugar do *outro*, não no seu todo, mas na parte que lhe interessa, para então, retornando ao seu eu, completar o horizonte de visão desse *outro*, sem anular o excedente de visão intrínseco do lugar desse sujeito responsivo. Como afirma o próprio Bakhtin (2011),

O excedente da visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem

perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23)

Um dos pilares para as análises desta pesquisa é a relação exotópica que se estabelece entre o sujeito leitor (participantes do Enem), as vozes presentes nos textos lidos na proposta de redação, as demais vozes sociais que permeiam esse sujeito e a ação de autorar desse sujeito leitor que é, ao mesmo tempo, autor. Nesse processo dialógico, os participantes do Enem assumem uma posição responsiva quando eles se apropriam dos textos da prova, ativando, de imediato, na sua memória discursiva, outros enunciados ditos na rede social na qual eles se identificam, para, então, num processo de exotopia com essas vozes, responder axiologicamente ao seguinte tema proposto pelo Enem: *A persistência da violência contra a mulher*. Diante desse tema, o sujeito se posicionará como autor e, para isso, se deslocará para assumir uma posição autoral. Na análise desta pesquisa, interessa observar as vozes axiológicas presentes nos textos dos sujeitos responsivos (participantes do Enem) e sua relação com os signos ideológicos que permeiam a sociedade. De um lado, há um autor-pessoa que se apropria de um tema, estabelecendo uma relação exotópica com as vozes sociais. Do outro lado, há um deslocamento desse autor-pessoa que responderá ao discurso, posicionando-se, vestindo a máscara social que lhe cabe, passando a ser o que Bakhtin chama de autor-criador.

Firmando a explicação expressa anteriormente, a autoria está atrelada à responsividade, vez que ativa o autor-criador a dialogar axiologicamente aos enunciados sociais. Há, assim, uma relação exotópica presente não só na interação face a face com o outro, mas nas diversas maneiras de interação com a linguagem seja no campo artístico, na leitura e produção escrita em que o autor interage com as outras vozes, constituindo-se por meio do outro e de si. Vale ressaltar que, nessa relação com o outro ou com outras vozes, os sujeitos se mostram exteriormente, não havendo uma projeção direta de seu eu interior. Nas palavras de Bakhtin,

Todas as minhas reações volitivo-emocionais, que apreendem e organizam a expressividade externa do outro – admiração, amor, ternura, piedade, inimizade, ódio, etc. –, estão orientadas para o mundo adiante de mim; não se aplicam diretamente a mim mesmo na forma em que eu me vivencio de dentro; eu organizo meu *eu* interior – que tem vontade, ama, sente, vê, e conhece – de dentro, em categoria de valores

totalmente diferentes e que não se aplicam de modo imediato à minha expressividade externa. No entanto, minha autossensação interna e a vida para mim permanecem no meu eu que imagina e vê, não existem em um eu imaginado e visto, como não há em mim uma imediata reação volitivo-emocional vivificante e includente para minha própria imagem externa. Daí o vazio e o estado de solidão que ela experimenta. (BAKHTIN, 2011, p. 28)

Percebe-se que há no sujeito máscaras que são expostas diante da sociedade e se constituem por reações externas volitivo-emocionais com o *outro*. Essas máscaras equivalem à posição autoral quando o sujeito se pronuncia, pois assume uma posição de escritor, de autor. Bakhtin esclarece mais sobre esse evento em suas notas de caderno da década de 1970, lançando a seguinte pergunta: “em qual enunciado há uma face e não a máscara, isso é, em qual enunciado não existe autoria?” (FARACO, 2020). Dito isso, ele mostra que o ato de autorar não deixa de ser um deslocamento da pessoa para uma posição autoral, ou seja, uma voz social que ele assumirá, assim, em qual enunciado não existe uma autoria? Com base nesse pensamento, esta pesquisa vê a escrita não como uma forma do eu (indivíduo solitário) se expressar, mas de um sujeito social se posicionar, vestindo uma máscara social que lhe foi criada numa relação exotópica com o outro. Esse deslocamento da pessoa para uma posição autoral não é abrupto, pois há, como diz Heine, uma linha tênue entre o pessoal e o social. Nas palavras de Faraco,

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida. (FARACO, 2013, p. 39)

O ato de autorar é, portanto, buscar uma posição autoral, é vestir a máscara de uma determinada voz social (FARACO, 2020). “O autor-criador é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente.” (FARACO, 2013, p. 39). Esses conceitos fazem parte da estética da criação verbal, no entanto Bakhtin, ao definir esse ato da escrita literária, traz contribuições valiosas sobre a arquitetônica do mundo real do ato, da convivência social entre indivíduos, evidenciando a relação exotópica do eu e o outro, num processo de empatia e retorno ao seu eu-em-mim. Nas palavras do filósofo russo,

É esta arquitetônica do mundo real do ato que a filosofia moral deve descrever, não como um esquema abstrato, mas como o plano concreto do mundo do ato unitário singular, os momentos concretos fundamentais de sua construção e da sua disposição recíproca. Estes

momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim, e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluindo também os éticos e sociais) e finalmente religiosos. (BAKHTIN, 2010, p. 114).

O “eu-para-mim, o outro-para-mim, e eu-para-o-outro” são considerados momentos fundamentais na constituição do ato responsável. Na verdade, eles são dialógicos e representam a existência do sujeito responsivo. O eu se constitui na interação com o outro. Assim, a recepção tem papel importante na construção dos enunciados, o que não implica que o sujeito concorde ou aceite tudo que o outro lhe expõe. Ao contrário, ele pode ter posições diferentes, mas, mesmo discordando, o outro foi fundamental para que suas reflexões sejam revisitadas ou reafirmadas ou até refratadas.

Sobre essa arquitetura em Bakhtin, Ponzio (2010), no prefácio do livro Para uma filosofia do Ato Responsável, esclarece:

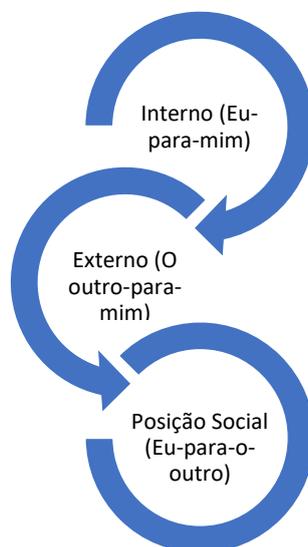
Para Bakhtin, a interpretação-compreensão da arquitetura pressupõe que ela se realize a partir de uma posição externa, extralocalizada, exotópica, outra, diferente e ao mesmo tempo não indiferente, mas participativa. Postam-se assim dois centros de valor, aquele do eu e aquele do outro, que são “os dois centros de valor da própria vida”, em torno dos quais se constitui a arquitetura do ato responsável. E é preciso que estes dois centros de valor permaneçam reciprocamente outros, que se mantenham como o relacionamento arquitetônico de dois outros, por aquilo que diz respeito ao ponto de vista espaçotemporal e axiológico. (PONZIO, 2010, apud BAKHTIN, 2010, p. 30)

Ponzio (2010) apresenta dois centros de valores que estabelecem, mesmo tendo sentidos contrários, uma relação recíproca na arquitetura construção do discurso. O sujeito responsivo constituído, por um lado social e um individual, permanece em constante movimento dialógico com o externo, ampliando seu horizonte de visão interna. No livro Para uma Filosofia do Ato Responsável, Bakhtin mostra essa relação externa com o interno por meio da explicação do dever no ato responsável. Para ele,

Não existe um dever estético, científico e, ao lado deles, um dever ético: há apenas o que é estética, teórica e socialmente válido e ao qual se pode agregar um dever a respeito do qual todas estas validades são de caráter técnico, instrumentais. Tais posições adquirem sua validade no interior de uma unidade estética, científica sociológica; enquanto adquirem o dever na unidade de minha vida singular e responsável. [...] O dever é uma categoria original do agir-ato (*postuplenie – postupok*) (e tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento), é uma certa atitude (*ustanovka*) da consciência, cuja estrutura nos propomos a desvendar fenomenologicamente. [...] (BAKHTIN, 2010, p. 47)

Dito isso, segue um quadro-síntese dos pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do Ato.

Quadro-síntese: Relação exotópica em Bakhtin



(SALES, 2021)

Expostas as discussões em torno do Círculo de Bakhtin sobre ideologia, sujeito, relação exotópica, parte-se para a nova proposta da Linguística Textual que busca preencher as lacunas deixadas nas suas fases anteriores com base na filosofia da linguagem bakhtiniana.

6 PRINCÍPIOS E FUNDAMENTO DA NOVA FASE DA LINGUÍSTICA TEXTUAL: FASE BAKHTINIANA

Na presente seção, objetiva-se refletir sobre as contribuições da Linguística Textual (LT) nos estudos do texto, fazendo uma breve trajetória dos avanços nas fases iniciais, indo até a nova proposta que abarca as ideias do Círculo de Bakhtin.

Essa nova proposta apresentada na LT surge com o escopo de suprir uma carência deixada pelas fases anteriores que, mesmo trazendo inovações sobre o texto, ainda não contemplavam de modo acurado os aspectos discursivos, sócio-históricos e ideológicos, ou seja, não analisavam o texto no viés das relações dialógicas, das posições valorativas e das vozes sociais refratadas.

As duas primeiras fases da LT, a *transfrástica* e a *gramática de texto*, por exemplo, ainda estavam presas às ideias formalistas. Enquanto, na *teoria do texto*, começa-se uma

investida nos estudos do texto em uso, na sua funcionalidade. Depois, com a virada sociocognitivointeracional, o texto passa a ser um evento sociocomunicativo, um lugar de interação entre os sujeitos ativos. Essa última fase da LT acende reflexões para a fase bakhtiniana, pois, se o texto é um lugar de interação entre leitor e escritor, como analisá-lo discursivamente? Primeiro, é conceber o texto como evento dialógico em que os sujeitos respondem axiologicamente aos enunciados concretos. Partindo desse princípio, os aspectos sócio-históricos e ideológicos ganham mais destaque nas suas análises. Revendo alguns pontos importantes em cada fase, percebe-se a evolução da pesquisa na LT.

Na *fase transfrástica*, havia uma preocupação em transcender a sintaxe que não ultrapassava o limite da frase. A análise do texto nessa fase foi significativa, pois estabelecia uma relação entre a frase e o período, construindo uma unidade de sentido. O estudo do fenômeno da correferenciação foi fundamental, pois ultrapassou o limite da frase, indo ao interior do texto para uma melhor compreensão da unidade, mas o texto ainda era concebido inicialmente como “uma sequência pronominal ininterrupta” (HARWEG, 1968 apud BENTES, 2012, p. 263). Depois Isenberg (1970) apresenta um outro conceito: “uma sequência coerente de enunciados”.

A fase *gramática de texto* preocupou-se com a descrição da competência textual do falante, influenciado pelos estudos da gramática gerativa. Para eles, o falante era capaz de perceber se o texto estava completo ou não, de parafrasear um texto, atribuir-lhe um título, de tipificar um texto e construir outro texto de um tipo particular. Nas palavras de Bentes (2012, p. 265), “as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato.”

A fase *teoria do texto* propõe investigar o funcionamento, a constituição, a produção e compreensão dos textos em uso. Agora, o estudo de texto dá espaço para os padrões de textualidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981). Observa-se, também, um sujeito pragmático no texto, isto é, um sujeito intencional, que tem por objetivo persuadir o outro, porém não há interação efetiva entre os interlocutores, na medida em que o sujeito pragmático sugere que os seus pares tenham sempre uma postura de concordância relativa ao discurso proferido.

No final da década de 1980, chega à virada sociocognitivointeracional trazendo a análise contextual, sociocognitivo e interacionista. Para Koch (2008), é por meio de ações linguísticas, sociocognitivas e interacionais que os interlocutores, a partir de então,

denominados sujeitos sociais, constroem os objetos-de-discurso¹¹. Na análise, levam-se em consideração as diversas formas de organização textual e as seleções lexicais, como afirma a própria autora, “[...] uma grande gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.” (KOCH, 2008, p. 10-11).

No entanto, o texto também mobiliza enunciados que exigem posições avaliativas dos sujeitos responsivos. Partindo desse princípio, tentando suprir algumas limitações das fases anteriores da LT, surge a fase bakhtiniana, que tem como base teórica os estudos do Círculo de Bakhtin, em especial as concepções de língua, linguagem, sujeitos axiológicos entre outros que vão alicerçar as análises textuais.

Não cabe mais nos estudos contemporâneos analisar os textos sem levar em consideração as vozes axiológicas que são oriundas de um processo de refração da realidade, pois, se os sujeitos sociais refratam a realidade, não há uma verdade única. Por outras palavras, há distintas ideologias geradas nos diferentes campos da atividade humana. Portanto, a análise textual, nessa fase bakhtiniana da LT, volta-se para outros aspectos e vão além da materialidade linguística, como o sócio-histórico e ideológico, semiótico tão bem discutidos pelo Círculo de Bakhtin e pontuado por Heine (2014, 2018).

A fase sociocognitivointeracionista da LT trouxe contribuições relevantes para a análise do texto ao iniciar o estudo da interação, sem, contudo, fazer um aprofundamento a esse respeito. Logo, abre espaço para novas reflexões trazidas pela fase bakhtiniana a exemplo da camada histórico-ideológica e dos signos semióticos como elementos constitutivos do texto. Sobre essa fase, a autora diz:

A Fase Bakhtiniana (HEINE, 2009) da Linguística Textual apresentou os seus primeiros embriões na transição entre os séculos XX e XXI, quando Heine (2001) sugere, na sua tese de doutoramento, uma nova classificação da anáfora que, finalmente, ampliava, pela primeira vez, a clássica concepção de Halliday e Hasan (1976). Essas reflexões pautam-se nos postulados bakhtinianos que, embora a literatura vigente da LT tenha incorporado algumas das concepções bakhtinianas, as suas pesquisas parecem não apresentar implicações resultantes das ideias do referido filósofo que, direta ou indiretamente, vêm imprimindo uma resignificação substantiva nos seus pilares básicos, a ponto de dar respaldo teórico para o surgimento de um novo momento. A questão fulcral é a concepção de texto, pois é a partir dele que são definidos os fenômenos teóricos que devem ser contemplados pela LT. (HEINE, 2017, p. 348)

¹¹ No dicionário de Charaudeau e Maingueneau (2008), objeto de discurso “é constituído de segmentos verbais que, em um texto ou em uma conversação, remetem àquilo de que se fala, e a noção parece então estar próxima das de tema ou de tópico.” (p. 351)

No campo educacional, é primordial entender os estudos existentes sobre texto e sujeito, examinando os avanços e contribuições da pesquisa, sobretudo referente à LT., como, por exemplo, nas produções textuais dos estudantes do ensino médio, é possível observar elementos constitutivos do texto defendidos por Heine (2014, 2018, 2020), a exemplo dos “aspectos histórico-ideológicos, caracterizados pelo processamento de sentidos inferenciais.” (HEINE, 2020). Assim, o candidato, ao se deparar com um tópico a ser discutido que exige um posicionamento (no caso, as propostas de redação do Enem), responde axiologicamente a esse tema num processo dialógico com outros textos, envolvendo os conhecimentos de mundo, compartilhados, intencionais, ideológicos dentre outros. Nessa forma enunciativa, os sujeitos sociais produzem enunciados ideologicamente construídos. Assim sendo, a interação não ocorre apenas face a face, visto que o sujeito só se constitui a partir de uma pluralidade de vozes axiológicas.

Sales (2016) explica que:

se todo texto traz representações refratadas do mundo de um ponto de vista advindo da ação exotópica do autor, por outro lado, no momento em que o leitor passa a dialogar com esse texto, ele toma a posição do outro, ocupando o espaço de “fora” de si e passa a refletir sobre as suas posições valorativas e as do autor, complementando-se com o olhar do outro (autor), retornando ao seu eu, tornando-se completo naquele momento. (SALES, 2016, p. 28)

Portanto, não há uma simples reprodução objetiva do mundo exterior, mas uma absorção das multiplicidades de vozes do mundo. (SALES, 2016, p. 29)

Esta pesquisa tem como base teórica alguns estudos de Bakhtin sobre linguagem, sujeito, enunciados e a relação exotópica existente no processo dialógico. Apoiase, assim, na fase bakhtiniana da Linguística Textual (LT), que analisa o texto ultrapassando os limites do código linguístico, direcionando-se para as vozes sociais e os embates axiológicos presentes nos enunciados.

Nos escritos de Bakhtin, o signo não é visto mais como um elemento descontínuo, proposto por Peirce e Saussure, mas como enunciado, isto é, como um *continuum* e um todo. Essa interpretação é observada por estudiosos e pesquisados bakhtinianos. Sériot (2015), ao analisar a resenha da palestra proferida por Ivanov, emite o seguinte parecer:

não nos informa nada de particular da palestra de V. Ivanov, que consiste essencialmente em afirmar que a obra de Bakhtin marca uma inflexão na história da semiótica: a antiga, a de Peirce e de Saussure, considera o signo como um elemento descontínuo, ao passo que a nova, que começa com Bakhtin, toma por objeto o signo como *enunciado*

[vyskazyvanie], isto é, como um *continuum* e como um todo. (SÉRIOT, 2015, p. 47).

Nesta palestra, Ivanov ratifica a posição de Bakhtin em relação ao signo que o considera como enunciado contínuo, distanciando-se do pensamento de Saussure e de Peirce. É consenso que Bakhtin achava necessário um rompimento com as ideias vigentes na época, diferenciando, assim, unidade da comunicação (enunciado) da unidade da língua (palavras e orações). Ao estabelecer essa diferença, Bakhtin revoluciona o entendimento da comunicação que deixou de ser vista como unilateral para ser dialógica, realizada em um processo *continuum*. Para ele “os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*”. Ao passo que “os limites da oração enquanto unidade da língua nunca são determinados pela alternância de sujeitos do discurso.” (BAKHTIN, 2011, p. 275; 277) Ao diferenciar enunciado de oração, ele expande o conhecimento restrito dos estudos linguísticos que se limitava apenas à frase. Bakhtin traz *à baila* possibilidades de análises como a ideologia/axiologia, ao perceber um sujeito que responde axiologicamente a outrem, envolvendo, portanto, os aspectos sociais e históricos.

Diante dessa perspicácia de Bakhtin ao romper com as ideias vigente na época e revelar um sujeito do discurso que interage com o outro, a fase bakhtiniana mostra a importância de uma análise textual que não para no código linguístico, mas analisa as vozes sociais presentes nos enunciados. Veja a explicação dessa fase da LT:

[...] foi preciso recorrer ao apoio teórico bakhtiniano, voltando-se para o dialogismo, que prioritariamente concebe a linguagem como atividade dialógica, eminentemente social, oriunda das efetivas práticas discursivas, debruçando sobre a linguagem viva, semiótica, munida de entonações histórico-ideológicas. O filósofo russo introduziu, portanto, a situacionalidade de todo o fenômeno linguístico, seja literário ou conversacional, mostrando precisamente que ela só existe socialmente, deixando claro que se trata de uma linguagem semiótica, o que vai possibilitar o diálogo com outras linguagens, no seu sentido lato sensu. Portanto, a análise linguístico-discursiva não se atém aos elementos linguísticos enquanto código, mas se volta também aos fatores semióticos, aos aspectos sócio-históricos e ideológicos que envolvem as diversas linguagens no seio social. (HEINE, 2017, p. 349)

Ainda sobre essa comparação de análises entre a velha teoria e a nova proposta, Bakhtin destaca a importância da inserção do sujeito real no texto e não o ideal.

Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante ou quem escreve). Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. Em certos limites, a análise linguística pode até abstrair inteiramente da autoria. A interpretação de um texto como *modelo* (os juízos modelares, os silogismos na lógica, as orações na gramática, a “comutação” na linguística, etc.). (BAKHTIN, 2011, p. 308)

Bakhtin, ao compreender o signo dentro do campo da ideologia e da semiótica, apresenta um novo conceito de texto diferente dos linguistas daquela época. Nas palavras de Heine e Sales (2020),

Bakhtin chegou a lhe atribuir o *status* de objeto de estudo das Ciências Humanas, excluindo-o, pois, da Linguística, cujos pressupostos teóricos se restringiam, à época, à *langue* (língua) saussuriana, entidade abstrata, homogênea e supra-individual, tendo, metodologicamente, como limite de análise a sentença, unidade formal na qual se analisa o código linguístico, apenas. (HEINE; SALES, 2020, p. 267)

Não há dúvidas de que o legado de Bakhtin traz uma repercussão nos estudos da linguística e, em especial, da Linguística Textual.

Os escritos de Bakhtin apresentam uma filosofia da linguagem voltada ao viver, não o viver isolado, mas integrado no meio social onde o sujeito age, interage e valora. Nas palavras de Faraco (2021), o viver em Bakhtin é tomar posições frente a valores, é reagir às palavras do outro. Portanto, a relação dialógica é uma tensão de fronteiras. Diante dessa concepção, cabe ao analista textual olhar os discursos em seus aspectos “histórico-ideológicos, caracterizados pelo processamento de sentidos inferenciais.” (HEINE, 2018, p. 18-19).

Refletir sobre as vozes axiológicas/ideológicas no texto é um tema caro em Bakhtin, justamente por ser complexo, tendo em vista os seguintes motivos: o primeiro é que o filósofo russo nunca se declarou adepto ao pensamento de Karl Marx e, portanto, não havia uma comunhão de pensamentos entre eles; o segundo, porque nas ciências o conceito de ideologia é divergente, havendo muitos sentidos para esta palavra. Dessa forma, esta pesquisa mostrará algumas proposições sobre a ideologia em Bakhtin, com base nos estudos de Heine (2014, 2018, 2020), Costa (2017, 2018), Faraco (2017, 2021):

- Na 2ª fase¹² em Bakhtin, a partir de 1929, destacam-se alguns conceitos que apresentam reflexões sobre ideologia, aliando-se às ideias de Volochínov e Medvedev. São eles: **dialogismo, sujeito responsivo, gêneros e enunciados**.

¹² A segunda fase de Bakhtin refere-se às publicações de obras como Problema da obra de Dostoiévski que apresentam uma visão sociologizante, influenciado por Volochínov e Medvedev, membros do chamado Círculo de Bakhtin.

- Nasce o projeto de Bakhtin voltado ao estudo das relações dialógicas presentes na palavra-discurso (materializada no enunciado concreto ou na esfera artística-literária). Distancia-se, então, da linguística formal.
- As relações dialógicas perpassam pela esfera ideológica.
- “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos que emanam dos diversos campos da atividade humana, ou seja, são carregadas, na instância dialógica, de valores sociais, processadas, sobremaneira, por meio do fenômeno da refração.” (HEINE, 2014, p. 51)
- Todo enunciado concreto se constitui pelas forças sociais vivas.
- As forças sociais e as avaliações fazem parte do processo de refração quando o indivíduo se faz pertencente ao histórico e social na sua participação como cidadão que interage e responde axiologicamente.
- Todo enunciado concreto se constitui pelas forças sociais vivas que são atravessadas pela avaliação social viva, ou seja, há um movimento vivo que instala a ideologia e, ao mesmo tempo, a modifica conforme as avaliações críticas sociais.
- Nas palavras de Bakhtin, “as concepções ideológicas também são interiormente dialogadas e no diálogo externo sempre se combinam com as réplicas internas do outro, mesmo onde assumem forma acabada, extremamente monológica.” (BAKHTIN, 2011, p. 199).
- Na linguagem, não há ideologia sem signo e “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33).
- A palavra passa a ser a ponte entre o locutor e o interlocutor e a ideologia transita sobre ela, dando sentido e significado.

Diante dessas considerações, esta pesquisa tem a intenção de analisar as vozes axiológicas presentes nas produções textuais dos participantes do Enem do ano de 2015.

7 METODOLOGIA

Esta tese utiliza abordagem qualitativa, objetivando analisar as vozes axiológicas materializadas nas redações dos candidatos do Enem 2015 cujo tema a ser discutido foi *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*. As análises buscaram observar como o sujeito responsivo se reporta ao tema, deixando transparecer, nos enunciados concretos escritos, as forças sociais vivas que são atravessadas pela avaliação social viva, ou seja, há um movimento vivo em que se instala a ideologia e, ao mesmo tempo, pode ser modificada conforme as avaliações críticas sociais. Esse

movimento também se faz presente na escrita dos candidatos do Enem, pois o sujeito responsivo dialoga com os textos motivadores e outras vozes mantendo uma relação exotópica.

Para seguir a análise com base na fase bakhtiniana da LT, apoiando-se nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, esta pesquisa entende que a palavra dita (oral ou escrita) não é neutra, ela traz fios ideológicos que revelam posições e forças sociais vivas. A palavra, enquanto signo ideológico, na visão de Bakhtin e Voloshinov (2009), está em toda parte e, por isso, o que interessa para os autores não é tanto a “pureza semiótica” da palavra, mas sua “*ubiquidade social*”. Para os autores,

[...] Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntima, mais efêmera das mudanças sociais. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, P. 42)

A palavra, portanto, integra o enunciado concreto, proporcionando sentidos nas relações sociais existentes entre os interlocutores. O locutor já traz consigo a palavra plena de sentido ideológico, mas, no momento da interação, o outro também possui repertórios ideológicos e, no encontro dessas vozes ideológicas, ocorrem as refrações, junto com os reflexos das lutas sociais e econômicas. Há, portanto, um emaranhado de fios ideológicos provenientes da palavra dita na interação, pois ela se cruza com outros fios ideológicos dos seus interlocutores. Por isso, os autores de MFL (2009) afirmam que “não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras” (p. 98-99). Essas verdades ou mentiras são juízos de valores, são avaliações ideológicas feitas no momento da interação e não são quaisquer palavras que movimentam essa reação, mas aquelas “que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (p.99)

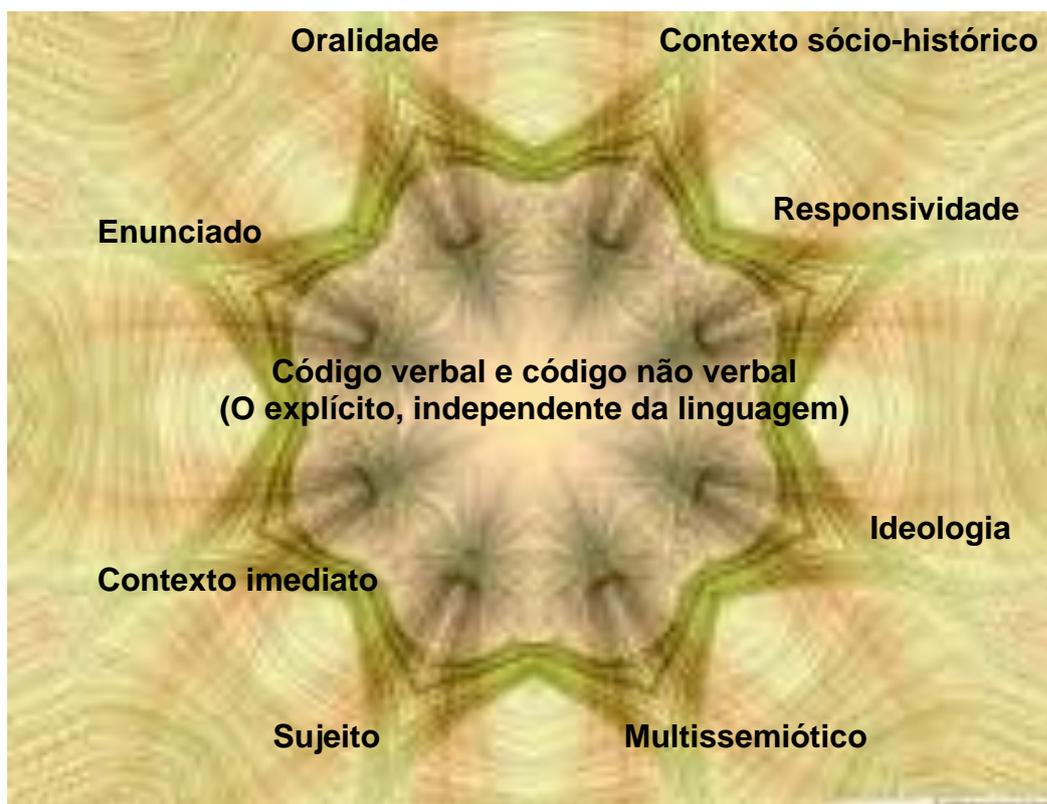
Essa tese entende que a palavra, no estágio de enunciação, é signo ideológico e como tal não é apenas dita ou falada, ela é o “fenômeno ideológico por excelência” (VOLOSHÍNOV; BAKHTIN, 2009, p. 36), pois se faz presente em todos os momentos

consequentemente, ao ver uma imagem, ouvir uma música, observar os gestos das pessoas ao se pronunciarem etc., o indivíduo pensa em uma palavra, em um verbo valorativo, dando início à avaliação ideológica na qual as forças sociais são atravessadas. Desse modo, essa pesquisa, analisará os enunciados concretos escritos, observando as vozes ideológicas presentes no gênero textual escolar proposta de redação¹³ de participantes do Enem 2015.

O trabalho insere-se na Linguística Textual (LT), no âmbito teórico do Círculo de Bakhtin, direcionando para uma nova fase da LT – a fase bakhtiniana, na medida em que procura analisar aspectos sócio-histórico-ideológicos em textos escritos pelos participantes do Enem 2015, mostrando de que forma o sujeito responsivo interage com os textos motivadores da proposta do Enem e como ele se posiciona, trazendo a palavra carregada de fios ideológicos. Dessa forma, o texto será analisado sob a concepção apresentada por Heine (2018) como evento dialógico constituído de vários elementos que se imbricam, como exemplo, usa-se a metáfora do caleidoscópio.

¹³ Esta tese acompanha o pensamento dos pesquisadores que definem as propostas de redações como gêneros textuais escolares por excelência (narração, descrição, exposição e dissertação), Rojo & Cordeiro (2008), Bunzen (2006) e Beth Marcuschi (2007), pois são gêneros que circulam exclusivamente nas práticas de letramentos desenvolvidas na esfera escolar. Para melhor apropriação ler Gomes (2011)

Figura 1 – Caleidoscópico



(Fonte: HEINE, 2018, p. 18)

Para a autora,

A Figura 1 procura representar os diversos sentidos de um texto, isto é, as diferentes possibilidades de compreendê-lo – à semelhança de um caleidoscópico, quando a luz exterior incide sobre ele, processa uma profusão de diferentes imagens. É importante que não se compreenda essa imagem de forma fragmentada, considerando-a, por exemplo, apenas uma das suas partes. Ao contrário disso, o que se propõe é asseverar que todos esses elementos do caleidoscópico são constitutivos do texto, e não elementos que estão na fronteira do código verbal, por exemplo, apenas uma das partes. (HEINE, 2018, p. 19-20)

Dessa forma, busca ver o texto na sua plenitude, considerando seus elementos constitutivos para construção dos sentidos.

Desta forma, esta pesquisa pretende analisar os discursos presentes nas produções textuais de nove participantes do Enem de 2015, estudantes de escolas públicas de Salvador - Bahia, com base nas pesquisas do Círculo de Bakhtin, seguindo, em especial, Heine (2014, 2015, 2018, 2020); Faraco (2010, 2013, 2020); Brait (2008, 2016) e Costa (2017, 2018).

É importante esclarecer que as produções textuais dos participantes ficam armazenadas no sistema do INEP. Por questão burocrática, foi necessária a permissão para realizar as análises em uma das salas reservadas do INEP com sede em Brasília. A pesquisadora não poderia ter, nesse local, contato com nenhum aparelho eletrônico, apenas o computador que continha as amostras das redações de estudantes de escola pública de Salvador - Bahia. Outra norma estabelecida pela Instituição foi a não transcrição dos textos na íntegra, portanto só era permitido digitar apenas trechos das redações como se verá a seguir.

7.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O Exame Nacional Ensino Médio (Enem), criado em 1998, teve como objetivo inicial avaliar o desempenho dos estudantes do Ensino Médio. Somente em 2009, passou a ser um mecanismo de acesso à educação superior por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), podendo, inclusive, adquirir bolsas de estudos pelo Programa Universidade para Todos (ProUni), como também financiamento estudantil em programas do governo, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), além de convênios com instituições portuguesas.

Esse exame é composto por provas escritas contendo assuntos dos componentes curriculares do Ensino Médio e é dividido em duas etapas com dois dias para a realização. A primeira corresponde às questões de duas áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias e mais a prova de Redação composta por, geralmente, três textos motivadores, ou seja, textos que motivam o participante a escrever sobre o tema; esses textos trazem informações relacionados à proposta de redação. A segunda etapa refere-se às questões das áreas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias. Vale ressaltar que o Enem, além de ser a porta de ingresso para o ensino superior, avalia o desempenho e a qualidade do ensino no país, ou seja, de posse dos resultados, pesquisadores analisam os dados e o governo pode intervir com políticas públicas para melhoria da educação no país.

Como dito anteriormente, a prova de redação apresenta textos motivadores como suporte para que o leitor disserte sobre o tema proposto. Assim, esta pesquisa entende que esses textos dialogam com a escrita dos participantes. As questões sócio-históricas e

ideológicas permeiam as relações exotópicas entre o autor criador e as vozes presentes nos textos motivadores. Seguem as cópias desses textos.



PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

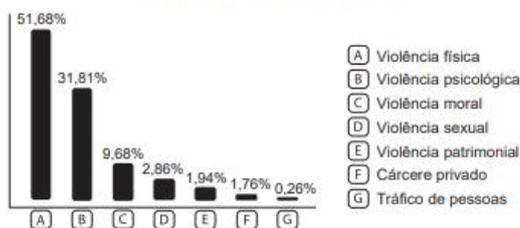
TEXTO I

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WALSELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012**. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 8 jun. 2015.

TEXTO II

TIPO DE VIOLÊNCIA RELATADA



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Balanco 2014**. Central de Atendimento à Mulher: Disque 180. Brasília, 2015. Disponível em: www.spm.gov.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO III



Disponível em: www.compromissoeatitude.org.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO IV

O IMPACTO EM NÚMEROS

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados

332.216 processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:

33,4%
de processos julgados

9.715
prisões em flagrante

1.577
prisões preventivas decretadas



58 mulheres e **2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não constam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional



237 mil

relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres



Sete de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres

Disponível em: www.istoe.com.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Disponível em:
http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2015/CAD_ENEM%202015_DIA%202_05_AMARELO.pdf . Acesso em 12 jun. 2019.

Nessa proposta, há quatro textos motivadores que podem ser resumidos da seguinte maneira: Texto I informa que, no período entre 1980 e 2010, foram assassinadas 92 mil mulheres, representando assim um aumento de 230%. Texto II apresenta um gráfico mostrando que a violência física é o tipo de violência mais relatada entre os demais. O texto III é uma campanha contra a violência, trata-se de um multimodal com uma mão em pé, aberta, mostrando a palma com um tabuleiro de tiro ao alvo, no texto, há o seguinte enunciado: Femicídio Basta. Por fim, o texto IV, também multimodal, informa o impacto com a Lei Maria da Penha, revelando que 33,4 % dos processos foram julgados, o programa Disque 180 registrou que 7 de cada 10 vítimas foram agredidas pelos companheiros.

Os participantes do Enem de posse desses textos e com base em seus conhecimentos sobre o assunto redigirá um texto dissertativo-argumentativo apresentando seu ponto de vista. Para esta pesquisa, esses sujeitos responderão axiologicamente aos enunciados expostos na proposta do tema, posicionando-se e interagindo com as vozes ideológicas presentes nos textos motivadores.

Para a análise, a pesquisadora fez o pedido formal ao INEP, solicitando acesso às redações produzidas por participantes residentes em Salvador que estudaram em escolas públicas ou instituições privadas e obtiveram, nas redações, média entre 500 a 1000 pontos. Foram filtradas pelo INEP 106 (cento e seis) redações de escolas públicas e privadas. De posse desses dados, a análise se deu da seguinte forma: das 106 produções textuais, foram lidas 36 (trinta e seis) e delas foram analisadas apenas as de escolas públicas estaduais de Salvador, num total de 09 (nove) produções textuais.

O INEP, por questão de segurança e sigilo, não permite fotografar, usar o Print Screen ou outro recurso que visualize a caligrafia dos candidatos; como também não consente a digitalização do texto na íntegra. Por isso, as amostras para análise foram digitalizadas e não puderam ser, na sua íntegra, apenas trechos das redações, mas foi permitido fazer uma pequena síntese dos textos para assim contextualizar as análises.

As amostras das redações foram de candidatos de Salvador (Bahia), oriundos tanto de escolas públicas como privadas, pois essa informação faz parte do social e da historicidade presente nas escritas desse sujeito responsivo. As notas das redações foram

iguais ou superiores a 500 pontos. Assim, a análise seria feita com as escritas aprovadas pela banca avaliadora.

Importante ressaltar que os candidatos, no ato da inscrição, consentem a utilização das suas notas e informações no âmbito de estudos, conforme escrito no Edital Enem de 2015.

Feitas as explicações necessárias, seguem as análises.

8 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção dedica-se a analisar as produções textuais dos participantes do Enem de 2015 cujo tema foi: *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*. Procurou compreender a relação dialógica entre o sujeito responsivo e as vozes axiológicas presentes no processo de exotopia, ou seja, na interação eu-outro-eu.

Com base nas teorias bakhtinianas, a presente tese apresenta a proposição de que, na produção textual, o autor estabelece uma relação exotópica ao dialogar com outras vozes, ou seja, o sujeito responsivo sai de si mesmo e vai compreender o outro, o outro centro axiológico e depois retorna para si. Essa saída se configura numa situação alteritária e não autoritária, pois, após se posicionar no lugar do outro e retornar para si mesmo, o sujeito excede sua visão. No caso específico do Enem, o participante, ao se apropriar da temática e dos textos motivadores (trechos que complementam a temática sobre a violência contra a mulher), inicia um diálogo entre o externo (o outro) e o interno, ultrapassando o limite da sua cosmovisão. Para Bakhtin (2011),

esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Assim, o sujeito responsivo não é aquele que apenas reproduz vozes, mas reflete e refrata a realidade, condicionado, principalmente, pela sua singularidade, pelo lugar onde só ele ocupa, pois todo ser é único, mesmo ocupando lugares que muitos ocupam, como, por exemplo, o lugar de participante da prova do Enem para discutir sobre o mesmo tema, cada sujeito responderá axiologicamente, situando-se num espaço onde ele é o único a poder ocupar fora dos outros, pois só ele tem sua própria historicidade e possui

um percurso singular na existência. Contudo, não se pode deixar de registrar o seu lado social e singular ao mesmo tempo.

Quando o Enem lança a proposta de discutir sobre a violência contra a mulher no Brasil, quais vozes são apreendidas das produções textuais? Ora, cada sujeito responderá axiologicamente conforme sua cultura, história e ideologia. Nas produções textuais selecionadas para análises, os participantes declaram-se moradores da cidade Salvador. Desse modo, as vozes apreendidas das escritas representam a diversidade de vozes que circulam na sociedade soteropolitana.

O sujeito responsivo, ao assumir uma posição, explora a exotopia, isto é, para entender o outro centro axiológico, o sujeito sai de si mesmo para compreender o outro (esse outro não é necessariamente uma pessoa física, mas um enunciado carregado de valores e tensões, um outro centro axiológico) e depois volta para si mesmo. Esse movimento faz com que o sujeito realize a sua atitude responsiva, concordando, discordando, interagindo com as palavras alheias e produzindo as reflexões e refrações. Assim, o sujeito, que não vivenciou a violência contra a mulher, assimila o acontecimento com o olhar de fora, dialogando com as palavras internas. Na explicação do filósofo russo,

[...] a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só desse lugar o material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos; se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio, e só. (BAKHTIN, 2011, p. 24).

Esse retorno a si mesmo difere do lugar do outro (do sofredor). Voltar para si mesmo é mover refrações, ou seja, é multiplicar sentidos com viés axiológico. Não é apenas a empatia, colocando-se no lugar do outro, vivenciando o sofrimento alheio que se constrói o sentido, mas o retorno ao eu com o olhar do outro e com o excedente de visão que o sujeito responsivo ocupa. Com isso, não se quer dizer que há uma fusão entre os sujeitos, pois eles são únicos. Veja a citação:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23)

Segundo Luciane de Paula (2021), diante dessa concepção, não cabe uma fusão entre o eu e o outro, pois a fusão não excede a visão, apenas aprofunda a inviabilidade do outro e a duplica. A riqueza está na empatia vivida em outra forma, em uma nova categoria axiológica. “A eficácia do acontecimento não está na fusão de todos em um todo, mas na tensão da minha distância e da minha imiscibilidade, no uso do privilégio do meu lugar único fora dos outros indivíduos.” (BAKHTIN, 2011, p. 80)

O aluno não é um mero receptor nem um etnógrafo do mundo. Ele expressa sua cultura, sua identidade, interpretando o mundo a partir de diferentes posições axiológicas.

Nesta seção, serão descritas as análises das redações dos participantes do Enem de 2015. Antes, porém, é importante esclarecer que, como dito anteriormente, não foi permitida a transcrição dos textos na íntegra no entanto, a pesquisadora usou da paráfrase para trazer alguns elementos necessários à compreensão dos trechos selecionados das redações.

As análises foram feitas buscando observar os aspectos ideológicos/axiológicos presentes nas vozes do sujeito responsivo. Ao compreender o enunciado, neste caso específico, a proposta temática *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*, o sujeito dialógico interage com outras vozes para responder axiologicamente, posicionando-se sobre o tema.

A interação perpassa pelo campo da exotopia e da cronotopia. Todo sujeito é dialógico, pois reflete e refrata a realidade com base na interação com o outro em um determinado tempo e espaço. A exotopia ocorre quando o sujeito, ao estabelecer uma relação com o outro centro axiológico, desloca-se para compreender o outro e volta para si. O sentido revela-se, em sua profundidade, do encontro com outro sentido alheio e, ao voltar para si mesmo, excede sua visão. A cronotopia interpõe na relação com o tempo. Para Bakhtin (2011), há o pequeno tempo que está diretamente ligado ao ato cotidiano e o grande tempo que envolve a cultura, a história e as contradições.

Em relação a cronotopia, aos aspectos sócio-históricos, vale ressaltar que as redações foram produzidas em 2015, momento em que a discussão sobre a violência da mulher ganha mais força, pois, depois de nove anos que a Lei n. 11.340/2006, conhecida como Maria da Penha, foi sancionada, surge uma nova que complementa a anterior ao prever o feminicídio como circunstância qualificadora de crime de homicídio em 9 de março de 2015 a Lei nº. 13.104. Essa Lei,

em linhas gerais, prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, de autoria da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra Mulher. Com a sanção presidencial, o assassinato de mulher por razões de gênero (quando envolver violência doméstica e familiar ou menosprezo e discriminação à condição de mulher) passa a ser incluído entre os tipos de homicídio qualificado. A pena prevista para homicídio qualificado é de reclusão de 12 a 30 anos. (Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2020)

Apesar dessa Lei que prevê o feminicídio como crime de homicídio ter sido sancionada no mesmo ano em que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) propõe discussão aos candidatos sobre essa temática, muitas amostras analisadas não citaram o feminicídio em seus enunciados-valorativos, podendo haver um desconhecimento por parte dos participantes sobre o crime de feminicídio se referir ao assassinato de mulher por razões de gênero, ou seja, quando ocorre pelo simples fato de a pessoa ser do gênero feminino.

No site do Poder Judiciário, do Estado do Rio de Janeiro, há o seguinte esclarecimento:

Feminicídio é o assassinato de uma mulher pelo simples fato de ser mulher. Os motivos mais comuns são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres, comuns em sociedades marcadas pela associação de papéis discriminatórios ao feminino, como é o caso brasileiro.

O Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), aponta um aumento de 54% em dez anos no número de homicídios de mulheres negras, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. (Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2020)

Diante desse contexto, surge uma pergunta: por que a violência contra a mulher na sociedade brasileira ainda persiste? Esse é um tema desafiador para o participante do Enem, pois esse sujeito precisará assumir uma posição responsiva, dialogando tanto com os enunciados presentes no texto da prova como com os presentes no cotidiano. Assumir uma posição responsiva dialogada com outras vozes não quer dizer que concorda com os discursos, mas que interage com o outro, concordando total ou parcialmente, discordando, acrescentando outras vozes.

Nas palavras de Faraco (2021) sobre o pensamento de Bakhtin, as manifestações enunciativas são posições semântico-axiológicas, impregnadas de relações dialógicas. Assim, cada voz é uma posição sócio-axiológica.

Para as análises, foram selecionados trechos de nove redações de participantes do Enem de 2015 pertencentes ao município de Salvador (Bahia) que cursaram o ensino médio em escolas públicas estaduais da Bahia.

Trecho 01 - (Participante 01)

[...]

Historicamente, a mulher sempre foi vítima da violência, tratadas muitas vezes como animais, ou até mesmo como objetos sem valor algum, nos dias atuais, estas cidadãs já venceram muitos dos obstáculos causados pela desigualdade social, porém, as dificuldades ainda são um fator verídico.

Em outros países, mesmo no mundo contemporâneo, a mulher ainda não é considerada um ser humano, com isso se pode analisar que a sociedade brasileira em relação a mulher está no caminho certo, porém não se resume em reconhecer a mulher socialmente, mas também acabar com a violência contra à mesma.

Essa redação, na sua estrutura composicional, apresenta quatro parágrafos. Os excertos em destaques correspondem ao segundo e terceiro parágrafos. O texto inicia ressaltando a liberdade de expressão nos movimentos sociais e um deles em defesa da mulher. Na conclusão, apresenta, como proposta de intervenção, a educação com palestras sobre a igualdade de gênero, um canal de denúncia de violência. Por fim, deseja que as famílias exerçam seus papéis conscientizando cada indivíduo sobre esta causa.

Percebe-se, nos excertos selecionados, uma voz axiológica que apresenta um embate com os discursos machistas ditos ao longo da história. O sujeito responsivo traz a voz do discurso machista para se contrapor a ela. Por exemplo, o discurso, que compara a mulher a um animal ou objeto em: “tratadas muitas vezes como animais, ou até mesmo como objetos sem valor algum”, é retomado pelo sujeito responsivo para se posicionar contra essa voz machista, afirmando que “nos dias atuais, estas cidadãs já venceram muitos dos obstáculos causados pela desigualdade social”. Ao enunciar que as mulheres (cidadãs) já venceram muitos obstáculos, o vocábulo “obstáculo” estabelece uma associação à expressão “tratadas como animais”, então, o sujeito responsivo reconhece que o machismo é um obstáculo na vida das mulheres. Existe, portanto, uma tensão dos discursos axiológicos. De um lado, a voz enraizada socialmente que não reconhece a mulher como um ser humano, comparando-a a um “animal”. Do outro lado, o sujeito responsivo diz que “atualmente” as mulheres “já venceram muitos dos obstáculos

causados pela desigualdade social, porém, as dificuldades ainda são um fator verídico”. Assim, o sujeito responsivo, ao dialogar com outras vozes, estabelece uma relação de exotopia entre o eu e o outro, mostrando sua face social e singular. Desse modo, o sujeito responde, axiologicamente, discordando da voz machista transcorrida no passado e apresenta um discurso de resistências das mulheres na sociedade que “já venceram muitos obstáculos causados pela desigualdade social”.

Trecho 02 – (Participante 02)

[...] as mulheres por sua vez conhecidas por alguns insolentes como “sexo fragil” se amedrontam e se fragilizam mais ainda com medo da violência e XX¹⁴ causada pelos companheiros.

No Brasil em ~~três~~ três décadas foram assassinadas mais de 92 mil mulheres o que torna cada vez pior o convívio e a aproximação entre casais de mesmo sexo, tornando cada vez sexo oposto, tornando mais difícil a socialização e o matrimônio entre homem e mulher no Brasil, o que vem acontecendo bastante na sociedade são mulheres que procuram se socializar ou relacionar com pessoas de mesmo sexo um amigo tentando uma adoção, o que pela lei da vida é o casamento entre homem e mulher que dão fruto a uma criança, porém o medo e a repulsa das mulheres da violência causadas pelo homem se tornou tão vista nos lares das famílias brasileiras que pouco se tem visto ocorrer isso.

Nesse excerto, o sujeito responsivo apresenta vozes axiológicas que ora repetem o dito expresso encontrado nos textos motivadores, ora transformam o “discurso alheio” em “discurso próprio”. Ao afirmar que “em três décadas foram assassinadas mais de 92 mil mulheres”, há um dito reproduzido pelo texto I, que informa sobre o período entre 1980 e 2010 em que foram assassinadas 92 mil mulheres. Em outro momento, há uma luta com a palavra do outro, reelaborando o discurso social em seu próprio discurso. Para compreender melhor esse processo, faz-se necessário retomar algumas das considerações:

Validando o pensamento de Faraco (2021) dito anteriormente, o sujeito discursivo bakhtiniano é um ser heteroglóssico (pluridiscursivo) em cuja consciência habitam múltiplas vozes sociais em contínua dialogização interna e externa. O autor continua a explicação: o que está no exterior vai para o interior, as redes de relações dialógicas vão

¹⁴ Incompreensível: XXX (cada x corresponde à discriminação de uma sílaba. Esta é uma proposta de transcrição de Claire Blanche Benveniste (2000)

para o interior. Esse processo pode ser resumido em três momentos: 1º as palavras alheias entram, no 2º momento, as palavras passam a ser “palavras minhas alheias” e por fim, no 3º momento, transformam-se axiologicamente os discursos “meus alheios” em discursos próprios.

Voltando à análise do excerto, o sujeito responsivo transforma axiologicamente os discursos “meus alheios” em “discurso próprio”. Ou seja, há dois discursos alheios: 1. homens e mulheres devem se casar e procriar; 2. Casais do mesmo sexo não procriam (palavras alheias). Essas vozes sociais entram no interior do eu social, pois o exterior se interioriza (palavras minhas alheias), havendo também um movimento de reelaboração dialógica em que o sujeito discursivo transforma o discurso alheio em discursos próprios. Ao se posicionar sobre a violência contra a mulher, o sujeito responsivo reelabora as vozes sociais e se posiciona ao dizer que a violência dos homens contra as mulheres faz com que haja “a aproximação entre casais do mesmo sexo”.

Nesses excertos, encontra-se também um discurso da esfera religiosa ao dizer: “*o que pela lei da vida é o casamento entre homem e mulher que dão fruto a uma criança*”. Esse discurso demonstra a luta com a palavra do outro, isto é, procura justificar um fato social pelo discurso meu alheio da esfera religiosa, transformando em discurso próprio: “*o que vem acontecendo bastante na sociedade são mulheres que procuram se socializar ou relacionar com pessoas de mesmo sexo*”.

A análise dessas vozes sociais revela que somos seres heteroglóssicos (pluridiscursivos) em contínua dialogização interna e externa, como afirma Faraco (2021), e, portanto, somos sujeitos sociais (porque o exterior se interioriza) e singulares (porque reelaboramos dialógica e continuamente o que recebemos do exterior). Nessa reelaboração, está em jogo o lugar único que ocupo, pois ninguém ocupa o lugar que eu ocupo e ninguém tem a história discursiva igual a minha. Existe uma singularidade (FARACO, 2021)

Trecho 03 – (Participante 03)

[...]

Grupos feministas lutam, protestam, para diminuir o número de mulheres assassinadas no país. O feminicídio começa com o preconceito, com a ideia da sociedade de rotular a mulher como “sexo fragil”, filosofia implantada pelo patriarcado. A taxa de feminicídio vai diminuir desde a educação em casa até nos colégios, leis mais rígidas para quem

pratica qualquer preconceito contra a mulher, com essas medidas vamos diminuir essa “carnificina”, contra o sexo feminino.

A redação na íntegra apresenta três parágrafos abordando o tema, relacionando os fatos midiáticos com dados estáticos e a lei Maria da Penha, entre outros. No final da redação, informa que esse preconceito foi gerado pela sociedade patriarcal. Para análise, foi selecionado o 3º parágrafo, que apresenta um embate de vozes. De um lado, existe a afirmação de que “grupos feministas” lutam e protestam para diminuir o número de mulheres assassinadas no país do outro, há vozes opostas que mostram existir a agressão de mulheres por serem do sexo feminino. Se, no passado, havia um número maior de mulheres vítimas de violência que se calavam, no momento presente, aumentou o número de mulheres que protestam e não se calam, denunciando e reivindicando justiça, mudando o cenário das mulheres vítimas de violência. A redação mostra esse dialogismo entre o passado, o presente e o futuro. Para Bakhtin (2011, p. 333), a palavra quer sempre ser ouvida e procura uma compreensão responsiva, abrindo caminhos mais à frente, de forma ilimitada. Nas palavras de Ponzio (2013),

essa diversidade cronotrópica é também de ordem *axiológica*: distância ideológica entre as gerações, entre as épocas, entre as culturas, entre as linguagens etc.; o *valor* da palavra do passado, da tradição, que é relativa às culturas e às épocas; a ‘contemporaneidade’ do texto no sentido da sua capacidade de estar à ‘altura do presente’; o projetar-se e o projetar-se do texto de modo a ‘ter um futuro’, a sua capacidade de ‘continuar a dizer’ às épocas sucessivas, em certos casos de ‘dizer mais’ (também qualitativamente) em relação ao próprio tempo. (PONZIO, 2013, p. 207).

O escrevente, na posição de sujeito responsivo, reconhece as duas vozes axiológicas e dialoga com outras vozes recuperadas historicamente como na expressão “filosofia implantada pelo patriarcado” ao dizer que a mulher é o “sexo frágil”, buscando trazer afirmações sobre a ocorrência do feminicídio. A ideia de que a mulher é o sexo frágil foi construída por uma sociedade patriarcal em que o homem tinha o poder de decisão e era quem ditava as normas sociais. Tal comportamento ainda prevalece atualmente em contextos diversos. Essa ideia também foi consolidada muitas vezes pela ciência. Muitos filósofos do século XIX colaboraram com o pensamento de inferioridade feminina, como alguns ensaios do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) ao declarar que a mulher não era destinada aos grandes trabalhos intelectuais e que ela deveria obedecer ao homem. Com isso, fortalece a repulsa por mulheres e comportamentos misóginos se tornam comuns e frequentes.

Feitas as reflexões das vozes axiológicas que envolvem o sujeito responsivo do sexo masculino, há uma posição que se inclui na luta contra o feminicídio ao dizer: “vamos diminuir essa ‘carnificina’, contra o sexo feminino”. Ao usar o verbo em primeira pessoa do plural, ele propõe uma educação no centro familiar, ou seja, uma educação doméstica que respeite os membros da família do sexo feminino, como também nos colégios e mais rigor nas leis que protegem as mulheres.

Trecho 04 – (Participante 04)

[...]

Vale ressaltar que a violência contra as mulheres não se limita a agressões físicas. O próprio ato de contar piadas como “mulher no volante, perigo constante” e até mesmo julgar a personalidade dela por roupas que são, supostamente, vulgares, são exemplos de agressões que estão, infelizmente, enraizados no cotidiano brasileiro. Além disso, o fato de muitos homens acreditarem que “lugar de mulher é na cozinha” evidencia um grave e ultrapassado pensamento, que é reflexo de como as brasileiras eram tratadas no passado. Logo, torna-se evidente que ainda se existir casos de violência contra a mulher na sociedade brasileira é algo inaceitável, uma vez que se baseiam pensamentos incorretos e retrógrados.

O participante constrói, na sua redação, quatro parágrafos, sendo o segundo selecionado para análise, pois contém vozes oriundas de uma determinada época. Nesse trecho, há o embate de vozes em que o sujeito dialógico resgata as vozes ditas como verdades para combatê-las, posicionando-se responsivamente. Há, portanto, um rompimento de vozes preconceituosas já-ditas, desconstruindo sentidos sobre a mulher como a inferiorização e objetificação.

Para Bakhtin e o Círculo, há, na interação, forças sociais vivas que são atravessadas pela avaliação social viva, ou seja, há um movimento em que se instala a ideologia e, ao mesmo tempo, a modifica conforme as avaliações críticas sociais. O ser humano reflete e refrata a realidade por isso a reflexão é sempre refratada, havendo, portanto, diferentes “verdades”, diferentes posições axiológicas. Não existe uma relação direta com o mundo, pois a todo momento as pessoas refratam o mundo, dando sentidos a ele. São diferentes “verdades”, diferentes vozes sociais, diferentes complexos verbo-axiológicos que dão sentidos ao mundo.

Assim, o sujeito axiológico se apropria das vozes ideológicas preconceituosas para avaliá-las e, então, assumir uma posição avaliativa. Ao descrever alguns tipos de violência, como as piadas: “*mulher no volante, perigo constante*”, o sujeito discorda dessas vozes ideológicas ao afirmar que esse comportamento “*evidencia um grave e ultrapassado pensamento, que é reflexo de como as brasileiras eram tratadas no passado*”, desconstruindo o conceito de que a mulher não é inteligente ou capaz de conduzir um automóvel, essa habilidade competiria apenas aos homens por sua inteligência.

Outra voz que entra na arena do embate e da avaliação do sujeito responsivo está direcionada ao já-dito: “*lugar de mulher é na cozinha*”. Diante dessa voz ideológica, o sujeito responsivo, do sexo masculino, discorda do enunciado, afirmando que se trata de um pensamento retrógrado, mas que “é reflexo de como as brasileiras eram tratadas no passado”. O espaço físico foi, por muito tempo, delimitado para muitas mulheres. Segundo a pesquisa de Soihet (2020),

Com base no comportamento feminino dos segmentos médios e elevados, acresce em relação às mulheres as prescrições dos juristas acerca da impropriedade de uma mulher honesta sair só. Coadunava-se tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos, sobre a divisão de esferas que destinava às mulheres o domínio da órbita privada e aos homens, o da pública. (SOIHET, 2020, p. 365),

Desse modo, limita-se o espaço que a mulher deve frequentar. Como visto, os espaços públicos eram destinados aos homens e proibidos para as mulheres, pois elas deveriam ficar em casa, cuidando do lar, e não caberia sair desse espaço, salvo acompanhada caso contrário, sua honra seria duvidosa.

O embate de vozes ideológicas, no referido trecho, continua quando o sujeito dialógico faz referência aos preconceitos que as mulheres sofrem: “*julgar a personalidade dela por roupas que são, supostamente, vulgares*”. Ao se posicionar contra essa voz, o sujeito traz referência aos discursos de objetificação da mulher, termo usado na década de 1970, que julga a pessoa (no caso a mulher) como objeto e não seu lado emocional ou sua personalidade. Assim, a mulher é julgada pela roupa que veste e não pelo seu caráter e inteligência. A objetificação do corpo feminino, ou seja, a banalização que se faz da imagem da mulher na sua aparência é mais importante do que outros aspectos do ser humano.

Trecho 05 – (Participante 05)

[...]

Nota-se também que na maioria das vezes o agressor e membro da família ou amigo da mesma. Porém muitas vezes o agressor encontra-se no próprio lar da vítima. É um marido, um pai, um avó, um tio, um irmão ou filho. Dando o desconforto, insegurança e a sensação de culpa muitas vezes a mulher.

Que hoje em dia tem mais coragem isso o fato portanto a mesma na grande maioria e dependente financeiro, emocional.

A redação tem cinco parágrafos. Em destaque, o segundo e terceiro. No início, o autor apresenta o tema, fazendo comparação com o passado, mostrando a coragem de denunciar, mas que a violência ainda persiste. No final, apresenta uma proposta para investir mais em campanhas e educação pública.

O trecho selecionado nos traz a oportunidade de refletir sobre a coesão textual. Na abordagem clássica da LT, a coesão se atém à materialidade linguística, no trecho em análise, “Nota-se também que na maioria das vezes o agressor e (é) membro da família ou amigo da mesma. Porém muitas vezes o agressor encontra-se no próprio lar da vítima.” Destacam-se nesse excerto dois elementos coesivos: a expressão “agressor” e o uso da adversativa, “porém”. No que tange ao substantivo agressor, percebe-se que essa repetição traz uma carga semântico-pragmática negativa em relação ao tema da agressividade, reforçando que a violência está na própria família que deveria ser uma instituição de união, mas que se revela intolerante à ascensão feminina.

O sujeito dialógico, nesse trecho, traz o discurso de submissão, medo e insegurança que a mulher tem dentro do seu próprio lar ou em ambiente amistoso, contradizendo assim, com outro discurso, o de família como instituição segura e formadora de bons costumes, como o espaço do “lar doce lar”. A mulher é vítima de agressão pelas próprias pessoas com as quais ela convive diariamente em seu lar, pois sobre esses membros agressores, geralmente homens, incidem o estereótipo dominante de que a mulher é sua propriedade privada e, portanto, têm poder ilimitado. Elas, por sua vez, sentem-se inferiores e acuadas diante das agressões físicas, morais ou psicológicas, sem coragem para denunciar e sentindo-se culpadas pela situação. O sujeito responsivo avalia as vozes discursivas apresentadas e enuncia: “Que hoje em dia tem mais coragem isso o fato portanto a mesma na grande maioria e dependente financeiro, emocional.” Há posições sociais que dialogam com outras vozes axiológicas como a de que existe uma

dependência emocional e financeira da mulher, tornando-a presa a um relacionamento abusivo.

Dessa forma, o texto é visto e analisado enquanto processo e não um produto pronto e acabado. A linguagem é concebida como atividade dialógica, eminentemente social, oriunda das efetivas e práticas discursivas (HEINE, 2017).

Importante ressaltar que esse sujeito responsivo assume o papel de estudante do município de Salvador. O seu trecho dialoga com as vozes sociais valorativas, demonstrando assim que “a análise linguístico-discursiva não se atém aos elementos linguísticos enquanto código, mas se volta também aos fatores semióticos, aos aspectos sócio-históricos e ideológicos que envolvem as diversas linguagens no seio social.” (HEINE, 2017, p. 349). As duas camadas são constitutivas do texto por isso, não deve descartá-lo sem analisar a camada sócio-histórica e ideológica, atitude, muitas vezes, praticada com os estudantes da educação básica, rotulando-os como incapazes de refletir sobre a realidade social.

Trecho 06 – (Participante 06)

[...]

No entanto, muitas mulheres não usam as leis a favor de si propria, pois, sentem medo de repressarias ou acreditam que a violência não possa acontecer novamente. mais na maioria das vezes a violência continua e a vitima não denúncia e as agressoes dão sequência a até o último dia de vida.

[...]

Para que haja menos crimes contra mulher é preciso que todos tenham respeitos e aceitem que cada um tem seu espaço na sociedade, e que mulheres possam trabalhar e estar no mesmo local e que não seja um local restrito apenas para homens.

Esta redação foi construída com quatro parágrafos. Apresenta o tema, usando o verbo “querer” para dizer que a mulher quer conquistar seu espaço, seus direitos e vencer o preconceito. Depois, informa que a lei foi criada devido ao crescimento da violência contra a mulher. No quarto parágrafo, fala sobre a lei Maria da Penha e, no último, propõe que todos respeitem e aceitem que cada um tem seu espaço na sociedade. Foram destacados, para análise, o segundo e o quarto parágrafos.

Após fazer referência ao surgimento da lei Maria da Penha que protege as mulheres vítimas de violência, a autora inicia o segundo parágrafo com uma coesão adversativa “no entanto” para contrapor-se à ideia de proteção criada pela referida lei: “**No entanto**, muitas mulheres não usam as leis a favor de si própria, pois, sentem medo de repressarias ou acreditam que a violência não possa acontecer novamente.” As mulheres não se sentem seguras para denunciar seus agressores, como observa-se nas expressões: “*sentem medo de represarias*”. Há um embate de vozes que dialogam com o sujeito responsivo. De um lado o Estado tentando amparar as vítimas da violência feminina assegurando o poder judiciário com a Lei Maria da Penha. Do outro, a voz da própria mulher que se sente insegura diante do contexto sociocultural em que ela está inserida, ainda hoje dependente, submissa, deixando-a vulnerável e insegura para denunciar seu agressor. Mais uma vez, se faz presente o discurso de que as leis de proteção às mulheres ainda não são suficientes para enfrentar os valores misóginos ou patriarcado que estão enraizados nos gestos, nas falas e comportamentos.

No último parágrafo, a autora conclui ressaltando que o respeito e a aceitação da acessão da mulher devem prevalecer na sociedade. Destaca o espaço como território de poder, limitado apenas aos homens, como dito: “*e que mulheres possam trabalhar e estar no mesmo local e que não seja um local restrito apenas para homens*”. Nesse enunciado, se faz presente a exotopia. O sujeito se coloca no lugar do outro, se apropria dos enunciados ditos sobre o lugar da mulher e do homem na sociedade que limitam o espaço público, os cargos de chefia como determinados aos homens. Enquanto as mulheres são direcionadas a funções consideradas apenas para mulheres (domésticas, secretárias, pedagogas etc.). O sujeito se posiciona discordando desses enunciados e propondo o respeito e aceitação das mulheres nos espaços vistos apenas para os homens.

Durante muito tempo, as mulheres eram vistas como incapazes de assumir uma função além daquelas domésticas para as quais foram educadas. Até início do século XX, a rua, um espaço público de direito, era proibida para as mulheres que estivessem desacompanhas, como relata Soihet (2020) no trecho destacado:

A rua simbolizava o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas, nesses novos tempos de preocupação com a moralidade como indicação de progresso e civilização. (SOIHET, 2020, p. 365)

O confronto desses valores impostos aconteceu quando as mulheres pobres precisavam trabalhar para sustentar sua família e a rua era seu lugar de trabalho. Desde então, as mulheres vêm conquistando seus direitos nesses embates de vozes axiológicas e gestos, isto é, nas relações dialógicas nas quais estão integradas, eminentemente, a linguagem humana e todas as manifestações e relações da vida humana.

Trecho 07 – (Participante 07)

A violência contra a mulher chega na sociedade brasileira através das grandes navegações, ao mesmo tempo em que ocorrem dois processos históricos: a aculturação indígena e a disseminação do catolissismo. A partir de então, o índio passa a ser educado pelos padres jesuítas a materializar a figura feminina, partindo do pressuposto de que no casamento a mulher lhe “pertence” e, portanto, pode ser usada da maneira que lhe convier.

O passar dos anos e a chagada da contemporaneidade junto com seus avanços não foi suficiente para desmistificar a imagem de que a mulher tem por obrigação o dever de obedecer a vontade masculina, sujeitando-se à humilhações de diversas espécies. Todavia, existem mulheres que não aceitam a imposição da superioridade masculina, muitas vezes chegam até a denunciar agressões aos órgãos de proteção e delegacias, o que, infelizmente, na grande maioria dos casos, não adianta, pois a legislação brasileira permace repleta de brechas e falhas, ocasionando um número cada vez maior de mulheres que já haviam feito denúncias, mas que acabam sendo assassinadas por seus parceiros.

A redação da escritora apresenta quatro parágrafos. Serão analisados os dois primeiros. No terceiro, a autora traz boas expectativas para acabar com a desigualdade de gênero na sociedade, justificando que há “grupos que expressam e lutam pela igualdade de gênero estão fortes”. Depois, cita algumas conquistas: a lei Maria da Penha, o movimento marcha das vadias que “prega a desmistificação do olhar da sociedade” e a pesquisa sobre a opinião da população em relação ao estupro culpando a mulher. No último parágrafo, a autora sugere uma lei para não pagar fiança para crimes de agressão contra a mulher. Sugere também acompanhamento dos órgãos dentro das residências para o crime de cárcere privado.

No primeiro parágrafo da redação, há um embate de forças sociais correlacionadas a dois fatores históricos que conduzirão a argumentação sobre a violência contra a mulher no Brasil: “*dois processos históricos: a aculturação indígena e a disseminação do catolicismo*”. A imposição da cultura europeia aos índios, primeiros habitantes da região, e a disseminação da religião católica são atos culturais valorados nos quais o sujeito dialógico se posiciona e responde a esses já valorados com posicionamentos também valorativos, axiológicos (FARACO, 2021). Desse modo, a voz que se mostra na redação dialoga com as posições históricas da sociedade brasileira no período colonial em que os portugueses exerciam o controle com autoridade sobre o território brasileiro. Tanto a aculturação indígena quanto a preocupação pela divulgação da religião católica foram cruciais para o fortalecimento da misoginia. Segundo o pesquisador Ronald Raminelli (2020),

A Bíblia já havia representado a mulher como fraca e suscetível. Desde Eva, as tentações da carne e as perversões sexuais surgem do sexo feminino. Os eruditos do final da Idade Média partem comumente da fala de autocontrole para explicar as perversões sexuais das mulheres. (RAMINELLI, p. 42, 2020).

Sobre as mulheres tupinambás, em especial as velhas, descritas pelos colonizadores e viajantes, Raminelli diz:

Se a misoginia cristã explica a ligação da imagem feminina à perversão, a teoria da degeneração permite entender as características atribuídas às velhas índias. Elas foram descritas como pervertedoras sexuais, apresentando aos meninos os prazeres da carne. (RAMINELLI, p. 42, 2020).

Há uma estreita relação entre o poder da igreja e a misoginia construída durante séculos. O que se pregava sobre a união e amor ao próximo acaba se contradizendo ao restringir a mulher à objetificação quando esta mostrava-lhe sua sexualidade ou experiência.

Mais adiante, na redação, o sujeito responsivo diz que: “*A partir de então, o índio passa a ser educado pelos padres jesuítas a materializar a figura feminina, partindo do pressuposto de que no casamento a mulher lhe “pertence” e, portanto, pode ser usada da maneira que lhe convier.*” A voz axiológica aqui se opõe à ideia de casamento como um final feliz dos contos de fadas, reforçado nos valores que a sociedade pregava e prega. A união seria um cárcere que impõe a submissão da mulher diante do marido.

Os estudos de Palmira Heine Alvarez (2020) sobre a discursividade da mulher na revista *Jornal das Moças* de 1950 mostram como os discursos da revista moldam o comportamento feminino para a submissão da mulher diante do marido, portanto o casamento podava a liberdade da mulher. Nas palavras da pesquisadora,

o matrimônio regulava, portanto, o comportamento social da mulher a fim de controlá-la e mantê-la numa condição de impotência perante o marido e à sociedade, a ponto de abrir mão das suas vontades e convicções. E, para ser o modelo de dona-de-casa, era necessário que a mulher tivesse comportamento não reprovável e cuidasse de sua reputação. (ALVAREZ, p. 117, 2020)

Assim, o casamento era um controlador, determinando o que a mulher pode e o que não fazer, sendo sempre submissa às vontades do esposo, sofrendo, inclusive, qualquer tipo de violência como: a psicológica, a patrimonial e a moral.

No segundo parágrafo da redação, o sujeito dialógico se posiciona em defesa da mulher vítima de violência que, muitas vezes, não encontra amparo na legislação nem no Estado. O trecho a seguir coloca essas vozes em confronto: “*Todavia, existem mulheres que não aceitam a imposição da superioridade masculina, muitas vezes chegam até a denunciar agressões aos órgãos de proteção e delegacias, o que, infelizmente, na grande maioria dos casos, não adianta, pois a legislação brasileira permace repleta de brechas e falhas, ocasionando um número cada vez maior de mulheres que já haviam feito denúncias, mas que acabam sendo assassinadas por seus parceiros.*” De um lado, as mulheres, que não aceitam “*a imposição da superioridade masculina*”, rompem a barreira do medo, da ameaça e denunciam seus agressores. Do outro lado, órgãos oficiais do Sistema de Justiça e o Estado que, na sua maioria são compostos por homens, não dão conta das propostas das leis que são prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, haja vista que muitas mulheres continuam sendo assassinadas mesmo procurando os órgãos responsáveis para sua proteção.

Trecho 08 – (Participante 08)

[...]

Fundada nos princípios da família patriarcal, a sociedade brasileira demonstra que não foi capaz de superar ideias de submissão da mulher. Hoje, no Brasil, apesar das mulheres terem conquistado inúmeros direitos de igualdade e vencido diversos preconceitos sociais, ainda são muitos os casos de injustiça relatadas todos os anos. A violência

doméstica e o pagamento de salários menores para as mulheres em relação aos dos homens são umas das barreiras criadas pelo conservadorismo machista que ainda tem espaço no século XXI.

[...]

“Em locais mais afastados das cidades, a submissão das mulheres caracteriza-se quase como algo normal, o que faz com que elas não denunciem os maus-tratos por mais que saibam de seus direitos.”

[...]

“a necessidade divulgar de forma lúdica e acessível, como os filmes Cidade de Deus e Tropa de Elite retratam a violência nas favelas...”

Essa redação foi construída em quatro parágrafos. No primeiro, a autora apresenta o tema afirmando que a mulher sempre foi tratada como “*sexo frágil por questões meramente culturais*” e “*assim, torna-se claro a quão enraizada é o preconceito de gênero no Brasil*”. O segundo parágrafo será analisado mais adiante. No terceiro, a autora diz que a “*participação da mulher na sociedade atual aumentou consideravelmente*”, porém ainda há casos de violência que não são denunciados. No último período do terceiro parágrafo, há o seguinte enunciado: “*Em locais mais afastados das cidades, a submissão das mulheres caracteriza-se quase como algo normal, o que faz com que elas não denunciem os maus-tratos por mais que saibam de seus direitos.*” No último parágrafo, sugere “*a necessidade de divulgar de forma lúdica e acessível, como os filmes Cidade de Deus e Tropa de Elite retratam a violência nas favelas...*”

Para analisar o segundo parágrafo da redação, faz necessário compreender como o sujeito dialógico enuncia sobre o tema. O discurso traz um reconhecimento da luta das mulheres pelos direitos iguais, porém a violência e a diferença salarial continuam um entrave na sociedade do século XXI, que são consideradas “*barreiras criadas pelo conservadorismo machista*”. Essa posição do sujeito reflete os confrontos vividos historicamente pela sociedade com pensamento machista predominante sobre o trabalho feminino. Um exemplo é o direito ao voto, uma conquista que movimentava interesses

por parte de políticos, no entanto, esses políticos não defendiam a igualdade no mercado de trabalho. Se, por um lado, o voto feminino foi conquistado em 1932, esse passo à frente ainda não representava as aspirações no mundo do trabalho no qual havia desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Nas palavras de Giuliani (2020), houve um demorado silêncio em relação às reivindicações das mulheres por igualdade de oportunidades no campo do trabalho. Esse silêncio só é interrompido entre 1979 e 1985.

Entre 1979 e 1985 cresce rapidamente a mobilização de diferentes setores da sociedade exigindo a redemocratização do país, inaugurando novos conflitos e sacudindo o imobilismo das organizações de representação de classe. (GIULANI, p. 643, 2020)

Nos anos 70, eclodiram mudanças profundas nas reflexões sobre a relação de gênero. Houve denúncias sobre a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, revelando que se tratava de uma relação de gênero baseada na dominação *versus* submissão, construída cultural e historicamente na sociedade. Assim, por muito tempo, o conservadorismo machista prevaleceu, mas esse rompimento foi possível com exposições de ideias, com a interação dialógica e o embate das forças sociais vivas. Conseqüentemente, hoje, vivemos um outro momento histórico em que as vozes silenciadas anteriormente ganham apoio ao passar pela exotopia da existência axiológica do outro. No enunciado em análise, o sujeito responsivo interage com as vozes que reconhecem a barreira do machismo como impedimento da igualdade de gênero no campo do trabalho.

Em outro trecho da redação, um enunciado chama a atenção: “*Em locais mais afastados das cidades, a submissão das mulheres caracteriza-se quase como algo normal, o que faz com que elas não denunciem os maus-tratos por mais que saibam de seus direitos*”. Nele, a normalidade da inferioridade feminina se torna um entrave pela igualdade de gênero, pois as mulheres não denunciam as violências por considerarem “normais” sua submissão ao homem. Esse enunciado apresenta um dos discursos em confronto: o direito conquistado em denunciar os maus-tratos e a persistência de uma visão subserviente da mulher diante do homem. A mulher ainda é vista como o sexo frágil, conseqüentemente, precisa de uma proteção masculina. Essa postura leva a uma relação de subserviência e dominação do ser. São reflexões de uma sociedade que ainda se encontra estruturada nos modelos patriarcais e machistas, onde a mulher em situação de violência é sempre culpada pela agressão.

Trecho 09 – (Participante 09)

[...]

Considerando que a mulher ganhou seu espaço na política, no trabalho e outras áreas é inadmissível perceber que a violência contra ela também aumentou. Em muitos casos são seus próprios maridos os atuantes dessa covardia, as vezes por ela possuir mais autonomia, por usar roupas curtas, ter amigos homens, em fim todos os motivos banais existentes, visto que nada necessite de tal atitude.

“Considerando que a mulher ganhou seu espaço na política, no trabalho e outras áreas é inadmissível perceber que a violência contra ela também aumentou” Nesse excerto, o sujeito responsivo do sexo feminino traz uma posição axiológica valorativa sobre a incoerência refletida na característica desproporcional de ser mulher em uma sociedade machista. De um lado, verifica-se a ascensão da mulher na sociedade brasileira; do outro o aumento da violência contra elas. Nesse momento, os discursos sociais entram em embates, pois, ao mesmo tempo em que há vozes a favor da conquista feminina, há também vozes que repulsam essa ascensão social, apoiando-se no discurso patriarcal e machista, trazendo como consequência a agressão à mulher. Essa violência é feita, muitas vezes, pelo próprio companheiro, como expressa a voz do sujeito responsivo: “*Em muitos casos são seus próprios maridos os atuantes dessa covardia*”. Aqui há um diálogo com outras vozes femininas. Nas pesquisas de Soihet (2020), o homem pobre do século XX encontrava abrigo seguro nas mulheres que trabalhavam, mas, ao ficar desempregado ou quando a mulher se tornava mais independente, ele reagia agressivamente. Sobre essa relação de poder entre o casal, a autora declara:

Não conseguiam, porém, desfrutar uma relação mais igualitária com suas companheiras, já que sobre eles incidiam o estereótipo dominante de que a mulher era sua propriedade privada sobre a qual tinha um poder ilimitado. A insegurança e a frustração decorrentes da impossibilidade de exercer concretamente o papel que lhes era prescrito exacerbavam sua agressividade. (SOIHET, 2020, p. 380)

O sujeito discursivo “reelabora dialogicamente os discursos sociais em discursos meus alheios” (FARACO, 2021). A autora desse discurso usa a palavra “covardia” para expressar a indignação, focando a atitude do agressor e não da mulher vitimizada.

Depois, descreve ações de empoderamento que a mulher assume, mas que não é aceita por algumas pessoas como: “*por ela possuir mais autonomia, por usar roupas curtas, ter amigos homens*”. Neste momento, o sujeito ocupa o lugar de mulher com a sua

historicidade. Desse modo, como afirma Bakhtin, o sujeito é social, mas, ao mesmo tempo, único e singular. Nesse trecho em destaque, percebe-se que há vozes sociais que dialogam com o tempo. Na história feminina, a tortura masculina sempre dominava tanto nos lares como em espaços públicos, conseqüentemente, a mulher tinha que se submeter aos mandos do seu senhor, inclusive, na escolha do vestuário e das amizades. Essa condição é dialogada pela voz axiológica presente no trecho: “*por usar roupas curtas e ter amigos homens*”. Por muito tempo, as vozes repressoras atingiam a integridade física e psicológica das mulheres, no entanto essa situação ainda é presenciada nos dias atuais por muitos cidadãos e cidadãs. Quando o movimento feminista representou as vozes silenciadas das mulheres aprisionadas pelo medo de represálias, buscando o direito de ser respeitada, de não sofrer nenhum tipo de violência, encontrou barreiras, pois as mulheres ainda eram consideradas propriedade de seus pais, maridos, irmãos ou membros da família. O movimento feminista provocou o embate de vozes axiológicas para se constituir uma sociedade mais igualitária. Essa voz social expressa no texto representa o pensamento machista que ainda se encontra na sociedade soteropolitana.

Feitas as análises das produções textuais do Enem 2015 sob a perspectiva da fase bakhtiniana, espera-se que as discussões sobre análises de textos na LT não se encerram por aqui. Elas podem e devem continuar em outros momentos e espaços, inclusive, escolares. Assim sendo, seguem as considerações finais da pesquisa até aqui examinada.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou analisar o texto, pautado, sobretudo, nas reflexões da fase bakhtiniana da Linguística Textual (LT), observando os embates das vozes sociais presentes nos enunciados e como elas dialogam entre si. Vale ressaltar que esse estudo não separou a língua dos valores axiológicos presentes no texto, como fazem os estudos da linguística formalista na morfologia, sintaxe e fonologia. A fase bakhtiniana ampliou os estudos da sociocognitiva interacional ao trazer, para a análise de texto, a camada histórico-ideológica, bem como os signos semióticos. Essa fase da LT apoiou-se nas ideias do filósofo russo que concebe a linguagem como “atividade dialógica, eminentemente social, oriunda das efetivas práticas discursivas, debruçando sobre a linguagem viva, semiótica, munida de entonações histórico-ideológicas” (HEINE, 2017, p. 349)

Assim, esta pesquisa levou em consideração a concepção de texto na fase bakhtiniana, que busca acrescentar o dialógico, o semiótico e a camada histórico-ideológica como constitutivo dos enunciados. No caso da ideologia, evidenciou-se que não há neutralidade no jogo dos enunciados. A ideologia provém das diferentes esferas sociais (a religião, a arte, a moral, a ciência, a ética, a filosofia etc.), e do signo, entidade linguístico-semiótica que expressa sempre uma posição avaliativa, pois não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica. (HEINE, 2017, p. 357)

Durante as análises, entendeu-se que o signo no Círculo de Bakhtin é linguagem, é discurso, que se torna vivo na interação com o outro centro axiológico, portanto não se deve estabelecer um hiato entre o signo ideológico e o sujeito bakhtiniano, pois eles estão imbricados. Por haver múltiplos discursos sociais, não se pode absorver todos. O processo de assimilação desses discursos se dá pelas relações dialógicas. Desse modo, para o Círculo de Bakhtin, o sujeito discursivo é ideológico, “é um ser heteroglóssico, dizendo em outras palavras, em cuja consciência, na concepção bakhtiniana habitam múltiplas vozes sociais em contínua dialogização interna e externa, quer dizer, as relações dialógicas ocorrem na própria consciência.” (FARACO, 2021, on-line).

Dessa maneira, observou-se o processo dialógico na construção dos discursos, bem como a apropriação dos enunciados pelos sujeitos responsivos que, ao responderem axiologicamente, tomaram posições frente a valores e reagiram às palavras do outro. O candidato do Enem, ao se deparar com os textos impressos na prova, posicionou-se respondendo axiologicamente ao tema proposto num processo também dialógico com

outros textos, envolvendo os conhecimentos de mundo, compartilhados, intencionais, ideológicos dentre outros. Nessa forma enunciativa, os sujeitos sociais produziram enunciados ideologicamente construídos, provando assim que a interação não ocorre apenas face a face, mas também na escrita dialógica com outros enunciados.

As análises até aqui selecionadas dos participantes de Salvador mostraram o embate de vozes ideológicas sobre o tema *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*. As posições valorativas dos sujeitos responsivos foram refratadas após discutir com os enunciados reproduzidos socialmente nos quais a mulher era vista como inferior, submissa e por isso não devia ocupar espaços físicos e sociais destinados aos homens.

Em outros momentos, as análises mostraram que os sujeitos responsivos dialogaram com as palavras de um discurso machista para se posicionar contra esse discurso, manifestado nos excertos: *“porém não se resume em reconhecer a mulher socialmente, mas também acabar com a violência contra à mesma”* (Participante 01); *“O feminicídio começa com o preconceito, com a ideia da sociedade de rotular a mulher como “sexo fragil”, filosofia implantada pelo patriarcado”* (Participante 03); *“Além disso, o fato de muitos homens acreditarem que “lugar de mulher é na cozinha” evidencia um grave e ultrapassado pensamento, que é reflexo de como as brasileiras eram tratadas no passado”* (Participante 4). Revelando haver uma tendência de rompimento dos discursos machistas impostos durante séculos em uma sociedade regida pelo patriarcado.

Por outro lado, verificou-se nas análises que os participantes de escola pública estadual de Salvador dialogaram com as vozes axiológicas no campo da afetividade, ora trazendo ideias em relação à subordinação da mulher nos relacionamentos abusivos. Ora afirmando que a violência dos homens contra as mulheres influencia a orientação sexual delas, como consta nos excertos: *“tornando mais difícil a socialização e o matrimônio entre homem e mulher no Brasil, o que vem acontecendo bastante na sociedade são mulheres que procuram se socializar ou relacionar com pessoas de mesmo sexo”* (Participante 02); *“Nota-se também que na maioria das vezes o agressor e [é] membro da família ou amigo da mesma.”* (Participante 5). Esses discursos entrecruzam as vozes homofóbicas, reproduzindo preconceitos contra pessoas com orientações sexuais ou de gênero minoritárias, ao tentar justificar que a violência contra a mulher no relacionamento hétero provoca a “escolha” de um relacionamento do mesmo sexo.

Depreende-se dessas análises um embate de vozes axiológicas que repulsa o machismo social, reconhecendo que a ascensão feminina ainda incomoda muitas pessoas e que, por isso, a violência contra a mulher persiste na sociedade do século XXI.

Diante das análises, comprova-se que os textos apresentaram vozes axiológicas que foram dialogadas com outras vozes, sendo, portanto, o texto um evento dialógico que revela sua camada histórico-ideológica e o sujeito discursivo um ser heteroglóssico, pois assimila as vozes diversas em múltiplas relações, havendo, assim, uma espécie de dialogização interna e externa. Essas relações dialógicas ocorrem na própria consciência, em um processo contínuo. Esse pensamento é reforçado com as palavras do linguista gaúcho:

As coisas vêm de fora, mas elas funcionam dentro. Então, o encontro, o movimento da dialogização garante ao sujeito discursivo uma autonomia, uma autonomia desse embate, o encontro das vozes, o encontro das vozes abre espaço para o sujeito discursivo se individualizar, se singularizar. (FARACO, 2021, on-line)

Desse modo, o sujeito responsivo recria o discurso apresentando outras possibilidades de sentido. Ao escrever a proposta de redação, o participante traz outras vozes em determinado ao discurso dito. Ele produz enunciados metamorfoseados, apresentando traços da singularidade, haja vista que não são ditos neutros, mas enunciados que ponderam o espaço, o tempo e os interlocutores. Ocorre, portanto, uma metamorfose dos enunciados já ditos, acrescidos de outros valores.

Nas análises dos textos produzidos pelos participantes do Enem, os sujeitos responsivos se posicionaram, deixando transparecer, nos enunciados concretos escritos, as forças sociais vivas que são atravessadas pela avaliação social viva, dialoga com os textos motivadores e outras vozes.

Esta pesquisa não se esgota aqui, mas traz reflexões para se pensar em um ensino de língua que analisa as vozes axiológicas nos textos e permite que os sujeitos responsivos se posicionarem não apenas reproduzindo vozes, mas refletindo e refratando a realidade, condicionados, principalmente, pela singularidade, pelo lugar onde só ele ocupa, pois, todo ser é único, mesmo ocupando lugares que muitos ocupam.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Palmira Heine. **Notas da Banca de Qualificação de Myrian Sales**. UFBA, 2021

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução: Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2011.

_____. **Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 245 - 287.

BEAUGRANDE, R. A, & DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-31

_____. **Importância e necessidade da obra O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. In: MEDVIEDEV, Pável Nikoláievintch. O Método formal nos estudos literários - introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016. E-book Kindle.

_____. **Prefácio**. In: VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. **Bakhtin desmascarado: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012, p. 27 – 81.

CASTRO, Gilberto de. **O Marxismo e a ideologia em Bakhtin**. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 175-202.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

CHAUÍ, Marilena. O que é Filosofia? 2004. Disponível em: <www.sabotagem.cjb.net>. Acesso em 12 mar. 2019.

COSTA, Luiz Rosalvo. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin: e os embates no discurso de divulgação científica da Revista Ciência Hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

_____. **Filosofia da linguagem e ideologia no Círculo de Bakhtin**. 2018. A Palo Seco - Escritos de Filosofia e Literatura / São Cristóvão (SE), N. 11, p. 7-17, Jan-Dez/2018. Disponível em: https://gefelit.net/apaloseco/A_Palo_Seco_n.11_p07_Luiz_Rosalvo_Costa.pdf. Acesso em 26 abr. 2019.

DUTRA, Eliúde de Oliveira. **Crítica de Marx à teoria hegeliana do estado: uma leitura da obra crítica à filosofia do direito de Hegel**. Vol. 6, nº 2, 2013. www.marilia.unesp.br/filogenese. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/eliudedutra.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e Autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª ed. S.P: Contexto, 2013 p. 37 – 60

_____. Posfácio. In: **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução: Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p 147 – 158.

_____. Palestra 5: A noção de autoria em Bakhtin e sua contribuição para a leitura. Proferida no GEADAS I CIESD – Congresso Internacional de Estudos Sociodiscursivos & VI SENAL – Seminário Nacional de Alfabetização e Letramento, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U47ycDs6-zI> Acesso em 21 out. 2020.

_____. Aulas 06, 07, 08 e 09. Curso **Bakhtin: linguagem e cultura**, 2021. Disponível em: <https://ead.abralin.org/login/index.php>. Acesso em 21 08 abr. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GOMES, **As propostas de produção escrita nas provas de redação da UNIFAP: Da redação endógena/escolar ao gênero textual**. Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP, Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a Junho de 2011.

GRILLO, Sheila Camargo. Prefácio: A obra em contexto: tradução, história e autoria. In: MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**; tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016. Edição do Kindle.

HEINE, Lícia. **Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito Ideológico**. Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Vol. 21, n. 2 2008 Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1460/0>>. Acesso em 10 out. 2019

HEINE, Lícia Maria Bahia; HEINE, Palmira Virgínia Bahia (Org.). **Entre o Texto e o Discurso**. Simões Filho: Kalango, 2011.

HEINE, Lícia; HEINE, P. V. B. **Incursões sobre a Linguística no século XX com foco na Linguística Textual**. 1 ed. v. 01. (Coleção eLivro EDUFBA – PROPCI), Salvador: EDUFBA, 2012.

HEINE, Lícia et al. **O Texto no Livro Didático: reflexões e sugestões. O texto no livro didático: reflexões e sugestões**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

HEINE, Lícia Maria Bahia. **A fase bakhtiniana da Linguística Textual**. In: HEINE, Lícia [et al] (Org.). **Sujeito e discurso: diferentes perspectivas teóricas**. Salvador: EDUFBA, (p. 83-122), 2015.

_____. **Por que uma nova fase da linguística textual?** Letras em Revista (ISSN 2318-1788), Teresina, V. 08, n. 01, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/45>. Acesso em: 20 ago. 2017.

HEINE, Lícia; SOUZA, Iracema; SALES, Myrian. **O Texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase na Linguística Textual**. In: **Inquietações do texto e do discurso: interpelações, debates e embates**. HEINE [et al] (Org.). 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2018.

HEINE, L. M. B. **Análise do discurso**. In: SANTOS, E. (org.). **Discursos e poderes: linguagem, teorias e análises**. Salvador: Edufba, 2018a. p. 191-210.

HEINE, Lícia Bahia; SALES, Myrian C. C. R. **Enunciado metamorfoseado: contribuições de Bakhtin e Volochínov para estudo do cartaz de Rosie**. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 9, n. 16, jan./jun. 2020. P 265 – 281. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeducplings/article/view/6566>. Acesso em 20 maio 2020.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed.; São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grundelf Villaça. **Introdução à Linguística Textual: Trajetória e grandes temas**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. **Do cognitivismo ao sociocognitivismo**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **PROVAS E GABARITOS ENEM 2015**. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>>. Acesso em 4 nov. 2019.

LENZ, Cristiane. **Relações entre signo e ideologia na leitura materialista de Bakhtin / Volochínov**. Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli | V.3. N.3, JUL-DEZ. 2014, p. 15-27. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/03ac/6a5763971a600b6e8089426064d24f0a0c22.pdf>. Acesso em 20 jan. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos)

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica; tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016. Edição do Kindle.

NETTO, José Paulo. **Ideologia em Marx, Engels e Lukács**. In: I Curso Livre Lukács, 26 de fevereiro, 2016. Boitempo Editora PUC – SP Edição Prof. Guilherme Howes. Conteúdo para uso didático. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PO42EKGODCA>. Acesso em: 23 mar. 2020

POLACHINI, Nathália Rodrighero Salinas. **Redações do ENEM/2012**: réplicas ativas nas múltiplas vozes. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22052015-095219/pt-br.php>. Acesso em: 30 abr. 2019.

PONZIO, Augusto. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução: Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SALES, Myrian C.C.R. **Construção de sentidos em livros didáticos: uma abordagem dialógico-textual**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 117, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26313>. Acesso em 12 mar. 2019.

SÉRIOT, Patrick. **Volosinov e a filosofia da linguagem**. Tradução Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2020.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia**. Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. A construção das vozes no Romance. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução,

Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

YAGUELLO, Marina. **Introdução**. In: BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 (p. 11 – 19).

ZENKINE, Serge. **Os desmascaradores incompetentes**. Revista Bakhtiniana, São Paulo, Número Especial: 184-194, Jan./Jul. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v9nspe/06.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019
(Este texto de Serge Zenkine foi publicado no Cahiers du monde russe [En ligne], 52/4 | 2011, com o título «Jean-Paul Bronckart, Cristian Bota, Bakhtine démasqué». Acesso em 31 maio 2012.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. O Outro da personagem: Enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p. 108 – 118.